Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Silva, Rui Rafael Viegas Messena Ferreira da

Lugar de memória e processo de identidade : construir no construído

http://hdl.handle.net/11067/8025

Metadados

Data de Publicação 2024

Resumo Este trabalho de investigação explora o papel da arquitectura na formação e preservação da identidade dos lugares. Centra-se na definição dos elementos de composição dos lugares, no processo de identidade dos mesmos e na forma como a arquitectura tem influenciado a evolução das identidades ao longo do tempo. Através dos estudos de caso e da bibliografia que consideramos relevante, examina-se o impacto da contemporaneidade na flutuação de identidades a nível mundial e, destaca a forma como algun...

This research paper explores the role of architecture in shaping and preserving the identity of places. It focuses on the definition of the compositional elements of places, the process of place identity and how architecture has influenced the evolution of identities over time. Through case studies and the bibliography we consider relevant, it examines the impact of contemporaneity on the fluctuation of identities worldwide and highlights how some places have enriched their identities, while o...

Palavras Chave Arquitetura, Teoria da arquitetura, Património, Lugar, Mogadouro - Bemposta

Tipo masterThesis

Revisão de Pares Não

Coleções [ULP-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-29T22:12:22Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

LUGAR DE MEMÓRIA E PROCESSO DE IDENTIDADE
CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

Rui Rafael Viegas Messena Ferreira da Silva



ARQUITECTURA

24 | 25

Professor Doutor João Martins Cardoso

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA
CITAD CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TERRITÓRIO, ARQUITECTURA E DESIGN UNIVERSIDADE LUSÍADA
UNIVERSIDADE LUSÍADA
faculdade de arquitectura e artes

UNIVERSIDADE LUSÍADA DO PORTO

Lugar de Memória e Processo de Identidade

Construir no Construído

Rui Rafael Viegas Messena Ferreira da Silva

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre

Porto, 2024

UNIVERSIDADE LUSÍADA DO PORTO

Lugar de Memória e Processo de Identidade

Construir no Construído

Rui Rafael Viegas Messena Ferreira da Silva

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre

Orientada pelo Professor Doutor João Martins Cardoso

Porto, 2024

AVISO LEGAL

O conteúdo desta tese reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta tese pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta tese, o/a autor(a) declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção referências. O autor, declara, ainda, que não divulga na presente tese quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

A presente dissertação não segue o novo Acordo Ortográfico

Declaração sob compromisso de honra

(Artigo 6.º, n.º2 das Normas e orientações para a submissão de trabalhos académicos na plataforma Urkund para deteção de similaridade e plágio)

Eu, abaixo assinado, tenho consciência de que a prática de plágio consiste numa forma de violação da integridade académica, constituindo um crime punível por lei com relevância nos regimes disciplinar, civil e criminal.

Nesse sentido, declaro por minha honra que a dissertação/tese apresentada é original e que todas as fontes, incluindo as da minha autoria, estão devidamente identificadas e referenciadas.

Porto, 11 de Dezembro de 2024

O (A) Estudante



Agradecimentos

O meu profundo agradecimento ao Professor Doutor João Martins Cardoso, cuja inestimável orientação, partilha de conhecimento e dedicação, foram essenciais ao longo destes anos.

A nível pessoal, gostaria de agradecer o encorajamento e a paciência da minha família, cujo apoio incansável, permitiu-me sair do "limbo". O facto de acreditarem em mim, e ouvirem os meus devaneios, manteve a minha motivação viva durante as fases mais difíceis deste percurso.

A todos vós o meu obrigado.

Indíce

Indíce de Figuras X

Indíce de Diagramas XXI

Resumo XXII

Abstract XXIII

Introdução 1

Capítulo I

1 As Idiossincrasias do Sentido de Lugar

1.1 Lugar Ocupado 10

1.2 Lugar Estruturado 18

1.3 Lugar Simbólico 30

1.4 Lugar Identidario 44

1.5 Lugar Globalizado 56

Capítulo II

2 A Identidade do Lugar

2.1 Identidade 66

2.2 Processo de Identidade 86

2.3 Lugares de Memória 102

2.4 Património nos Lugares de Memória 114

2.5 Casos de Estudo 128

Capítulo III

3- O Ensaio Projectual

3.1 Enquadramento e Identidade Regional 138

3.2 Contexto e Memória do lugar 144

3.3 O Construir no Construído - Metodologia de Intervenção 152

3.3.1 Cenário Estratégico 160

3.3.2 Centro de Convívio e Cultural de Bemposta 168

Conclusão 182

Bibliografia 198

Anexos 196

Indíce de Figuras

Figura 1- Contraste da paisagem natural humanizada e construída, Central Park, Manhattan, Nova York **11**

Fonte: *http:https://i.pinimg.com/originals/b6/81/ea/b681eae0df293cb97c57a69581e2f3d6.jpg*

Figura 2- "The Monster Building" em Hong Kong. Autoria de Tristan Zhou **12**

Fonte: *https://www.tristanzhou.com/the-monster-building*

Figura 3- Basílica de Santa Maria della Salute, Veneza Itália **15**

Fonte: *https://i.pinimg.com/originals/f2/85/e5/f285e5185f2093cc1399d274c23ebbf3.jpg*

Figura 4- .Os cinco sentidos . Ilustração de Mads Berg **19**

Disponivel em: *https://i.pinimg.com/564x/d8/88/4f/d8884f9480d022fd78fb776c248082a1.jpg*

Figura 5- Chapel of Sound, Chengde, China. Projecto de OPEN Architecture, onde se procurou "ver a forma do som" na sala de espectáculos, definindo aberturas como áreas de absorção do som e ligação com o exterior **21**

Fonte: *https://www.archdaily.com/972823/monolithic-concert-hall-open-architecture/61a75b4af91c81775200003d-monolithic-concert-hall-open-architecture-photo*

Figura 6- The Art of Scent, Museu de Arte e Design, Nova Iorque. Instalação lançada a centrar-se na fragrância como um meio artístico e não apenas como um produto de consumo **23**

Fonte: *https://cdn.mos.cms.futurecdn.net/cxrfR2vwPe3bDHfiadHe6P-320-80.jpg*

Figura 7- Centro Cultural, Santa Lucía del Camino, Mexico. Projecto de Mendaro Arquitectos, onde a luz como protagonista, pode realçar a arquitetura, acrescentando um forte valor estético e emocional **25**

Fonte: *https://www.archdaily.com/868849/edificio-del-archivo-historico-del-estado-de-oaxaca-mendaro-arquitectos*

Figura 8- Palazzo Punta dei Diamanti, Roma, Itália. Edifícios com ângulos agudos e superfícies contrastantes são frequentemente percecionados como duros, ásperos ou pesados. **26**
Fonte: *https://i.pinimg.com/564x/d7/9c/2d/d79c2d876d03b47240011eeeee14e4ce.jpg*

Figura 9- O simbolismo dos lugares, ilustração de Yoonjae Kim. **31**
Fonte: https://www.behance.net/gallery/11228527/Touristic-icon-design

Figura 10- Catedral de Santa Maria del Fiore, um poderoso símbolo da cidade de Florença, Itália. **33**
Fonte: *https://i.pinimg.com/originals/a7/b6/26/a7b626898a94f81daa4980088b5b1e62.jpg*

Figura 11- A atmosféra da cidade de Ronda, Espanha. **35**
Fonte: *https://i.pinimg.com/564x/90/8a/24/908a24c15f987c374e8b9cf30e1d0cb1.jpg*

Figura 12- Contraste entre a noite e o dia, na cidade de Barcelona. **37**
Fonte: *https://i.pinimg.com/564x/71/f6/ee/71f6eeeb860409bde21782ac7c86e37e.jpg*

Figura 13- Museu do Louvre, Abu Dhabi. Tributo do arquitecto
Jean Nouvel à natureza, inspirado nas folhas de palmeiras que filtram e suavizam a luz **39**
Fonte: *https://i.pinimg.com/564x/56/64/f8/5664f883b201fab16271ecaca2246d72.jpg*

Figura 14- "Para conceber edifícios com uma ligação sensorial à vida, é preciso pensar de uma maneira que vá muito além da forma e da construção." Citação do arquitecto Peter Zumthor sobre projeto da Capela de Bruder Klaus, Wachendorf, Alemanha **43**
Fonte: *https://divisare.com/projects/349303-peter-zumthor-rasmus-hjortshoj-coast-bruder-klaus-feldkapelle*

Figura 15- Lótus da Memória Colectiva, Homem, Edifício, Ambiente. Aldo Rossi representa a cidade através de uma colagem de memórias e lugares significativos. **45**
Fonte: *https://i.pinimg.com/originals/39/f7/71/39f77154fcdee7644a9b079a71afef4f.jpg*

Figura 16- Igreja Ibaraki Kasugaoka, Osaka, Japão. Projectado por Tadao Ando, através da luz procura definir e criar novas percepções espaciais, de forma igual, se não superior, à das suas estruturas de betão. **49**
Fonte: *https://i.pinimg.com/736x/54/03/6c/54036c96893984a907e3595f3ef89a1a.jpg*

Figura 17- Museu Damião de Góis e as Vitimas da Inquisição, Alenquer, Portugal. O escritório Spaceworkers, intervem numa igreja, que esvaziada dessa função, passa a ser um espaço "contentor" com identidade própria. **51**
Fonte: *https://amazingarchitecture.com/museum/spaceworkers-designed-damiao-de-gois-museum-and-the-victims-of-the-inquisition-in-alenquer-portugal*

Figura 18- Reflexo do antigo no novo, alegoria às camadas da arquitectura ao longo do tempo. **53**
Fonte: *https://i.pinimg.com/originals/97/b2/57/97b25779243b3b8d4fed2fff5e84710e.jpg*

Figura 19- Jardine House, Hong Kong. Concluído em 1973, é o primeiro arranha-céus de Hong Kong. Fotografia da autoria de Maik Lipp. **57**
Fonte: *https://i.pinimg.com/564x/f3/7a/a5/f37aa5ac4c0f5a45ce9f854d087ad70b.jpg*

Figura 20- A futura Manhattan, Nova Iorque, imaginada por Richard Rummell por volta de 1910-1911. **59**
Fonte *https://futurism.com/_next/image?url=https%3A%2F%2Fwordpress-assets.futurism.com%2F2017%2F02%2Fmanhattan.jpg&w=828&q=75*

Figura 21- "Allies". Os mergulhos do caos urbano, pintura de Amy Casey. **61**
Fonte: *https://www.amycaseypainting.com/2012?lightbox=image1zsr*

Figura 22- Ilustração sobre o "auto-conceito" de uma pessoa. **67**
Fonte: *https://4.bp.blogspot.com/-lWVl_nw3Xlk/UNGJeWiCKjI/AAAAAAAACos/whrv-9vURogg/s1600/14737877-vector-symbol-of-question-mark-isolated-on-white-background.jpg*

Figura 23- Porto, Identidade da Cidade e Proposta de Branding. Ilustração de Non-Verbal Club. **69**
Fonte: *https://www.behance.net/gallery/19950165/Porto-City-Identity-and-Branding-Proposal*

Figura 24- Castelo de Chambord, estilo Renascentista francês que combina as formas medievais francesas tradicionais com as estruturas clássicas italianas **73**
Fonte:*https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/Vue_g%C3%A9n%C3%A9ral_du_Ch%C3%A2teau_de_Chambord_et_reflet_sur_le_canal.JPG*

Figura 25- "Avanzi del Tempio del Dio Canopo nella Villa Adriana in Tivoli" Iconografia das ruinas de um templo do Deus Canopus, em Tivoli, por Giovanni Battista Piranesi em "Vendute di Roma" **83**
Fonte: *https://www.wikiart.org/en/giovanni-battista-piranesi/remains-of-the-temple-of-the-god-canopus-in-hadrian-s-villa-at-tivoli*

Figura 26- Fachada de um prédio na Rua da Madeira, Porto, Miguel Januário, 2015. Intervenção com a coloboração da população na criação de um painel comunitário sobre a identidade cidade do Porto. **87**
Fonte: *https://it.pinterest.com/pin/25684660370157376/*

Figura 27- Little Italy, Nova York, Estados Unidos da America. Bairro de Manhattan, assim chamado por ter sido ocupado por um grande número de ítalo-americanos durante o início do século XX. **91**
Fonte: https://i.pinimg.com/564x/fb/f0/11/fbf01197d76f9f7bd3c22718368dccdb.jpg

Figura 28- Street Moves, projecto de Lundberg Design. A iniciativa permite que as comunidades locais se tornem co-arquitectos do traçado das suas próprias ruas, através de workshops e consultas. **101**
Fonte: *https://www.bloomberg.com/news/features/2021-01-05/a-tiny-twist-on-street-design-the-one-minute-city*

Figura 29- "Etherea" . Através de esculturas transparentes, Edoardo Tresoldi cria uma experiência em que evoca a memória da arquitectura clássica, amplificano ou reduzindo a distância entre o homem e o céu. **103**
Fonte: *https://i.pinimg.com/564x/ea/6c/1e/ea6c1e2637d20622b3fe23bedac1c481.jpg*

Figura 30- Todos os anos, ao meio-dia de 21 de abril (data tradicional do nascimento de Roma), os raios de sol incidem perfeitamente na porta de entrada do Panteão, em Roma. **105**
Fonte: *https://www.edoardotresoldi.com/works/etherea/*

Figura 31-Facultade de Arquitectura, Tournai, Bélgica. Projecto de ampliação de Aires Mateus, ocupa o interior de um quarteirão histórico onde coexistem edifícios de diferentes identidades e épocas. **111**
Fonte: *https://images.adsttc.com/media/images/59c2/7ff2/b22e/3819/e700/001c/slideshow/LOCI013.jpg?1505918955*

Figura 32- Convento Saint-François, Córsega, França. Classificado como monumento histórico, em ruínas e inativo. Projeto de reabilitação de Amelia Tavella, teve de o reconstruir sem se separar dos vestígios do passado. **113**
Fonte: *https://images.divisare.com//images/c_limit,f_auto,h_2000,q_auto,w_3000/v1631281284/nt5mlz4r4pepfcjlskgf/amelia-tavella-thibaut-dini-convent-saint-francois.jpg*

Figura 33-"Rovine del Sisto; o sia della gran sala delle Terme Antoniniane" Iconografia das ruinas de Sixtus e das termas de Antonine, por Giovanni Battista Piranesi em "Vendute di Roma". **115**
Fonte: *https://www.wikiart.org/en/giovanni-battista-piranesi/ruins-of-sixtus-or-both-of-the-great-hall-of-the-antonine-baths*

Figura 34-Entrada principal da cidade medieval de Carcassonne, França, cuja data de construção data entre os séculos IX e X **117**
Fonte: *http://www.carcassonne.culture.fr/img/c3-4o.jpg*

Figura 35- Il Restauro dei Monumenti, escrito por Gustavo Giovannoni. **121**
Fonte: *https://www.libroco.it/dl/Giovannoni-Gustavo/Tipografia-Editrice-Italia/isbn/Il-restauro-dei-monumenti/cw339801808174296.html*

Figura 36- Planta de um quarteirão renascentista, por Gustavo Giovannoni. **123**
Fonte: *https://www.ilgiornaledellarte.com/Articolo/Giovannoni-lingegnere-umanista*

Figura 37- Igreja do séc. XIV submersa no Lago di Resia , Itália. Lago artificial criado em 1950, onde 163 casas e 523 hectares de terra para cultivo, foram submergidas após a construção de uma barragem. **127**
Fonte: *https://i.pinimg.com/564x/a7/81/bd/a781bd383e97e3513349fbfe409786f1.jpg*

Figura 38- Vista exterior do moinho, perspéctiva esclarecedora da interacção dos volumes novos com o existente. **129**
Fonte: *http://www.archdaily.com/200309/el-pintado-tidal-mill-manuel-fonseca-gallego-javier-lopez-ramon-pico/_mainimage_08*

Figura 39- Planta do conjunto **129**
Fonte: *https://www.archdaily.com/200309/el-pintado-tidal-mill-manuel-fonseca-gallego-javier-lopez-ramon-pico/plan-03-187*

Figura 40- Vista interior da sala de moagem **129**
Fonte: *http://www.archdaily.com/200309/el-pintado-tidal-mill-manuel-fonseca-gallego-javier-lopez-ramon-pico/33-25*

Figura 41- Corpo de entrada do novo volume em conjunto com a antiga fábrica de Cerveja **131**
Fonte: Arquitectura Ibérica Nº 26 Madeira, Maio 2008, pagina 75

Figura 42- Estrutura adaptável que se molda respeitando o existente. **131**
Fonte: Arquitectura Ibérica Nº26 Madeira, Maio 2008, pagina 73

Figura 43- Planta da exposição **131**
Fonte: *https://architizer.com/idea/205668/*

Figura 44-Vista interior do pátio da Pousada **133**
Fonte: *http://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira/5583990ae58ece17370000c1-santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira-photo*

Figura 45- Planta do Convento **133**

Fonte: *https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira/55839cf9e58ece09c20000d9-santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira-site-plan*

Figura 46- Detalhe dos vãos e da caixilharia oculta. **133**

Fonte: *http://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira/5583988ee58ece09c20000bf-santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira-photo*

Figura 47-Vista do Centro de Visitantes em conformidade com o já existente. **135**

Fonte: *http://www.archdaily.com.br/br/756658/centro-de-visitantes-do-castelo-de-pombal-comoco-arquitectos/54585d20e58ece4c08000291*

Figura 48- Volume do Centro de Visitantes em primeiro plano à direita e o ponto de acesso à Torre de Menagem ao fundo. **135**

Fonte: *http://www.archdaily.com.br/br/756658/centro-de-visitantes-do-castelo-de-pombal-comoco-arquitectos/54585d40e58ece4c08000292*

Figura 49- Planta da Intervenção **135**

Fonte: *https://www.archdaily.com.br/br/756658/centro-de-visitantes-do-castelo-de-pombal-comoco-arquitectos/54585d43e58ece3ef60002a7-pombal-castle-s-visitor-centre-comoco-arquitectos-master-plan*

Figura 50- Parque Natural do Douro Internacional e vista do Alto Douro Vinhateiro,no lugar de Bemposta. **139**

Fonte: *https://www.guiadacidade.pt/static/co/upload_img/2000/1073/thumb_800_1427128635.jpg*

Figura 51- Portugal Continental, Região de Trás-os-Montes e o Distrito de Bragança. **141**

Fonte:*Autoria Própria, 2017*

Figura 52-Barragem de Bemposta em primeiro plano e o povoamento de Cardal do Douro no canto superiror direito, composto pelo Bairro da EDP. **143**
Fonte: *https://3.bp.blogspot.com/-CQjuRC2peo0/Vec0B_G56XI/AAAAAAAAj6g/1Ki8RkgN-pj8/s1600/Barragem%2Bde%2BBemposta%2B4.jpg*

Figura 53- A máscara do chocalheiro de Bemposta, Vestido de linho grosseiro tingido de preto, o chocalheiro de aparece como uma figura tauromórfica. **145**
Fonte: *https: //scontent.ftrn5- 1.fna.fbcdn.net/v /t39.30808-6/421031997_1548334659292754_21276122311444 28337_n.jpg?_nc_cat=105&cc b=1-7&_nc_sid=cc71e4&_nc_ohc=OGwfzLZ_ySYQ7kNvgElcjti&_nc_ht=scontent.ftrn5-1.fna &oh=00_AYCZBZvKym-v1rk0FzQrRSoarLXRcHqyrXs4CeOqGEQ-ORQ&oe=66D3CFC9*

Figura 54- Foral de Bemposta, por D. Dinís, concessao de Lisboa, 27 de Junho de 1315. **147**
Fonte: *Digitalização*

Figura 55- Grupo de Pauliteiros. Sempre que era necessário pedir a esmola para os Santos e festividades, ou acompanhar as procissões, recorria-se aos pauliteiros, que dançam conforme o tipo de esmolas. **151**
Fonte: *https://portugalexpo2020dubai.pt/wp-content/uploads/2019/10/Pauliteiros.png*

Figura 56- Porta tradicional de Bemposta. **153**
Fonte: *https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a4/Porta_tradicional_em_Bemposta.jpg*

Figura 57- Ponte de granito construída no século XVII, que permite a travessia da Ribeira de Bemposta. **155**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 58- Ponte pedonal que dá acesso à Cascata da Faia da Água Alta **159**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 59- Vista Aerea de Bemposta **161**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 60- Planta de Bemposta **163**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 61- Planta de cheios e vazios, analise da área de crescimento da aldeia nas ultimas decadas, assim como o roteiro de Bemposta. **165**
Fonte: *Autoria Própria*

Figura 62- Roteiro de Bemposta composto pelos seguites elementos: 1-Estrada para a Barragem 2-Estrada para Lamoso e Ribeira 3-Antiga Casa do Povo 4-Caminho para Lamoso 5-Capela de Santo Cristo 6-Casa Brasonada, Solar e Capela 7-Pelourinho 8-Casa da Junta 9-Caminho para a Ribeira e Moinhos 10-Capela de D. Sebastião 11-Caminho para Vinhas e Oliveiras 12-Casa Brasonada e Capela de S. Rita 13-Inferno e Saida Subterrânea 14- Igreja Matriz 15-Capela de S.Barbara e Vista para as vinhas 16-Ruínas da Muralha do Castelo. **167**
Fonte: *Autoria própria*

Figura 63- Planta do Conjunto Arquitectónico da Intervenção. **169**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 64- Vista do Centro de Convívio e Cultural de Bemposta **169**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 65- Purgatório subjugado pelo tempo e pela Natureza, habitação que alberga o "Inferno", porta subterranêa que dá acesso a um tunel para os campos de Bemposta. **171**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 66- Intervenção no Puragtório, como um elemento de contemplação, mantendo a sua estrutura e memória **171**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 67- Exempelar da Casa Serrana, vista da Rua da Muralha do Castelo, edifícios ambandonados que fazem fronteira com Purgatorio à esquerda.. **173**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 68- Intervenção na demolição dos edifícios em alvenaria de tijolo abandonados, reconstrução da fachada respeitando cotas e volume, de forma a não criar conflitos visuais e de memória nos habitantes.. **173**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 69- Edifício em ruínas que compõe um dos extremos do conjunto. **175**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 70- Intervenção que consistiu na reabilitação e aproveitamento do existente valorizando a identidade local **175**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 71- Planta de tipos construtivos e estados de conservação: Edifícios em alvenaria de tijolo; Edifícios vernaculares; Edifícios em mau estado de conservação;
Edificios em ruínas. **177**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 72- Planta de novos usos e funções do Centro Cultural: Comissão de Festas e Eventos; Centro de dia; Área Interactiva; Casa do Povo; Biblioteca e Arquivo; Cafetaria e Esplanada Coberta; Museu Etnográfico; Purgatório e Inferno; Espaços Verdes. **177**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 73- Planta da Proposta de Intervenção: 1. Comissão de Festas e Eventos; 2. Centro de dia; 3. Área Interactiva; 4. Casa do Povo; 5.Biblioteca e Arquivo; 6. Cafetaria e Esplanada Coberta; 7. Museu Etnográfico; 8.Purgatório e Inferno; 9. Sistema de circulação externo. **179**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 74- Proposta de intervenção que procurou o equilíbrio entre o novo e o antigo, perspectiva da Rua do Castelo. **179**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 75- Vista da intervenção no interior do Purgatório, ligação ao primeiro piso. **181**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 76- Vista da intervenção no interior do Purgatório, estrutura de madeira realçada e afastada da ruína, realçando o uso contemplativo do espaço de memória. **181**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 77- Planta e Corte de detalhes construtivos **198**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 78- Alçado e cortes da Proposta de Intervenção **199**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 79- Demolição dos edifícios em alvenaria de tijolo abandonados, re-construção da fachada de forma a não criar conflitos visuais e de memória nos habitantes. **200**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 80- Outra face da proposta de intervenção. **200**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 81- Reabilitação das estruturas vernaculares e a introdução de novos espaços verdes. **201**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 82- Demolição de edifícios em alvenaria e tijolo e a introdução de novos espaços verdes. **201**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 83- Vista interior do Centro de Dia, onde antigas estruturas das ruínas são usadas na construção do novo edifício no primeiro piso **202**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Figura 84- Vista interior do Centro de Dia, onde antigas estruturas das ruínas são usadas na construção do novo edifício no rés-do-chão. **202**
Fonte: *Autoria Própria, 2014*

Indíce de Diagramas

Diagrama 1- Esquema ilustrativo da composição dimensional de Sentido de Lugar **75**
Fonte: *Autoria própria*

Diagrama 2- Esquema ilustrativo do processo de Afeição ao Lugar **77**
Fonte: *Autoria própria*

Diagrama 3- Esquema ilustrativo da composição da Identidade de um Lugar **79**
Fonte: *Autoria própria*

Diagrama 4- Esquema ilustrativo da relação "simbiotica" entre o Lugar e o Homem no que toca à Identidade **81**
Fonte: *Autoria própria*

Diagrama 5-Identidade do Lugar e os seus componentes. **93**
Fonte: *Autoria própria*

Diagrama 6- O papel do tempo na formação da identidade **95**
Fonte: *Autoria própria*

Diagrama 7- Principais factores no estudo da identidade **99**
Fonte:*Autoria própria*

Resumo

Este trabalho de investigação explora o papel da arquitectura na formação e preservação da identidade dos lugares. Centra-se na definição dos elementos de composição dos lugares, no processo de identidade dos mesmos e na forma como a arquitectura tem influenciado a evolução das identidades ao longo do tempo. Através dos estudos de caso e da bibliografia que consideramos relevante, examina-se o impacto da contemporaneidade na flutuação de identidades a nível mundial e, destaca a forma como alguns lugares enriqueceram as suas identidades, enquanto outros sofreram erosão identitária devido à modernização e à globalização.

A interacção entre a arquitectura e um lugar tem desempenhado historicamente um papel fundamental na reflexão e formação das narrativas culturais e patrimoniais. O conceito de identidade de um lugar, cada vez mais relevante no discurso arquitectónico contemporâneo, tem raízes profundas na forma como os atributos físicos e psicológicos contribuem para a diferenciação e reconhecimento de lugares. Christian Norberg-Schulz (1979), descreve esta ligação como "tornar-se amigo de um determinado ambiente", salientando os laços emocionais e psicológicos que se formam entre os indivíduos e os espaços que habitam.

Desta leitura reconhece-se que, embora alguns lugares tenham assimilado eficazmente influências modernas como um reforço da sua identidade, outros enfrentam desafios que ameaçam a sua essência histórico-patrimonial e identitária. A arquitectura surge como um elemento substancial nesta dinâmica, quer como um mecanismo de preservação patrimonial, quer como um catalisador da transformação, contribuindo assim para a evolução contínua da identidade dos lugares.

Palavras Chave

Lugar; Identidade; Identidade do Lugar; Lugares de Memória; Património.

Abstract

This research paper explores the role of architecture in shaping and preserving the identity of places. It focuses on the definition of the compositional elements of places, the process of place identity and how architecture has influenced the evolution of identities over time. Through case studies and the bibliography we consider relevant, it examines the impact of contemporaneity on the fluctuation of identities worldwide and highlights how some places have enriched their identities, while others have suffered identity erosion due to modernisation and globalisation.

The interaction between architecture and a place has historically played a fundamental role in the reflection and formation of cultural and heritage narratives. The concept of place identity, increasingly relevant in contemporary architectural discourse, has deep roots in the way physical and psychological attributes contribute to differentiating and recognising places. Christian Norberg-Schulz (1979) describes this bond as 'becoming friends with a particular environment', emphasising the emotional and psychological ties that form between individuals and the spaces they inhabit.

From this reading, it is recognised that while some places have effectively assimilated modern influences as a reinforcement of their identity, others face challenges that threaten their historical, heritage and identity essence. Architecture emerges as a substantial element in this dynamic, both as a mechanism for preserving heritage and as a catalyst for transformation, thus contributing to the continuous evolution of the identity of places.

Key Words

Place; Identity; Place Identity; Places of Memory; Heritage.

Introdução

Qual é o significado de lugar na psicologia ambiental e qual o seu impacto na identidade de uma pessoa? Em psicologia, o conceito de "lugar" refere-se aos espaços físicos e simbólicos que têm significado para o Homem. O lugar, de certa forma, desempenha um papel significativo na formação da identidade de uma pessoa através de vários mecanismos. No que toca à identidade, é influenciada por múltiplos factores, incluindo elementos culturais, genéticos, sociais e ambientais, no entanto, à medida que a ligação de uma pessoa com um lugar se aprofunda, contribui para o seu sentido de identidade, tanto em maior como em menor escala.

Numa escala territorial, "lugares" como nações ou cidades tornam-se parte integrante da identidade de uma pessoa. Numa escala mais pequena, locais como casas, quarteirões, escolas e locais de trabalho, contribuem para a formação de identidades colectivas. Por exemplo, quando duas pessoas se conhecem, é frequente perguntarem: "como te chamas?" e "de onde és?". Estas perguntas realçam a importância dos lugares físicos na definição das idiossincrasias de quem somos.

As pessoas personalizam as suas habitações, espaços envolventes e locais de trabalho como um reflexo das suas preferências e valores com relação aos espaços. Esta personalização ilustra a forma como os indivíduos exercem controlo sobre os seus ambientes, moldando-os de acordo com a sua identidade. Todavia, esta relação é recíproca; os lugares também são moldados pelos ritmos, métodos e dinâmicas das vidas daqueles que os habitam, na noção de quotidiano Por exemplo, a forma como as pessoas interagem com estas diferentes espacialidades, não só exprime a sua identidade, como também influencia o carácter desses espaços, incorporando neles o seu sentido de identidade.

O espaço vivido pelo ser humano, pode ser entendido através dos seus sentidos, onde vivemos e interagimos com o mesmo. O conceito de lugar recebe várias definições, isto por fazer referência à variabilidade das combinações de elementos que interagem com o mundo físico do homem e com a consciência do mesmo, é um verdadeiro ecossistema plural. Aborda vários campos científicos para além da arquitectura, tal como a geografia, a sociologia, a geometria, a ecologia, entre outros.

Lugar não tem só a ver com questões de dimensão ou de memória, representa uma ligação que transcende o mundo físico, englobando nostalgia, alma e ideologia. É a ligação pessoal que se forma com um lugar, o tempo que se passa nele e os pensamentos e conhecimentos adquiridos que se transformam em memórias. A interacção do homem com o lugar é algo que não pode ser deixado de parte, de uma maneira mais ou menos directa. O mal aproveitamento de um pode causar o mau funcionamento do outro. Procurando os pontos fortes de ambos, não só do presente mas também certos elementos do passado, outrora esquecidos, têm se como principio um estudo preciso do que define este lugar e aplicar o que foi seleccionado para que as gerações futuras possam usufruir do mesmo.

Assim sendo, a pertinência deste estudo é o melhor esclarecimento do significado do conceito lugar, identificando com o que o caracteriza, o distingue e o diferencia para o tornar único. Compreender as mudanças na sociedade e impactos nos aglomerados, entender a história de ambos, os pontos-chave, o que os simboliza e influência na vivência reciproca. Entender todas as componentes que determinam a sua identidade, perceber o que o define e de certo modo, ponderar qual a melhor maneira de intervir no mesmo.

A identidade ligada ao lugar, é um conceito plural presente nas discussões em temas relacionados com a antropologia e arquitectura, nomeadamente nos fenómenos urbanísticos ligados no planeamento de território. No entanto, no decorrer deste trabalho de investigação, constatamos desconcordâncias genéricas entre os autores estudados, no que toca à sua definição específica. Assim, pretendemos com este trabalho, explorar as definições de identidade relacionadas com o lugar, realçando as diferentes perspectivas e a compreensão delineada deste conceito.

Em suma, a compreensão da identidade do lugar requer uma abordagem abrangente que considere as relações complexas entre as pessoas, o seu ambiente e os vários elementos que moldam as suas experiências. Ao reconhecer a natureza dinâmica e específica dos contextos que determinam uma identidade, proporcionam-se oportunidades à arquitectura de "navegar" de forma eficaz nas complexidades dos ambientes e contribuir para a criação de espaços multidimensionais, mais inclusivos, adaptáveis e significativos.

O sentido arquitectónico da palavra lugar é um diálogo contínuo entre arquitectos, interpretado fisicamente, através de espaços construídos, e psicologicamente, abordando os fenómenos com os utilizadores do lugar. Para efeitos desta investigação, o lugar vai indicar fragmentos específicos de ambientes construídos, que são vivenciados. Hoje, a forma de preservar a identidade histórica é de grande valor estratégico, englobando a protecção de monumentos de valor arquitectónico, englobando as várias dimensões e valores patrimoniais.

Este trabalho científico tem como objectivos particulares, contribuir para o reforço da aplicação de metodologias orientadas para o processo de reimaginação e reorientação destes espaços, exigindo assim uma compreensão profunda da arquitectura e dos modos de criação de lugares. Os arquitectos contemporâneos devem disciplinarmente enfrentar o desafio de preservar o significado histórico e emocional de um lugar e torná-lo relevante para uma utilização contemporânea. O objectivo não é apenas criar espaços funcionais, mas também fomentar um sentimento de pertença e de comunidade através de uma concepção cuidada que tenha em conta as experiências e memórias dos utilizadores.

Assim, como estrutura, esta dissertação vai se organizar em três capítulos. No primeiro capítulo, epistemologicamente vamos abordar o processo de recolha sensorial que o homem faz em contacto com os lugares através de três circunstâncias: num contexto físico, em que considera a relação entre os indivíduos e os seus ambientes, com ênfase na dinâmica espacio-temporal dos lugares que habitam; num contexto perceptivo, em que os fenómenos entre o lugar e os seus elementos definidores, criam uma atmosfera crucial para a atribuição de significado ao lugar através da percepção humana; e num contexto cognitivo, em que explora a integração da condição humana nos lugares, onde existe uma influência mútua entre o lugar e a identidade.

Trata-se então, de um processo de experiências resultantes da relação recíproca entre o homem e o meio, um intercâmbio constante na partilha de informação, que através da arquitectura, torna-se possível a delimitação dos espaços e o contágio sensorial com o homem. Seja através de sensações captadas pelos sentidos, nomeadamente de ordem visual, táctil, auditiva, olfactiva, ou por ordem emocional, a interacção com o meio tem como resultado todo um processo de percepção de informações e estímulos sensoriais, que variam de pessoa para pessoa. Uma vez que, cada indivíduo interpreta o ambiente que o rodeia de forma singular, recolhe e assimila sensações em função da sua experiência pessoal adquirida ao longo do tempo, entendendo-se, portanto, que a percepção dos lugares seja bastante subjectiva e singular.

Estas experiências sensoriais manifestam se através da interacção constante com os lugares, através de um intercâmbio permanente de partilha entre o lugar e o homem. Os lugares podem de certo modo representar e estruturar a acção e o poder, a ordem cultural e social, a interacção e a separação, a identidade e a memória, que, tal como a arquitectura, aflui e flui, através de questões existenciais fundamentais que lhe dão forma, sentido e identidade.

Segundo Christian Norberg-Schulz (1979), um lugar é, generalmente, o produto de vários efeitos naturais, sociais e históricos, de modo que, um dos objectivos da arquitectura focada em intervenções no património é, reencontrar uma ligação justa do presente com o passado, a pensar no desenvolvimento futuro.

Esta abertura proporcionada por Norberg-Schulz introduz-nos o segundo capítulo, onde iremos explorar o entendimento dos lugares de memória e o que lhes atribui identidade em paralelo com a relação "simbiótica" do homem com os mesmos.

Procura-mos, por um lado, entender de forma específica o funcionamento do processo identitário dos lugares de memória e reflectir a sua influência no processo de identidade humana, assente num processo identitário bilateral, onde a reciprocidade da história de um é a consequência do outro, entendo-se que é fundamental a valorização deste conhecimento, pois cada lugar tem os seus pontos específicos e as suas singularidades, assim como cada indivíduo.

Completamente, procura-se entender a interpretação que o homem faz dos lugares em que está presente e como intervêm nos mesmos à linha do *continuum* [1]arquitectónico. Pretendemos também, avaliar se a especificidade identitária de cada lugar depende apenas da sua história, ou seja, do que se constrói dentro de um determinado tempo, das relações sociais que se encontram e entrelaçam num *locus*[2] específico e que se manifestam no presente através do património.

A fim de entender a importância na qualificação do património arquitectónico, do intercâmbio entre o homem e os lugares ao longo do tempo, assumimos a importância na avaliação das interpretações e das intervenções adoptadas ao longo da história, de forma a tornar-se mais clara a posição do homem no espaço e no tempo.

Continuando o capítulo, na introdução do conceito de "construir no construído", fazemos uma abordagem arquitectónica que "tem as suas raízes no passado e no seu presente, tornando-se mais clara a posição do homem no espaço e no tempo". Fazemos uma revisão da visão estratégica da arquitectura contemporânea, e de como ela é capaz de se integrar em ambientes do passado, valorizando os marcos da história de forma construtiva, sublinhando que para o desenvolvimento da arquitectura actual, é essencial estabelecer um paralelo com estes lugares de memória.

---

1 Aqui entendida como a longa sequência do fenómeno arquitectónico, em que cada momento difere ligeiramente do seguinte. Embora quando se fala dos extremos, revelam notórias sequencias.

2 Palavra proveniente do latim, que significa literalmente "lugar", "posição" ou "local", interpreta como um lugar onde alguma coisa está situada.

O estudo do segundo capítulo, culmina com os estudos de caso onde de forma sistemática e objectiva, procuramos entendimentos justificativos para a quantificação e qualificação do património histórico, em paralelo com as medidas de intervenção que foram adoptadas ao longo do passado histórico. As formas de processamento apresentadas nos casos de estudo, procuram a compreensão do carácter mais amplo do tema e introduzir a orientação geral dos objectivos e acções que foram estrategicamente desenvolvidas no decurso do desenvolvimento do projecto para a conclusão do ciclo de estudos em arquitectura.

O terceiro capítulo, envolve a dimensão da proposta projectual e a demonstração teórica e prática da aplicação das metodologias de identificação e avaliação da relação humana com os lugares, em paralelo com a intervenção em património arquitectónico.

Em síntese, metodologicamente esta dissertação ambiciona demonstrar o seu carácter científico através da vigência de várias etapas: a aquisição de dados através de pesquisa, a consulta de documentação e a revisão de literatura; a caracterização do tema e exploração da interdisciplinaridade; a avaliação de dados e do estudo de autores relevantes; a análise de intervenções arquitectónicas no património ao longo da história para identificação de pontos comuns e diferenças; a organização de dados e conclusões relacionadas com o tema e casos de estudo; o desenvolvimento de um ensaio de projectual em conformidade com o tema e as soluções obtidas durante a investigação.

Os diferentes conteúdos citados na dissertação em idiomas nativos, foram por nos traduzidos para português, para uma maior simplificação e compreensão. As figuras incluídas como suporte aos textos identificam o respectivo autor e a fonte em texto ou em URL. Todas as restantes serão da responsabilidade dos autores deste documento científico.

Capítulo I

1. As Idiossincrasias do Sentido de Lugar

No seu carácter interdisciplinar, a arquitectura está fortemente vinculada à complexa articulação entre o ser humano e os lugares, na medida em que incorpora a condição humana no espaço e no tempo, que no fundo, transpõem expressões da condição humana no mundo. A percepção do lugar decorre dos procedimentos sensoriais e psicológicos que influenciam a identidade e o comportamento, revelando as idiossincrasias que tornam cada lugar único.

Esses mesmos lugares, incorporam memória, cultura e identidade, tendo a arquitectura um papel fundamental na materialização e significação destes elementos, através das suas características físicas e simbólicas. O *genius loci*, ou espírito do lugar, emerge das peculiaridades que o constituem, através dos seus materiais, formas e texturas, que ressoam com a experiência humana, onde a arquitectura transcende a mera funcionalidade, integrando estas experiências e promovendo uma ligação mais profunda entre as pessoas e o seu ambiente.

A contemporaneidade impulsionada pelo consumo e pela tecnologia, enfraquece frequentemente a ligação aos lugares. No entanto, a arquitectura pode comprometer-se a restabelecer essa ligação, potenciando as especificidades únicas dos lugares, criando a subsistência e enriquecendo a relação entre a identidade e o meio, em concomitância com os restantes desafios contemporâneos.

1.1 Lugar Ocupado

Os seres humanos são simultaneamente fenómenos biológicos e formas que moldam e habitam o espaço de acordo com os seus próprios padrões, procurando constantemente a harmonia e o equilíbrio. A adaptação do ser humano às características de cada edifício ou paisagem urbana, cria um mapa por camadas dos numerosos vestígios do passado arquitectónico que se podem ver nas mudanças nos territórios do homem ao longo do tempo. Neste sentido, utilizar a arquitectura como ferramenta para interpretar o passado em benefício do presente é um desafio constante enfrentado por aqueles que vivem e moldam o espaço. Consequentemente, para descrever a relação entre as pessoas e o espaço, esta articulação pode ser dividida em duas realidades distintas inerentes a um determinado lugar ocupado: a realidade sociocultural e a realidade física. (Távora, 1963)

No que diz respeito à realidade sociocultural, esta exprime-se na concepção social territorial, [fig.1] referindo-se à edificação social do espaço através da exclusão e da segregação, à integração dos espaços públicos e privados, às formas de vida, aos espaços relacionais e simbólicos, aos espaços de relações sociais em que se desenvolvem diversas actividades, em suma, a tudo o que está relacionado com a actividade humana no espaço.



Fig.1: Contraste da paisagem natural humanizada e construída, Central Park, Manhattan, Nova York.

A realidade física é constituída pela paisagem da cidade, pelo espaço organizado e pela vida, pelo movimento espacial e pelo espaço simbólico, especificidade que lhe confere uma conceptualização inerente ao agrupamento de pessoas no espaço que ocupam, caracterizado pela densidade populacional, [fig.2] pela diversidade funcional e social. (Macedo, 2020)

As diversas combinações destes factores tornam cada vez mais complexa a definição das dimensões espaciais, todavia, podemos falar de espaços diferentes porque contêm e caracterizam identidades diferentes mas, de certa forma, análogas uma vez que as diversas culturas se manifestam num mesmo espaço físico. É neste tipo de espaços ocupados em que o envolvimento social adquire materialidade, seja naquilo que é constituído pelas cidades que emergem no momento em que a noção primitiva de lugar é substituída pela noção de permuta que mobiliza a vivência social. (Marques, 2018)

Deste ponto de vista, o arquitecto e urbanista Kevin Lynch (2018), define que os espaços ocupados constituem uma interligação das práticas humanas e da comunicação em sociedade heterogéneas, sustentadas em valores e elementos identitários entroncados por sinais físicos e simbólicos. Assim, o espaço ocupado é um conjunto interactivo dentro de uma estrutura material e espacial, também chamada de espaço público, que reflecte as transformações sociais e culturais da sociedade, revelando os seus problemas e potencialidades.

O lugar ocupado pode assumir características de singular ou colectivo, sendo que o espaço colectivo se estratifica para estar mais disponível e acessível e, encontrar-se numa mutação continua para a sua sua utilização diversa. Esta efectiva especificidade surge de diferentes formas num processo contínuo de modernização que incentiva novas competências e experiências para os utilizadores, pois torna-se um espaço onde a informação flui e as pessoas interagem para moldar o espaço à sua maneira. (Ascher, 2010)

Hoje em dia, observa-se um intercâmbio bidireccional do espaço e da sociedade, em que as pessoas constroem e configuram o espaço, por um lado, e o condicionam, por outro, em que uma história é o resultado da outra. Desta forma os espaços ocupados têm de ser multifuncionais e apoiar uma variedade de interacções sociais, pois locais como o lugar físico que está ocupado deve suportar a mobilidade e a presença dos utilizadores no espaço, encorajando simultaneamente diferentes práticas sociais e facilitando as actividades humanas e as relações sociais que moldam a vida quotidiana. (Higino, 2010)



Fig.2: The Monster Building, Hong Kong. Autoria de Tristan Zhou, 2019

Para qualquer projecto, a localização é um factor decisivo e um ponto de partida indispensável, dado que é a relação que se constitui com o espaço que lhe dá sentido arquitectónico de articulação com os objectivos de projecto. Contudo, é importante sublinhar que o valor e o simbolismo de um lugar são mais do que as suas especificidades físicas, e que o lugar não é apenas quantitativo mas, fundamentalmente, qualitativo. (Tavora, 1963)

A conexão relacional entre a arquitectura e aquilo que é o contexto espacial do lugar ocupado [fig.3], permite-nos defender que a prática projectual, acompanhada do pensamento conceptual, é um instrumento que garante a relação entre a arquitectura e o espaço, entre o conceito e o lugar.

Portanto, enquanto elemento qualitativo, o lugar é a expressão de um carácter ou ambiente particular que vai para além das condições programáticas necessárias, mas essenciais, de um determinado espaço o que faz com que se mobilize o potencial desse mesmo lugar para que se revele a sua singularidade (Vieira, 2018). A singularidade de um lugar está condicionada pelas características e fenómenos específicos que o compõem, que permitem e definem a sua experiência, e que configuram um ambiente específico, moldando a sua identidade, contexto experiencial, metafísico e poético. (Siegel, 2012)

De acordo com a interpretação da palavra latina, o lugar é um espaço susceptível de ser ocupado por um corpo, o que faz com que, por etimologia e explicação, um lugar seja um espaço ocupado, isto é, uma paisagem construída ou habitada. Como conceptualização física, fenomenológica e ontológica, o lugar tem gerado muitos debates na crítica arquitectónica contemporânea e essas discussões enfatizam a relevância deste lugar na elaboração de ideias e nas manifestações dos arquitectos, nomeadamente na memória do lugar como espaço-tempo e na compreensão da relação simbiótica que torna possível a presença viva. (Cardoso, 2013)

O lugar ocupado corresponde à experiência de ambientes, paisagens e experiências vivenciadas, sendo que tais manifestações humanas e espaciais são responsáveis por descrever a modernidade como a preservação do passado no presente sem apagar a essência do lugar, da memória e e antes da história, o que faz com que esse espaço ocupado tenha características identitárias, relacionais e históricas, numa busca pela universalidade em que o universal é um lugar sem fronteiras, no sentido em que a vigência formal do espaço, por si só, é insuficiente para entender a perenidade histórica do mesmo. (Marques, 2018)

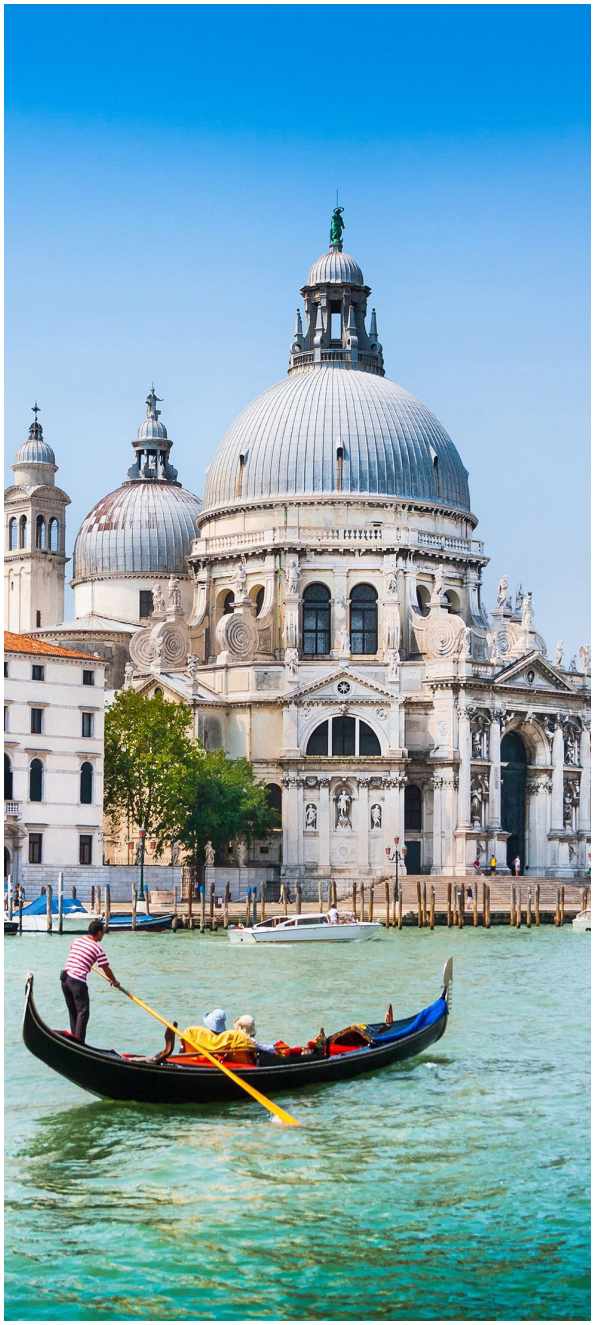


Fig.3: Basílica de Santa Maria della Salute, Veneza, Itália.

As dinâmicas sociais do "*placemaking* [3]" são, portanto, cruciais para preservar e moldar a identidade de um lugar, o que faz com que o entendimento da memória seja crucial para identificar as trajectórias que permitem e facilitam a desconstrução do passado e do presente. Actualmente, os lugares já não são entendidos como contentores de existência permanente, mas como centros de manifestações intensas, focos de dinamismo, fluxos de circulação, espaços de acontecimentos transitórios, encruzilhadas e momentos de energia. (Távora, 1963)

De facto, cada acontecimento e variação na história deve ser visto como uma lição para o presente e para o futuro, porque a história molda a essência de um lugar, dá-lhe memória e identidade e mostra-nos o que devemos evitar mudar ou, pelo menos, preservar. A estreita relação entre a experiência arquitectónica de hoje e o conhecimento do passado é geralmente reconhecida, pois cada decisão prática envolve um juízo histórico sobre acontecimentos passados que justifica o comportamento actual, e cada juízo histórico contém elementos ocultos que podem ser aplicados na prática. (Higino, 2010)

Contudo, para compreender o lugar ocupado como memória, temos de reconhecer a tradição como uma relíquia do passado, um sentimento de pertença a um território em que a tradição é a fonte do conhecimento e o filtro através do qual avaliamos o nosso ambiente, sobretudo porque fazem parte da memória colectiva e individual, dão sentido às experiências e situam as sociedades nos seus respectivos contextos. O Homem dá sentido à sua vivência quando se consegue orientar e encontrar uma identificação com a realidade circundante, experimentando essa mesma orbita como sendo significativa. (Lynch, 2018)

O lugar não deve ser entendido como sinónimo da paisagem existente, na medida em que reflecte o impacto transformador do homem na natureza, mas como uma tentativa de revitalizar o espírito contemporâneo do lugar ocupado, como alternância à construção de novos lugares sem negar a formação dos lugares existentes. Desta forma, a arquitectura deve, todavia, utilizar continuidades que assentam nas tradições de cada um desses lugares ocupados. (Vieira, 2018)

3 O conceito de Placemaking demonstra que a criação de lugares vai para além da concepção física, abrangendo a sociabilidade, os usos, as actividades, o acesso, o conforto e a imagem para estabelecer ligações entre as pessoas e os lugares. É um processo centrado nas pessoas e que depende da participação da comunidade.

Em síntese, a finalidade é uma relação que corresponde à exigência de estabelecer uma nova pressão dinâmica entre o existente e o ambiente, uma relação que dá sentido à concepção através de um processo baseado no conhecimento e na compreensão dos valores do lugar e do ambiente, o que faz com que o significado do lugar ocupado seja criado quando se atribui ao objecto construído um significado particular. (Macedo, 2020)

Deste modo, a articulação entre o lugar e a arquitectura é conceptual e subjectiva, o que faz com que se assuma o conteúdo interpretativo do espaço, na medida em que constitui uma exploração intuitiva de uma síntese coerente do lugar ocupado.

1.2 Lugar Estruturado

Os lugares estruturados têm o potencial de explorar o que significa a interacção entre uma pessoa e o espaço que a rodeia, mediando o papel que a percepção sensorial desempenha na formação do lugar e transformando os factos biológicos de um lugar estruturado numa experiência de aprendizagem contínua do mesmo espaço e lugar, [fig.4] desde que um indivíduo nasce até adquirir e formar ideias básicas sobre o seu ambiente. (Rasmussen, 1964)

Sendo o lugar estruturado um formato através do qual visualizamos e interagimos com um espaço específico, a interacção é concretizada fenomenologicamente ao longo da vida com aquilo que é a evolução dos sentidos, nomeadamente o olfacto, a visão, a audição e o tacto. Posto isto, o relacionamento entre os indivíduos e os lugares nos quais se inserem constitui uma conjugação entrelaçada de percepção sensorial e concepção arquitectónica, pois a disciplina arquitectónica serve para estruturar os lugares. (Merleau-Ponty, 2010)



Fig.4: The five senses. Ilustração de Mads Berg, 2012

É fundamental ter a consciência, do ponto de vista da fenomenologia da percepção, que a mundividência se concretiza através da forma como se interage com os corpos, sobretudo porque a percepção é o principal suporte para o envolvimento com o mundo, dado que o ser humano ao invés de ser um receptor passivo de estímulos sensoriais, assume que as suas percepções são interpretações activas do mundo circundante, e esta é uma interpretação que se encontra profundamente conectada com a existência física no mundo. (Merleau-Ponty, 2010)

Desde o nascimento, os seres humanos percebem o que os rodeia através de uma variedade de sentidos, em que cada um representa um papel importante na formação do nosso sentido de lugar, sendo que esta interacção multissensorial é crucial na concepção, construção e colocação da arquitectura, criando um diálogo entre o ambiente construído e os seus ocupantes, sendo que, "*a experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade*". (Tuan, 1977: 9)

O papel dos sentidos na concepção do espaço remonta aos nossos primeiros encontros com o mundo, e a arquitectura serve não só como uma forma de arte visual, mas também como uma experiência que envolve todos os nossos sentidos e nos permite perceber o mundo através da nossa presença física. [fig.5] À medida que existe um desenvolvimento etário, as interacções com o espaço tornam-se mais complexas, interpretando sensações tácteis, sons, imagens e, muito mais, para ajudar a compreender e a recordar os lugares. (Távora, 1963)

O espaço organizado pelo homem, reflecte aquilo que ele interpreta do meio e aquilo que deseja transmitir, os sentidos dramatizam a informação recolhida para nos fornecer conhecimento detalhado do mundo em que vivemos. A combinação destes, enriquece a apreensão que o homem faz dos lugares, tornando-o capaz de captar o carácter espacial e geométrico do mundo.

É verdade que o homem na sua capacidade sensorial de se localizar no espaço, é extremamente dependente da visão, e que os outros sentidos, paladar, olfacto, tacto e audição, enriquecem a nossa noção do mundo habitado por objectos. Na sua forma independente, ou conjunta, os sentidos reforçam a informação que absorvemos do meio, noções por vezes metafóricas e qualitativas das coisas.



Fig.5: Chapel of Sound, Chengde, China. Projecto de OPEN Architecture, onde se procurou "ver a forma do som" na sala de espectáculos

No caso do olfacto, é capaz de sugerir massa e volume, quando um odor é "forte" ou "delicado", pode da mesma forma sugerir uma localização, direcção ou distância, quando sentimos o "cheiro a mar" mesmo antes de o ver. [fig.6] O mesmo se aplica à percepção táctil, em que através do toque, torna-se possível a compreensão de formas e dimensões, peso e leveza, ou como ainda através da materialidade, percepcionar se algo é rugoso ou suave. Quanto à audição, esta pode fornecer um sentido de orientação no espaço, pois é possível reconhecer a direcção de determinado ruído e seguir o mesmo até à sua fonte, os sons podem ainda transmitir um sentido de volume e de distância, como é o caso de, "*numa catedral vazia, o ruído de passos ressoando claramente no chão de pedra, cria a impressão de uma vastidão cavernosa*", (Tuan, 1977: 17) ou até de autoconsciência espacial, ao reconhecer a nossa diminuta presença, quando comparada à magnitude da catedral, uma consciência das formas evidenciada pelo som dos passos entoados no vazio.

Um espaço como uma casa, por exemplo, é preenchido com memórias e emoções, o que o torna mais do que uma estrutura física: a própria arquitectura é vivida e criada porque o espaço é percebido, fechado, moldado e organizado através de elementos fixos. Quando o espaço é organizado, as formas por ele definidas tornam-se parte integrante da nossa percepção concretizando uma realização da simbiose entre a massa e o espaço na arquitectura que requer uma análise cuidadosa, a começar pelas cidades e ambientes familiares, uma vez que cada elemento contribui para a percepção global do lugar. (Kellert, 2015)

Neste contexto, os espaços construídos de acordo com a fenomenologia da percepção consideram cuidadosamente o equilíbrio entre forma, função e interacção sensorial, tendo em conta o modo como são percebidos pelas pessoas que os ocupam. Os espaços projectados não se limitam a estruturas físicas, mas podem criar uma atmosfera que evoca respostas emocionais e sensoriais, tendo em conta elementos como a materialidade, a luz, o som e a textura para criar uma experiência imersiva. (Zumthor, 2006)

O conceito de continuidade e descontinuidade no espaço organizado e o tempo narrativo associado a essa organização combinam dois aspectos para explorar como o espaço é organizado e como essa organização reflecte as relações que ligam ou separam a forma e o espaço. (Távora, 1963)



Fig.6: The Art of Scent, Museu de Arte e Design, Nova Iorque. Instalação centrada na fragrância como um meio artístico e não como um produto de consumo

Assim, devemos salientar que a continuidade do espaço organizado, revela-se através da relação entre a forma e o espaço envolvente, que estas relações não só definem um lugar como uma situação existente, mas são moldadas através da participação de todos os envolvidos, e que os arquitectos desempenham um papel importante na interpretação e organização do espaço. Deste modo, a superfície de um espaço não é apenas um elemento visual, mas uma experiência perceptível em que as texturas, as cores e os efeitos espaciais contam histórias e suscitam diferentes respostas de quem os encontra, e a interacção táctil com estes materiais desempenha um papel fundamental na construção de um sentido de lugar e de pertença. (Zumthor, 2006)

Com o desenvolvimento da arquitectura contemporânea, a interacção entre as pessoas e o espaço também se altera, combinando os avanços da tecnologia e dos materiais, o que permite criar ambientes que não só são visualmente impressionantes, mas também têm um impacto inovador nos sentidos humanos. [fig.7] Estas ligações com a natureza podem aumentar o bem-estar e fomentar uma relação mais profunda com o ambiente construído, uma vez que têm como objectivo ligar os residentes à natureza através de experiências sensoriais. (Kellert, 2015)

Por outras palavras, a estrutura de um lugar deve ser determinada pela "paisagem" e pelo "ambiente construído" e analisada através das categorias "espaço" e "carácter", em que o espaço se refere à disposição tridimensional dos elementos e o carácter à atmosfera global do lugar, sublinhando a interdependência destas noções. Neste sentido, a articulação entre a fachada do edifício, os materiais e o objectivo organizacional constitui a impressão geral de um lugar, e este deve ser moldável para conservar a sua identidade ao longo do tempo. (Norberg-Schulz, 2006)

Os espaços que modelam a luz, a temperatura e a presença humana são os que proporcionam um equilíbrio entre o ambiente e os seus utilizadores, e é importante conceber espaços adaptáveis e reactivos que permitam aos indivíduos interagir de diferentes formas ao longo do tempo, o que leva à arquitectura Moderna a procurar, frequentemente, uma miscigenação entre os sentidos, através de espaços interactivos e dinâmicos.



Fig.7: Centro Cultural, Santa Lucía del Camino, Mexico. Projecto de Mendaro Arquitectos, onde a luz como protagonista realça a arquitetura

Na perspectiva da arquitectura, a compreensão de um lugar estruturado é mais do que uma percepção visual da sua estrutura compositiva, especialmente se se considerar a forma como as experiências vividas, sobretudo em criança, condicionam a interpretação dos materiais e das formas. (Norberg-Schulz, 2006)

Os edifícios feitos de materiais duros podem ser percepcionados como suaves se forem arredondados ou finos, ao passo que os edifícios com ângulos agudos e superfícies contrastantes são frequentemente percepcionados como duros, ásperos ou pesados. [fig.8] Tais percepções estão relacionadas não só com o esforço físico que parece ser indispensável para conceber tais edifícios, mas também, com a forma intuitiva como o peso e a dureza dos diferentes materiais são percebidos, de tal modo, que a variação de textura entre materiais pode ser percepcionada sem necessidade de contacto, existindo um relacionamento directo com as características da superfície do material. (Kellert, 2015)

Quando se trata da imagem de um espaço urbano construído, como uma cidade, a interacção entre a estrutura física e os habitantes é importante, isto porque os cidadãos precisam de ser capazes de ver a cidade, compreender as suas partes e categorizar a estrutura global de modo a formar uma imagem mental do lugar. Desta forma, esta imagem não é imutável, mas muda de acordo com a experiência e as necessidades humanas, sublinhando assim a relação dinâmica entre o observador e o ambiente.

Em contexto urbano, os conceitos de legibilidade e imaginação são cruciais para a compreensão do ambiente construído. Relativamente à legibilidade, é importante que os residentes possam distinguir e estruturar facilmente o ambiente numa estrutura coerente, sendo que isto se revela como estrutural para que os habitantes formem uma imagem mental do que os rodeia, o que influencia a sua navegação e interacção com o lugar. A imaginação, por outro lado, diz respeito à capacidade do ambiente físico para criar uma imagem forte e vívida na mente do observador, o que é alcançado pela colocação estratégica do ambiente, com efeitos importantes de elementos como marcos, estradas e passeios para ajudar as pessoas a navegar e conhecer a envolvente. (Lynch, 2017)

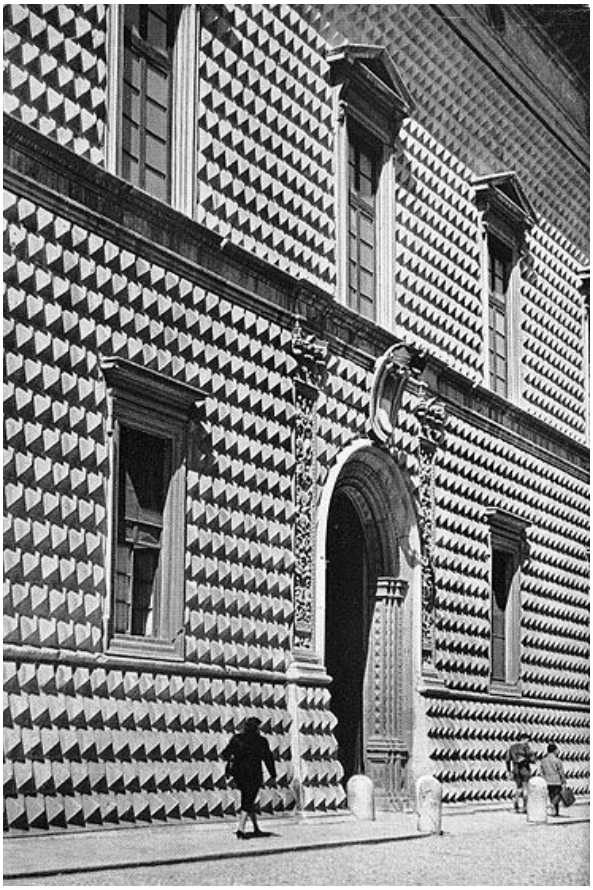


Fig.8: Palazzo Punta dei diamanti, Roma, Itália. Edifício com ângulos agudos e superfícies contrastantes

Esta ideia sublinha que a percepção humana do ambiente construído não é apenas visual, mas está intimamente ligada a respostas sensoriais e emocionais, e que a orientação abrange todos os sentidos, nomeadamente o olfacto, a audição, o tacto e sentidos inatos como o sentido do movimento e da gravidade. Esta interacção multissensorial com o ambiente ajuda as pessoas a estruturar o mesmo e a elaborar mapas mentais que norteiam a sua convivência com os lugares. (Lynch, 2017)

Do mesmo modo, a análise do espaço e do lugar sublinha que as experiências e manifestações emocionais humanas estão intimamente ligadas à percepção do ambiente físico, tornando-se importante fazer a distinção entre espaço e lugar, na medida em que o espaço está conotado com a mobilidade e a liberdade, ao passo que o lugar está associado a sentimentos de segurança e de ligação. Esta abordagem sublinha a relevância da experiência na percepção do ambiente e defende que as experiências, que são uma conjugação da percepção sensorial e da resposta emocional, são um factor-chave na forma como se molda e interpreta o mundo circundante. (Tuan, 1977)

A diversidade de culturas, as suas percepções da sociedade e das suas manifestações conferem aos lugares e espaços valores que representam diversas formas de interacção com o elemento ambiental. Apesar das divergências culturais no modo como o espaço é estruturado e valorizado, verificam-se semelhanças significativas que estão profundamente enraizadas na experiência humana e reflectem o modo como percepcionamos o ambiente estruturado, influenciado pelas nossas vivências sensoriais e respectivo enquadramento cultural. (Kellert, 2015)

Para se ter uma verdadeira compreensão da arquitectura e dos ambientes urbanos, é indispensável olhar para além do visual, para o modo como estes espaços são percepcionados pelos sentidos e configurados pelos seus contextos culturais e emocionais. Uma abordagem holística da vivência da arquitectura e das cidades salienta que a interacção com o meio envolvente não é só uma observação passiva, mas uma interacção multissensorial activa que configura o nosso entendimento e avaliação do mundo em redor. (Lynch, 2017)

De facto, os lugares estruturados só podem ser compreendidos numa perspectiva multissensorial, muito porque a convivência entre as pessoas e os espaços que habitam é uma experiência sensorial rica que se constrói desde o nascimento e que molda a percepção do mundo durante toda a vida. (Kellert, 2015) Decorrente destas percepções, a arquitectura, no seu melhor, responde a este envolvimento sensorial criando espaços que não são apenas funcionais mas também emocionis e sensorialmente ressonantes, pois é configura disciplina multissensorial que deve ponderar a forma como as superfícies, volumes e materiais são apreendidos e interagem com quem os habita. (Lynch, 2017)

Ao entender e apreciar as qualidades sensoriais da interacção entre as pessoas e o espaço, os arquitectos conseguem construir experiências que não são apenas atraentes do ponto de vista visual, mas que estão também intimamente relacionadas com a sensibilidade humana. (Távora, 1963)

1.3 Lugar Simbólico

Embora o conceito de lugar simbólico se defina, em primeiro lugar, pela relação entre o edifício como centro da estratégia da actuação sobre o sítio e a sua envolvente, [fig.9] as tentativas de consideração da arquitectura para decifrar certos lugares contemporâneos pelos parâmetros habituais através da análise formal não são suficientes para os decifrar e interpretar.

O uso repetido do método de análise arquitectónica, em que o investigador isola o objecto e explora as suas origens, é um padrão comum na leitura de lugares e obras arquitectónicas em estudos de arquitectura, mas tais leituras tratam as obras e os sítios arquitectónicos como objectos naturais e ambíguos, limitando a nossa compreensão dos mesmos para além do seu valor material como objectos com paredes e janelas. Isto significa ignorar os múltiplos valores que dão aos sítios arquitectónicos um duplo significado, um significado redundante para usar a terminologia do filósofo francês Paul Ricoeur.

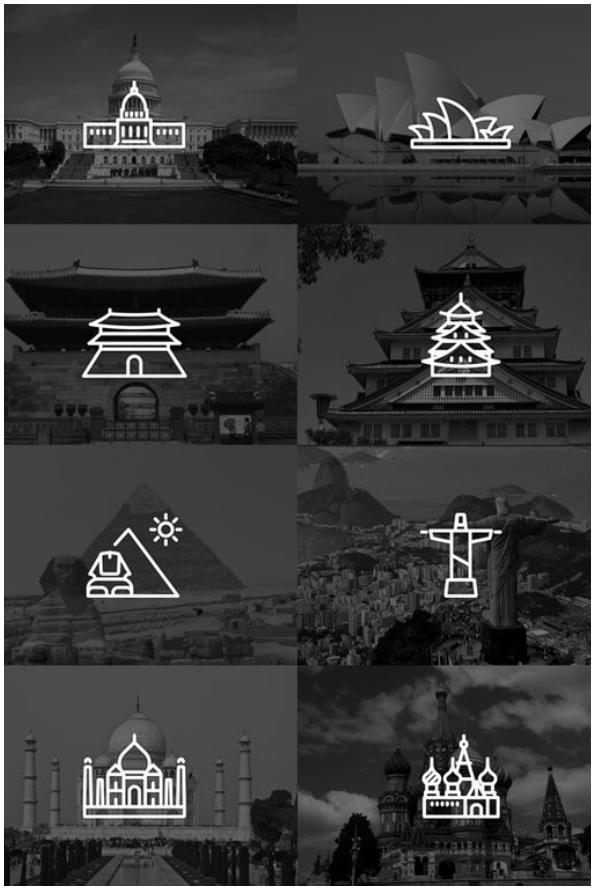


Fig.9: O simbolismo nos lugares, ilustração de Yoonjae Kim, 2013.

Partindo do pressuposto de que todas as obras arquitectónicas estão relacionadas com o espaço e o tempo, as interpretações simbólicas mais comuns centram-se na descrição formal do sítio, complementada pelas diferentes dimensões articuladas com os espaços e o tempo, bem como as interpretações de finitude, temporalidade e historicidade, que são cruciais para uma melhor compreensão do sítio. (Faria, 2009)

Com base na teoria da arquitectura e à luz da filosofia hermenêutica, as obras e os espaços arquitectónicos com significados literalmente inegáveis estão sujeitos a diferentes interpretações, o que torna o assunto diferente daquilo a que o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer chama epistemologia em oposição às ciências naturais. Desta forma, a arquitectura é um meio de sustentar a existência humana, o que implica que o aspecto funcional da arquitectura, por si só, não é suficiente, pois para além dos aspectos práticos manifestados na funcionalidade da obra, leva a que o impacto psicológico da arquitectura nas pessoas através de impressões sensoriais e símbolos deva ser também explorado. (Rosas, 2023)

A compreensão dos símbolos na arquitectura é subjectiva, ao contrário da compreensão científica, uma vez que uma das necessidades humanas é experimentar situações com significado na vida, e o objectivo de uma obra num lugar é captar e transmitir significado. O arquitecto suíço Peter Zumthor (2005) defende que não existem diferentes tipos de arquitectura, mas sim diferentes situações que exigem diferentes soluções para satisfazer as necessidades físicas e psicológicas do ser humano, também eles idiossincraticamente diferentes.

As pessoas vivem em lugares onde se podem adaptar e criar empatia com o seu "ambiente", ou seja, onde podem encontrar significado no fenómeno. Segundo o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1977), o que se inicia como um espaço indiferenciado, dá início à transformação de um lugar à medida que melhor o compreendemos e adoptamos como valor e simbolismo, [fig.10] o que faz com que determinados espaços sejam, assim, mais do que um simples abrigo, o espaço onde se vive dotado de significado tornando-se verdadeiramente um lugar.



Fig.10: Catedral de Santa Maria del Fiore, um poderoso símbolo da cidade de Florença, Itália.

Um lugar, é por consequência, um espaço com um carácter indeterminado onde as pessoas reconhecem o *genius loci* [4], ou "espírito do lugar", reflectindo as realidades concretas que estas encontram e com as quais se relacionam na sua vida quotidiana. (Pallasmaa, 2011)

A arquitectura é um reflexo do *genius loci* e a tarefa do arquitecto é criar lugares dotados significado para as pessoas habitarem. A nossa vida quotidiana é feita de fenómenos materiais visíveis, pessoas, animais, árvores, florestas, rios, terrenos, edifícios, mobiliário, o sol e a lua, as nuvens e o céu aberto, a noite e o dia, as mudanças nas estações, mas o nosso mundo diário é também constituído por fenómenos intangíveis, e imateriais como as emoções, e sentimentos que dão o contexto à nossa existência.

As coisas materiais que compõem o nosso mundo são complexas e, em certa medida, estão interligadas, actuando como intermediárias entre si, isto porque é frequente dizer-se que um acontecimento ou uma ocorrência tem um lugar. Assim, quando imaginamos um acontecimento, não o podemos pensar sem um lugar, no entanto, quando falamos de lugar, não nos referimos a um lugar abstracto, mas a um conjunto de objectos concretos com conteúdo material, forma, textura e cor. (Rosas, 2023)

É através desta combinação de características que se define o carácter de um elemento morforlógico urbano, o quarteirão, por exemplo, ou seja, a atmosfera no coração de um lugar, [fig.11] assim, o lugar é um fenómeno qualitativo e holístico, que não pode ser reduzido a características únicas, como as relações espaciais. As funções e actividades humanas, mesmo as mais simples, assumem diferentes formas e exigem lugares de distintas formas e qualidades, diversas tradições e relações, pois uma vez que os lugares são entidades qualitativas com propriedades complexas, não podem ser descritos em termos científicos analíticos, mesmo que a ciência tente abstrair o concreto para obter um conhecimento neutro e objectivo. (Andrade, 2021)

A fenomenologia simbólica da vida quotidiana é importante para a compreensão do lugar na arquitectura, por outras palavras, a linguagem e a literatura, especialmente a poesia, são utilizadas como forma de concretizar e dar significado ao lugar, permitindo-nos imaginar diferentes situações de vida em que os aspectos do lugar são fortemente experimentados.

4 Termo latino referente ao "espírito do lugar", é o gênio do lugar habitado e frequentado pelo homem. Em arquitetura o termo define uma abordagem fenomenológica do ambiente e da interação entre lugar e identidade.



Fig.11: A atmosféra da cidade de Ronda, Espanha.

As imagens não são apenas objectos ou estruturas, definem estados de espírito, tempos e momentos, que reconhecemos como um conjunto de características que definem personagens e criam o contexto em que certos acontecimentos se desenvolvem. Utilizando um mínimo de palavras, todo o ambiente físico ganha vida, ou seja, a poesia concretiza as qualidades inerentes à existência e pode tornar o abstracto visível, concreto e mutável, dependendo do observador, conferindo ao lugar uma simbologia característica. (Madeira da Silva, 2009)

Igualmente, a natureza no seu conjunto é um todo complexo e abrangente, e a simbologia identitária de um lugar depende das condições em que se situa. Esta identidade ou espiritualidade pode ser descrita por conceitos qualitativos específicos que caracterizam o lugar. Segundo Otto Friedrich Bollnow (2019), os elementos antropogénicos são as especificidades que constituem o ambiente cultural natural que, em última análise, define uma das muitas estruturas de um lugar.

Consequentemente, a fenomenologia simbólica do lugar consiste em analisar a estrutura destes espaços, classificando-os em "paisagens" e "povoações", utilizando categorias como "espaço" e "carácter", sendo que o espaço refere-se à disposição tridimensional dos elementos que compõem um lugar, enquanto o carácter se refere à característica mais complexa de um lugar, a sua atmosfera global. A própria organização espacial pode ter características muito diferentes, dependendo da forma como são tratados os elementos específicos que definem o espaço.

Por outro lado, deve salientar-se que o ambiente espacial coloca certas limitações a esta interpretação e que os dois conceitos de espaço e carácter estão inter-relacionados, uma vez que o conceito de espaço não é novo na teoria da arquitectura, mas pode ter diferentes significados, razão esta que faz com que a literatura simbólica distinga duas áreas de aplicação: o espaço como geometria tridimensional e o espaço como campo de percepção. Todavia, nenhum destes conceitos é satisfatório, uma vez que são abstracções de uma série de experiências quotidianas tridimensionais e intuitivas a que chamamos espaço concreto. O "eu" é um conceito mais geral e concreto do que o espaço, indicando um campo geral e abrangente e a forma e o conteúdo dos elementos que definem o espaço concreto. (Rosas, 2023)



Fig.12: Contraste entre a noite e o dia, na cidade de Barcelona, Espanha.

A fenomenologia das propriedades deve incluir o estudo das propriedades observáveis e a análise das particularidades que as definem, sendo importante sublinhar que todos os espaços têm um carácter básico, que depende do clima e varia com a estação do ano, a hora do dia e as condições meteorológicas, especialmente a luz. [fig.12] Neste sentido, o carácter de um espaço é determinado pela sua materialidade e formalidade, ou seja, a relação entre a fachada do edifício, os materiais utilizados e o objectivo para o qual a função de cada elemento é organizada. (Pallasmaa, 2011)

Dito de outra maneira, acompanhando o raciocínio no parágrafo anterior do arquitecto finlandês Juhani Pallasma, as diferentes relações identificadas, encontram-se todas inter-relacionadas criando o lugar, em que a identidade depende da forma como é realizada e é determinada pela concepção técnica do edifício. [fig.13]

Assim, na perspectiva de Teresa Silva, (2023) a fenomenologia simbólica do lugar preocupa-se com as formas básicas de construção do mesmo. As suas relações formais, as suas ligações e a relação entre os humanos para com este, podem ser categorizadas com o alinhamento dos seguintes critérios.

1.Os humanos definem a natureza, visualizam imagens e constroem o que entendem a partir do que observam;

2.Os humanos constroem aquilo que visualizam;

3.O ser humano atribui um valor simbólico ao que constrói e ao que percepciona no processo e transforma-o num produto cultural.

Neste seguimento, o físico é transferido para uma construção artificial e o carácter do lugar é expresso pela sua especificidade, o que faz com que da relação entre as pessoas e o espaço, se possa deduzir um outro elemento: a temporalidade (a relação espaço-tempo). É cómodo falar do espaço em três dimensões, mas isso não corresponde a toda a realidade, por isso, introduzimos uma quarta dimensão que nos permite localizar os diferentes momentos que ocorrem no espaço e que são vividos pelas pessoas. (Távora, 1963)



Fig.13: Museu do Louvre, Abu Dhabi. Tributo do arquitecto Jean Nouvel à natureza, inspirado nas folhas de palmeiras que filtram e suavizam a luz.

Para Célia Fararia,(2009) o espaço, as pessoas e o tempo estão intimamente relacionados, uma vez que o espaço divide e integra as formas físicas que o ocupam, bem como outras formas que ocupam o espaço físico e temporal. Por outro lado, as pessoas percepcionam e participam activamente nos acontecimentos, dado que os acontecimentos provocam alterações temporais no espaço.

O conceito de espaço-tempo é importante para compreender o lugar e a forma como os indivíduos gerem e se movimentam no espaço, sendo que é a gestão de cada temporalidade, nomeadamente a mobilidade das pessoas no espaço através de movimentos espaciais e horários sincronizados, que cria a mobilidade, plasmando-se como uma propriedade fundamental do espaço.

Se a simbologia de um lugar for considerada numa perspectiva mais ampla, a perspectiva colectiva ou social, torna-se evidente a importância da natureza imensa da mobilidade no espaço. Subsequentemente, o aumento do potencial da actividade humana nesse mesmo lugar permite o surgimento da autonomia espácio-temporal, permitindo que as pessoas existam no mesmo espaço em momentos diferentes.

Por outras palavras, o fluxo do tempo no espaço pode ser vivido de forma diferente, através da repetição rítmica, correspondendo às relações criadas pelo tempo, onde vivemos momentos diferentes no mesmo espaço, bem como as mudanças graduais e irreversíveis que acompanham os vários processos de mudança espacial. (Madeira da Silva, 2009)

A repetição rítmica está associada à actividade e à utilização do espaço resultante, que por sua vez é percebido e utilizado de diferentes formas por distintos ciclos e pessoas. Independentemente da qualidade de um lugar, existem espaços cuja actividade está subordinada a ciclos diários e sazonais, e a utilização e a actividade destes espaços estão muitas vezes limitadas a determinadas alturas do dia ou do ano, o que os torna monocrómicos, ou seja, espaços de sentido único que só são utilizados esporadicamente ao longo do ano. (Bollnow, 2019)

Todavia, muitas pessoas gostariam que esses espaços fossem utilizados de forma multi-temporal, ou seja, mais frequente e diversificados ao longo do dia, de modo a optimizar a sua utilização e ocupação e a facilitar uma maior mobilidade, sendo que um bom exemplo de um espaço temporal é aquele que é utilizado de forma diferente em diferentes alturas do dia. Em determinados períodos, estes espaços tendem a adstringir uma simbologia agradável para realizar diferentes actividades, enquanto em períodos diversos a actividade é significativamente reduzida devido a várias barreiras de comunicação que não afectam a dinâmica e a qualidade do espaço aberto. (Andrade, 2021)

Considerando o lugar como uma forma e como suporte de outras formas, desde as naturais às construídas, podemos encontrar o ambiente que suporta o espaço, ou seja, toda a paisagem circundante, tanto natural como artificial, sendo que o ambiente inclui também as formas naturais que criam o ambiente e permanecem no local, como a vegetação e o mobiliário urbano.

O tempo passa, as estações mudam e todas estas formas fixas permanecem, mas algo muda na forma como são percebidas e interpretadas, uma vez que o próprio ambiente muda, a paisagem circundante altera-se, algo nela é variável no tempo, o que afecta a própria simbologia, criando uma relação entre a forma e o ambiente, harmoniosa ou desarmónica, mas, em qualquer caso, esta relação é claramente visível e nunca é completamente estática. (Pallasmaa, 2011)

O espaço não é constituído apenas por formas fixas, mas também por formas activas, nomeadamente aquelas que se encontram mais dependentes de interpretação singular. Uma dessas formas é o ser humano, que não é apenas percepcionado como uma forma, mas é também, um observador e participante no espaço circundante. Como resultado, estas formas activas, entre as quais se encontra o ser humano, ajudam a moldar o espaço e a sua envolvente, criando relações infinitas e sem limites, onde é impossível saber onde começa uma e acaba a outra. Assim, percebemos que nenhuma forma está isolada e que existe sempre uma relação entre elas, por mais pequena que seja.

Enquanto observadores, registamos a transformação do espaço e do tempo, mas essa alteração pode variar de observador para observador, sobretudo quando as perspectivas se sobrepõem no mesmo espaço, surgem percepções e experiências diferentes para observadores diferentes. Mesmo que duas pessoas se foquem num mesmo ponto de um determinado lugar, a informação recebida e percebida não é necessariamente a mesma, sobretudo porque depende da personalidade, experiência e idade, e das memórias diferentes de cada um. (Silva, 2023)

Por conseguinte, as suas percepções simbólicas do lugar também serão diferentes, nomeadamente porque a relação entre o espaço e o observador cria também novas situações que, juntamente com as memórias adquiridas ao longo do tempo, influenciam o comportamento e a percepção que as pessoas têm do espaço envolvente, dadas as mudanças graduais e irreversíveis necessárias para compreender a dinâmica da mudança espacial. (Alves Costa, 2007)

Todas estas interpretações que as pessoas têm do espaço conduzem a diferentes atitudes, que por sua vez conduzem a diferentes formas de organizar e alterar o espaço envolvente. Quer estas mudanças sejam económicas, sociais, culturais ou físicas, o espaço é contínuo e uma das suas dimensões, o tempo, é também irreversível, o que faz com que, enquanto o ambiente físico e as formas que o moldam estão em constante mudança, o passado vá permanecendo inalterado. Por isso, é importante que o processo de estabilização e integração do espaço organizado evolua organicamente, impulsionado por um sentido de continuidade geracional ao longo do tempo. (Faria, 2009)

No discurso arquitectónico, a noção de lugar ou do objecto arquitectónico aparece com frequência em investigações sobre determinadas obras de arquitectura, sobretudo nas descrições dos projectos dos arquitectos, onde a maioria dos autores abordam as questões do lugar à luz de uma concepção aristotélica [5]. Por outro lado, em termos mais teóricos, outras referências podem ser encontradas, como a poética do lugar, o significado do lugar e as paisagens monumentais, a semântica do lugar e o valor do lugar. (Zumthor, 2005) [fig.14 Em ambos os casos, a questão do lugar arquitectónico é um tema recorrente, mas o debate é sempre superficial e a questão é, na maior parte das vezes, tratada de forma ambígua.

5 A ideia que existem quatro causas para qualquer coisa existir. A causa material, a causa formal, a causa eficiente e a causa final.

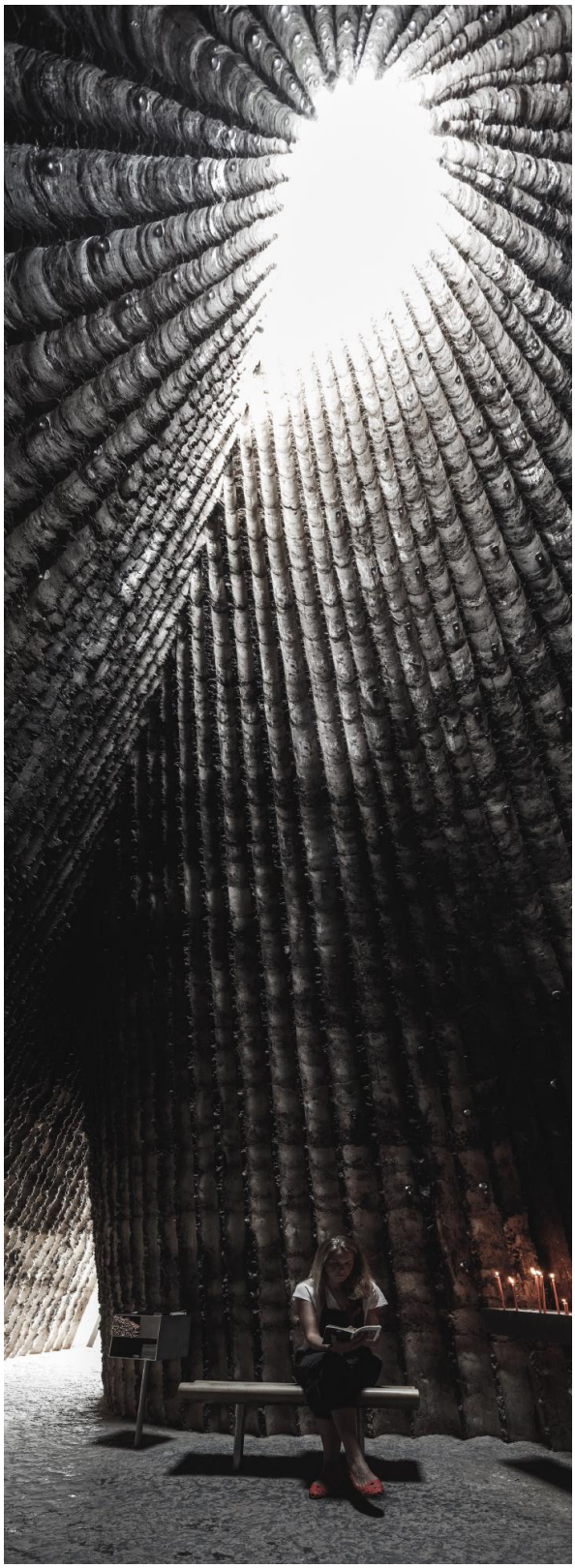


Fig.14: "Para conceber edifícios com uma ligação sensorial à vida, é preciso pensar de uma maneira que vá muito além da forma e da construção." Citação do arquitecto Peter Zumthor sobre projeto da Capela de Bruder Klaus, Wachendorf, Alemanha.

1.4 Lugar Identitário

Sempre que se fala de espaço, entende-se a ideia de lugar, mas espaço e lugar são dois conceitos diferentes, uma vez que quando a temática é o espaço, a referenciação recai sobre a dimensão física do espaço, ao que está lá, aquilo que é visualmente perceptível e de possível contacto. Já quando o tema é é o lugar, é a referência é a algo para além da dimensão física, ao espaço que as pessoas experimentam e sentem, um espacialidade com um significado mais amplo e diversificado. (Carrus et al., 2006)

A distinção entre espaço e lugar, transporta para uma origem naquilo que é o conceito antropológico de lugar, que é um local onde as dimensões espaciais e sociais estão intimamente ligadas, nomeadamente as facetas de identidade, de história e de inter-relações. [fig.15] Posto isto, o lugar assume-se como um espaço em constante mudança e transformação, onde o movimento e a interacção são temporo-espaciais, o que afecta as percepções do espaço e do lugar, alterando os comportamentos em relação a ambos. (Hauge, 2007)

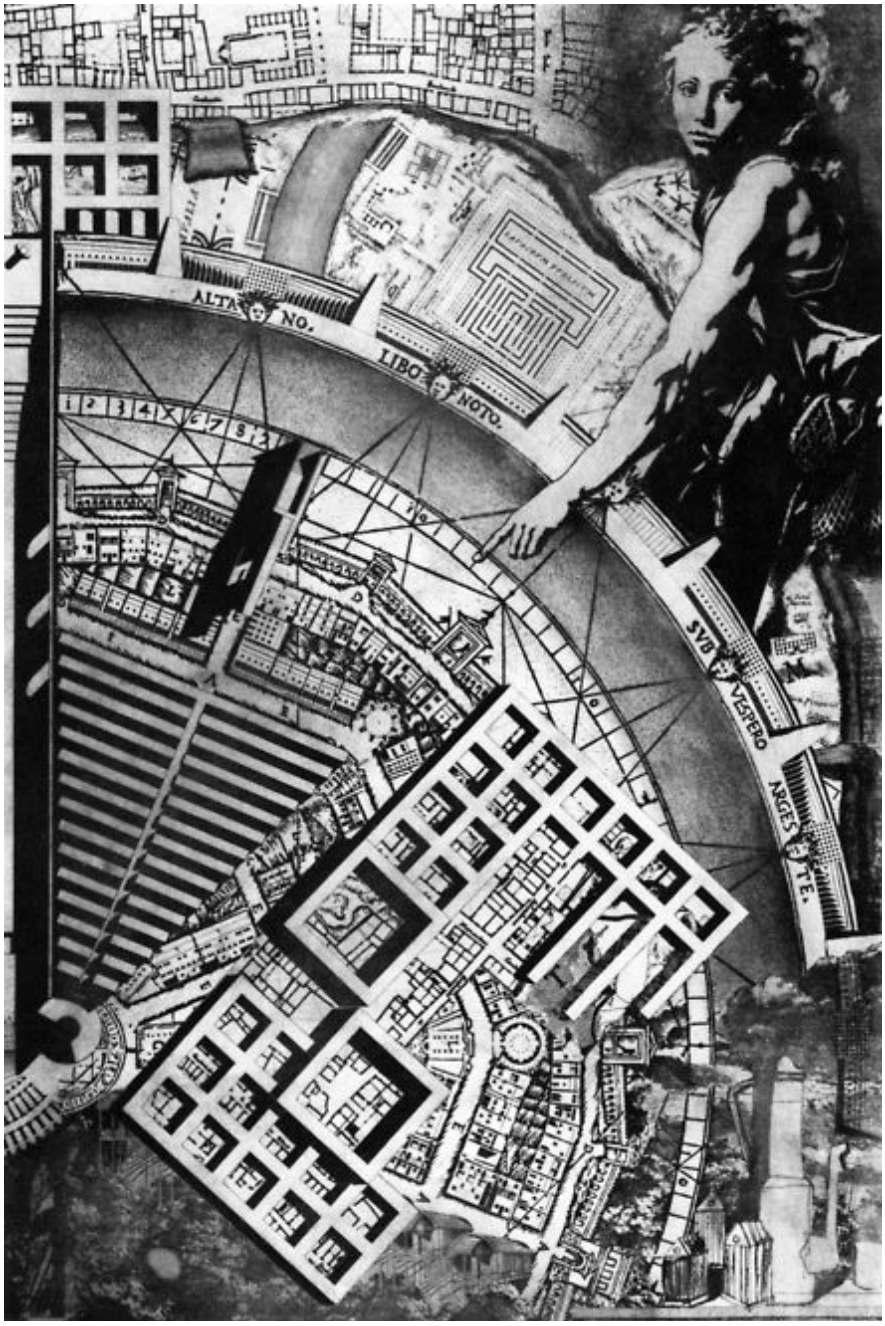


Fig.15: Painel La Città Analoga,1976, de Aldo Rossi, Eraldo Consolascio, Bruno Reichlin e Fabio Reinhart, Homem, Edifício, Ambiente. Representação da cidade através de uma colagem de memórias e lugares significativos.

O lugar não constitui uma sociedade, mas um fenómeno de interacção imediata com um mundo em aceleração, assumindo-se como algo que muda, não no sentido de estar fechado e protegido, mas no sentido de olhar para fora, abraçar a mudança e adaptar-se à constante contracção do espaço e do tempo, materializando-se como um produto do tempo e do espaço em que as pessoas, enquanto parceiros no espaço, são os principais agentes de mudança.

Similarmente, os lugares são criados na interacção entre culturas e lugares. Esta interacção entre lugares é proporcionada através das pessoas que chegam de outros lugares e aqueles que são nativos dos lugares visitados. (Manzo, 2003)

Os indivíduos têm, portanto, uma diversidade social e cultural correspondente, um vasto leque de informações, práticas, ideias, estilos de vida, experiências e hábitos, e quanto maior for a sua mobilidade, mais são os principais meios de transmissão de informações, o que torna evidente que as massas itinerantes são um dos principais factores de circulação e de comunicação entre os lugares. (Stedman, 2002)

Como todas as outras formas de arte, a arquitectura está indiscutivelmente ligada às questões da existência humana no tempo e no espaço, dado que ao representar e estruturar a causalidade e o poder, a ordem cultural e social, a interacção e o intercâmbio, a identidade e a memória, a arquitectura enquanto disciplina responde a questões existenciais fundamentais. (Pallasma, 2007)

É frequentemente percebido que todas as experiências envolvem memória, recordação e comparação. A experiência incorporada desempenha um papel importante como base para a mnemónica do espaço e do lugar. Na experiência da memória arquitectónica, o espaço, a matéria e o tempo, fundem-se numa única dimensão e tornam-se a base da vida que permeia a nossa consciência o que faz com que nos identifiquemos com estes espaços, lugares e momentos e a suas dimensões se tornem parte de nós. (Tuan, 1977)

A experiência de vida é uma categoria fundamental da epistemologia, uma das principais fontes do conhecimento humano começa com a experiência dos fenómenos, tratando-se de uma condição essencial para a compreensão. A própria construção é uma manifestação material, uma expressão do significado do mundo da vida, neste sentido, a construção não é apenas a procura de soluções eficazes para os problemas, mas sobretudo, a realização do significado da vida real nos edifícios, a criação de espaço para as possibilidades futuras da existência humana. (Moore, 2002)

A construção é fundamentalmente uma actividade humana, é o homem que constrói, que liga a forma identitária à forma espacial, no sentido em que a construção é o espírito da época (Zeitgeist), do período coetâneo, pois ajuda a ligar, a materializar e a integrar os elementos do nosso espaço existencial com o ambiente e a essência da construção, dando-lhe vida. Assim, a arquitectura liga, medeia e projecta, significados que moldam a compreensão do mundo e o próprio sentido de identidade e de vida, pois quando nos deparamos com a arte, dá-se uma espécie de troca em que se transmitem os sentimentos e associações ao espaço, permitindo, por sua vez que o espaço transmite a sua aura, estimulando e libertando as percepções e pensamentos. (Uzzel et al., 2002)

A obra de arquitectura é percebida não como uma série isolada de imagens na retina do observador, mas como toda a sua essência material, física e espiritual, pois estas obras proporcionam formas e superfícies confortáveis e credíveis à vista e aos outros sentidos, trabalhando e integrando as estruturas físicas e mentais, dando maior coerência e significado à experiência existencial. Em paralelo, a heterogeneidade e a fragmentação da experiência num mundo em rápida mudança é vista aqui, como um problema interpretativo a ser resolvido através da criação de uma continuidade de significado para os acontecimentos numa perspectiva temporal mais ampla. (Hauge, 2007)

As soluções arquitectónicas devem então basear-se numa análise profunda dos percursos e possibilidades da vida no passado, no presente e no futuro, sendo que isto exige uma profunda consideração das perspectivas dos utilizadores e das configurações culturais. Não sendo a arquitectura um fim em si mesma, nem apenas um meio prático para satisfazer requisitos funcionais, ela tem a função duradoura de criar metáforas existenciais para o corpo e a vida, e de concretizar e ordenar a nossa existência no mundo. (Carrus et al., 2006)

Neste sentido, a arquitectura reflecte, incorpora e perpétua formas idealizadas de pensar e viver, nomeadamente porque os edifícios e as cidades permitem estruturar, compreender e recordar o fluxo da realidade sem forma, realizando e compreendendo, em última análise, a dialéctica da permanência e da mudança e definindo o lugar do ser no mundo, na cultura e no tempo.

Dentro desta conjuntura, a fenomenologia arquitectónica consiste em observar a arquitectura a partir do seu interior, vivenciando-a em oposição à análise das suas características formais e estilísticas, e que todos os artistas são fenomenólogos com uma abordagem narcisista, vendo a arquitectura como um meio de auto expressão, tornando-se um ponto importante para a teoria arquitectónica ocidental e contemporânea, pois é a única forma de garantir que o olhar não só fica satisfeito, mas também que o olhar não fica satisfeito com o próprio edifício. (Pallasma, 2007)

Cada edifício ou espaço tem a sua própria ressonância, seja íntima ou monumental, atractiva ou repulsiva, familiar ou hostil, e o espaço é entendido e valorizado em termos de ressonância, bem como de forma visual. Desta feita, a arquitectura reflecte o drama dos edifícios expostos à massa, ao espaço e à luz, [fig.16] postulando que a disciplina não só satisfaz as necessidades sociais e espirituais, mas que é também funcional e responde às necessidades dos habitantes, recordando igualmente os caçadores e agricultores primitivos que existe em cada um de nós. (Dixon et al., 2000)

A memória física desempenha um papel importante como base para a recordação de espaços e lugares, porque cada lugar que se conhece, torna-se parte da memória física. A experiência da arquitectura, o espaço, a matéria e o tempo fundem-se numa única dimensão na memória, uma teia de vida que permeia a própria consciência. Ao tomar-se consciência do espaço, do lugar e do tempo e estas dimensões tornam-se parte do indivíduo, plasmando que a experiência sensorial está incorporada no corpo, ou melhor, na estrutura e na forma das vidas.(Moore, 2002)



Fig.16: Igreja Ibaraki Kasugaoka, Osaka, Japão. Projectado por Tadao Ando, através da luz procura definir e criar novas percepções espaciais, de forma igual, se não superior, à das suas estruturas de betão.

Os corpos e movimentos estão em constante interacção com o ambiente circundante, o mundividência e a individualidade estão em constante mudança, fazendo com que a percepção do corpo e a imagem do mundo se tornem uma experiência existencial contínua, nenhum corpo é alguma vez separado do seu lugar no espaço, nenhum espaço é alguma vez separado da imagem da identidade pessoal inconsciente que se consegue percepcionar.

Desta forma, uma experiência arquitectónica significativa não é simplesmente uma série de imagens na retina, mas um encontro, um confronto que comunica com a memória, fazendo com que o espaço arquitectónico seja um espaço percebido, não apenas um espaço físico, isto porque o espaço percepcionado transcende sempre a geometria e a dimensão. Na experiência da memória arquitectónica, o espaço, a matéria e o tempo fundem-se numa única dimensão e tornam-se a essência da vida que permeia a consciência. (Stedman, 2002)

A singularidade de um lugar depende da sua história não apenas da sua duração, do que se desenvolveu ao longo do tempo, e das relações sociais que se encontram e se cruzam num lugar. Assim, todas as relações sociais, todas as relações humanas, todas as experiências de compreensão do espaço e do tempo conduzem a uma geografia de relações que são cada vez mais transformadas e alargadas no espaço através dos interesses nas relações económicas, políticas e socioculturais. (Hauge, 2007)

Nesta perspectiva, o lugar é entendido como uma outra forma de ver ou como uma outra realidade, e os lugares não existem apenas no passado, mas são contínuos e transcendem o tempo, [fig.17] o que faz com que um lugar tenha elementos do passado que fazem parte da sua história e estrutura, mas que ao mesmo tempo, esteja vivo no presente e nas pessoas que o habitam todos os dias.

Consequentemente, cada lugar tem as suas particularidades e diferenças, de igual modo, estamos constantemente à procura de um significado que seja específico desse lugar, aquilo que para cada elemento interpretativo constitui o “verdadeiro” significado de um lugar, sendo que esta singularidade é sempre interpretada como uma anseio constante de certeza e estabilidade de identidade.



Fig.17: Museu Damião de Góis e as Vitimas da Inquisição, Alenquer, Portugal. Intervenção do estúdio Spaceworkers numa igreja, que esvaziada dessa função, passa a ser um espaço "contentor" com identidade própria

A procura desse verdadeiro significado do lugar e do tempo corrente levanta questões e fornece respostas no contexto das mobilidades e dos desenvolvimentos quotidianos, uma vez que a ideia é que cada lugar tem a sua própria identidade e significado, e que estes provenham da sua própria história. Por outras palavras, a narrativa introvertida única de se virar para dentro e olhar para o passado em busca de respostas, transpondo a ideia que o significado de um lugar introvertido não se desenvolve por si só, isolado do mundo exterior. (Massey, 2000)

É bom cultivar o que nos distingue e caracteriza, aquilo que define a nossa própria identidade, mas não à custa de um encerramento que seja impeditivo daquilo que é o desenvolvimento natural, dado que cada lugar pode ser entendido como um lugar especial, parte de um todo maior, um lugar onde se exprimem redes de relações sociais e percepções, um lugar de encontro, e não necessariamente um lugar com fronteiras.

Deste modo, é possível adoptar uma visão externa do lugar que reconheça as relações com os vizinhos e o resto do mundo, e os conceitos de sentido de lugar e de identidade local incluem também a identidade global. (Uzzell et al., 2002)

De igual forma Dorem Massey, (2000) refere que os lugares podem ser vistos como redes sociais que se estendem e se ligam a outras, evoluindo e absorvendo as experiências das pessoas para criar um sentido progressivo de lugar, o que faz com que este seja idealizado como um processo contínuo, materializando-se no espaço ao longo do tempo como resultado de inúmeras interacções sociais. [fig.18] Estas interacções, que também são processos, estão em constante mudança e afectam o próprio lugar, que é o espaço onde todos os processos, sociais, políticos ou outros, se movem e emergem.

Com excepção da investigação científica, não são necessários limites físicos ou fronteiras para definir um lugar, pois a percepção e definição do exterior faz parte do que torna um lugar num lugar, e estes tornam-se mais inclusivos e acessíveis sem perderem a sua identidade. Desta forma, a singularidade deste tipo de espaço está em constante evolução e não é apenas o resultado de uma longa história e de um património cultural estabelecido, ele existe por si só, o que faz com que o facto de cada lugar ser o centro de uma rede social específica seja significativo e que tem uma influência que não pode ser sentida da mesma forma noutros lugares. (Hauge, 2007)



Fig.18: Reflexo do antigo no novo, alegoria às camadas da arquitectura ao longo do tempo.

A globalização das relações sociais é outro factor que afecta a singularidade dos lugares, não só porque a globalização conduz à homogeneização, mas também porque os lugares não perdem a sua identidade apenas porque se tornam mais semelhantes, mas porque a interacção das relações sociais distantes e locais afecta cada lugar de forma diferente. [6]

Todas estas relações e factores afectam a história já estabelecida de um lugar, acrescentando novos elementos e contribuindo para a sua história específica, tudo isto pode ser visto como o resultado de camadas alinhadas de diferentes relações, interacções e experiências, tanto locais como globais, ao longo do tempo, e existe um sentido global de lugar e um sentido de lugar que tem efeitos e consequências diferentes quando as mesmas camadas são aplicadas a lugares diferentes. (Massey, 2000)

Os aspectos da identidade ligados ao lugar podem ser descritos como uma identidade local, uma terminologia que tem sido utilizada desde o final dos anos 70 do século passado e que tem sido descrita como a "incorporação" do lugar pelo indivíduo no conceito mais amplo de si próprio, definido como um conjunto de memórias, concepções, interpretações, ideias e sentimentos relacionados com ambientes físicos específicos, bem como tipos de ambientes.

Nesta conjuntura, o apego ao lugar é considerado uma parte da identidade deste, mas esta identidade é mais do que um apego, constitui uma subestrutura da auto identidade, tal como o género e a classe social, e é composta por percepções e compreensões relativas ao ambiente, em que estas podem ser organizadas em dois tipos de grupos: um tipo consiste nas memórias, pensamentos, valores e contextos, e o segundo tipo consiste na relação entre diferentes contextos. (Carrus et al., 2006)

A identidade de um lugar desenvolve-se à medida que se aprende a conceber uma diferenciação dos indivíduos em relação à sua conjuntura, do mesmo modo, a identidade de um lugar desenvolve-se à medida que a pessoa aprende a ver-se a si própria como distinta do ambiente físico, mas relacionada com ele.

---

6 A propósito dos novos significados que a era da globalização introduz na ideia de lugar, Gillz Lipovetsky afirma que este novo tempo a que chama hipermodernidade é comandado pelo imediato numa lógica de híper enquanto salvaguarda de reacções e estímulos imediatos, o que resulta muitas vezes na deformação de conceito de lugar. cf. Lipovetsky, Gillz, 2011, Tempos Hipermodernos, Lisboa: Edições 70.

Entre os primeiros determinantes da identidade estão os que se baseiam na experiência pessoal, em que o lar é o ambiente de maior importância, pois é aqui que se aprendem as competências e as relações sociais e ambientais, formando-se as lentes através das quais mais tarde se reconhecerá, avaliará e criará lugares. (Pallasma, 2007)

As mudanças na identidade de lugar ocorrem ao longo da vida de um indivíduo, assentes num quinteto de funções centrais da identidade de lugar: reconhecimento, significado, necessidade expressiva, mediação da mudança e função de ansiedade e defesa. Consequentemente, a identidade de lugar torna-se uma base de dados cognitiva em relação à qual cada ambiente físico é vivenciado, pois desde que a conexão terminológica entre identidade e lugar foi introduzida, a teoria tem sido o modelo de identidade que tem dominado a psicologia ambiental.

Esta teoria da identidade do lugar, segundo Moore, não fornece muitos pormenores sobre a estrutura e o processo, mas refere-se aos esquemas como percepções e ideias que também dizem respeito ao ambiente físico. As estruturas cognitivas tendem a estar afastadas da consciência do indivíduo, mais ainda do que as estruturas cognitivas sociais e pessoais, porque os contextos físicos são cenários contra os quais ocorrem os acontecimentos.

Nas culturas ocidentais industrializadas, os princípios orientadores actuais são a continuidade, a distinção, a auto-eficácia e a auto-estima, e os lugares são fontes importantes de elementos de identidade, porque os aspectos da identidade derivados dos lugares a que pertencemos surgem porque este têm símbolos que possuem significado e importância para nós. (Moore, 2002)

Os lugares representam memórias pessoais e, como se situam na matriz socio-histórica das relações intergrupais, representam memórias sociais, nomeadamente histórias partilhadas, o que faz com que os lugares não tenham um significado permanente. O seu significado é renegociado continuamente e, por conseguinte, o seu contributo para a identidade nunca é o mesmo. Deste modo, estar em lugares novos e diferentes afecta a identidade através da atenuação/acentuação, da ameaça e da deslocação, o que faz com que os lugares identitários sejam definidos como detentores de significados sociais e pessoais, não necessariamente como um produto de hierarquia geográfica.

1.5 Lugar Globalizado

A densidade crescente da população mundial, os avanços tecnológicos e os recentes acontecimentos políticos e sociais criaram um mundo incerto e em constante mudança, com um sentimento crescente de fragmentação. As novas tendências de globalização decorrentes da evolução do sistema económico mundial estão a conduzir inevitavelmente a deslocações populacionais cada vez maiores, [fig.19] seguindo um padrão que encontramos desde os primórdios da humanidade, e que é motivado por necessidades primárias de sobrevivência. (Lipovetsky, 2004)

Os encontros no espaço criam significados e memórias, transformando as nossas percepções arraigadas em pormenores que dão sentido às nossas vidas, o que significa, por outras palavras, que as coisas que nos rodeiam podem representar traços da nossa singularidade. Desta forma, existe uma relação dinâmica especial entre os nossos corpos e as nossas habitações e estas podem ligar-nos e dar-nos um maior sentido de conexão, ou por outro lado, podem distanciar-nos e causar nostalgia, saudade e dissociação. (Pallasmaa, 2018)



Fig.19: Jardine House, Hong Kong. Primeiro arranha-céus de Hong Kong. Fotografia de Maik Lipp

As nossas casas são refúgios e locais de projecção dos nossos corpos, memórias e identidades pessoais, uma vez que nos encontramos constantemente a interagir com o nosso ambiente. Por conseguinte, é impossível separar a representação da identidade pessoal do seu contexto espacial e situacional, uma vez que a nossa memória sensorial é fragmentada, acrescentando contingência à nossa experiência actual.

Consequentemente, enquanto ser social e interventivo, o ser humano projecta sentido e significado em tudo o que encontra, sendo capaz de atribuir sentido ao espaço quando este é habitado, mas também tentar construir/realizar os seus desejos, anseios, medos e identidades na arquitectura, [fig.20] conseguindo adquirir a oportunidade de efectuar descobertas parando, e observando o que o rodeia. (Ascher, 2010)

O conceito de lugar é uma investigação autónoma no campo da arquitectura, outros conceitos podem ser encontrados em autores proeminentes de diferentes disciplinas. Por outras palavras, a nossa relação com objectos, cheiros, cores, texturas e sons fragmenta-se ao longo do tempo e são os fragmentos que, com o tempo, se juntam à nossa experiência vivida, evocando, amplificando e despoletando experiências sensoriais poderosas e únicas. Todavia, não são apenas os lugares que mudam com o tempo, mas também as pessoas que os habitam e elas percepcionam o mesmo lugar de formas diferentes, evocando respostas e sensações diferentes. (Pallasmaa, 2013)

Porem, em comparação com o aumento exponencial da densidade populacional média do planeta, a Terra parece estar a ficar mais longe, num ambiente flutuante e em constante mudança em que cada lugar tem as suas próprias características e singularidades, sendo suposto estarmos constantemente à procura do significado correspondente de um lugar, ou seja, ontologicamente o verdadeiro significado desse lugar. (Massey, 2000)

Para Casteells, (1999) estas questões podem ser entendidas como um desejo constante de uma identidade estável e segura, dado que a procura de um significado compatível com o lugar e o tempo em que vivemos levanta e responde a questões sob a forma de movimento e progresso quotidianos, em que a ideia é que cada lugar tem uma identidade e um significado únicos, e que essa identidade e esse significado derivam de uma história distinta.



Fig.20: A futura Manhattan, Nova Iorque, imaginada por Richard Rummell por volta de 1910-1911.

Noutra perspectiva, é uma narrativa única e introvertida que traça o passado em busca de respostas, tratando-se de garantir que o lugar introvertido não cresça sozinho e se isole do mundo. É bom valorizar o que nos faz ser quem somos, o que nos caracteriza e ter a nossa própria identidade, mas não nos devemos confinar e impedir o nosso crescimento natural. (González Rey, 2005)

Cada lugar pode ser entendido como um ponto específico, como parte de um todo maior, como um lugar onde se expressam redes de relações e momentos de entendimento social, como um lugar de encontro, sem necessariamente imaginar um lugar com fronteiras. Desta forma, é possível adoptar uma perspectiva extrovertida do lugar, consciente da sua relação com os seus vizinhos e com o mundo, e isto alarga o conceito de lugar e de identidade local a uma ideia de uma identidade global. (Massey, 2000)

A singularidade de um lugar é duradoura e não é simplesmente o resultado de uma longa história ou de um património nacional estabelecido, o facto de cada lugar ser central para determinadas relações sociais, provoca efeitos que podem não se aplicar da mesma forma noutros lugares. A globalização das relações sociais é outro factor que afecta a singularidade dos lugares, mas não é apenas a globalização que conduz à homogeneização, assim como o facto de os lugares se tornarem mais semelhantes não irá significar que estes percam a sua identidade. [fig.21]

Todas estas relações e factores influenciam a história já estabelecida de um lugar, acrescentando novos elementos e contribuindo para a sua história única, dado que todos eles são o produto de camadas sobrepostas ao longo do tempo, tanto locais como globais, constituídas por diferentes relações, interacções e experiências, que têm impactos e efeitos diferentes, mesmo que as mesmas camadas sejam aplicadas em locais diversos.

Cada lugar tem a sua própria história e cronologia, e cada camada da sociedade e da cultura é aprendida através do próprio lugar, criando uma especificidade que é a base da relação entre lugares, assim, as pessoas estão no centro do conceito de lugar, que é diferente do espaço, e a transformação de "sítio" em "lugar" ocorre através da sua significação, o significado que as pessoas atribuem aos lugares, que por sua vez cria a identidade.



Fig.21: “Allies”. Os mergulhos do caos urbano, pintura em acrilico de Amy Casey, 2012.

Nesta mundividência contemporânea de constantes alterações e mutações, confusas e incontroladas, existe uma tendência pessoal para o reagrupamento em redor de identidades de cariz mais primário, podendo ser religioso, étnico, territorial e nacional. Mediante os fluxos globais de riqueza, imagética e poder, a procura por uma identidade colectiva ou individual está atribuída ou é construída numa significância social, dado que cada vez mais pessoas esquematizam e organizam o seu significado em redor daquilo que fazem, ainda que tenha uma base naquilo que são e no que acreditam. (Pallasmaa, 2018)

A especificidade do ser humano viver num espaço, atribuir-lhe um significado, chamar-lhe de casa e fazer dele um lugar que molda subtilmente a mundividência, permite criar a percepção de que se existir a deslocação do olhar, está-se a estratificar o entendimento de que a casa não é apenas o local onde se habita, mas também um refúgio para aquilo que são as memórias, os sonhos e as emoções. Neste sentido, a casa transforma-se na subjectividade do ser humano em causa, aquele lugar onde é possível que exista uma expressão pessoal.

De acordo com Pallasma (2013), a arquitectura actual perdeu o seu sentido de vida e de celebração porque apenas considera o mundo material e estético, uma vez que quando o desconhecido confronta o ser, dá-se a necessidade de quebrar os padrões habituais e procurar outros horizontes de percepção. Em função da capacidade de produzir várias emoções, o indivíduo encontra-se constantemente descontextualizado, o que significa que os sinais que circulam no seu corpo e transportam informação são os mesmos que conseguem ajudar a formular outras questões. Este processo é o resultado da alienação, que desconstrói certos modos de ser e mundos, abrindo novas formas de aprendizagem interactiva.

Neste seguimento, é elementar que exista uma reconexão e, neste processo, é possível avançar para a criatividade que torna exequível o desenvolvimento das próprias orientações práticas e técnicas para estimular percepções e sensibilidades completamente novas, não só naquilo que são as relações sociais, mas também, na forma como existe interacção com os elementos circundantes, como a música, os objectos e as coisas no nosso ambiente. Desta forma, deve-se olhar para os microambientes como construções individualizadas que desafiam os sistemas mecânicos de dominação em que vivemos. (Ascher, 2010)

A significância da casa é edificada como uma imagem objectiva da nossa experiência existencial, traduz-se como a na nossa presença (existência) no mundo, por vezes reflectida em meros objectos ou adereços existentes, mas com o potencial de transmitirem uma mensagem específica. Para que seja plenamente visível, é necessário um abrandar até que seja possível sentir a expressão dessas mesmas incidências, nomeadamente porque cada casa guarda as experiências específicas e únicas das pessoas que a habitaram, que podem não significar nada para outros externos a este habitar próprio.

A arquitectura, tal como a arte, desenvolve-se na fronteira entre o indivíduo e o mundo, mas a arquitectura de uma casa/apartamento é uma defesa da autenticidade da vida, da permanência do tempo, da autenticidade da própria experiência. Estas pessoas e as suas casas reflectem a importância da tal subjectividade já referida, a própria singularidade do presente globalizado, porque correntemente observam-se imagens homogéneas e exageradas. (Lipovetsky, 2010)

Percebemos que ao dar significado ao espaço em que se habita, seja ele individual ou colectivo, concretiza-se a criação de uma singularidade, gera-se subjectividade e o indivíduo torna-se visível para o mundo exterior. Desta forma, é de salientar que quando se vivência e habita o espaço, ao mesmo tempo que se abranda o tempo de observação, podem ser geradas aprendizagens multidimensionais e globalizadas, como o movimento, as novas formas de pensar, de ver, de ouvir e de sentir. Neste momento de coexistência, o corpo, o espaço, os sinais emitidos e a capacidade de influenciar e ser influenciado do indivíduo, faz com que a capacidade de criar, aumente até ao nível da capacidade de viver.

Capítulo II

2. A Identidade do Lugar

A identidade na arquitectura é moldada pela relação dinâmica entre as pessoas, os lugares e as memórias. A identidade de um lugar emerge da interacção entre o meio e as experiências de quem o habita. Este processo de identidade, trata-se de um ciclo em contínua evolução, moldado por memórias colectivas e dinâmicas sociais que dão um sentido aos lugares e paridade dos mesmos, fomentando o sentimento de pertença.

Os lugares de memória servem de âncoras para a identidade colectiva, preservando as narrativas culturais e históricas. Deste modo, o património arquitectónico desempenha um papel preciso na manutenção da continuidade entre o passado e o presente, visto que, os elementos patrimoniais não só incorporam a história de um lugar, como também, fornecem um enquadramento identitário para um desenvolvimento futuro que respeita a imagem de uma comunidade.

Na prática arquitectónica, a incorporação da identidade de um lugar com a memória e o património é essencial para a criação de espaços dotados de significado. Na associação destes elementos, e ao mesmo tempo, na justaposição às necessidades contemporâneas, a arquitectura tem o poder de sustentar e enriquecer a identidade cultural dos lugares, assegurando que estes permanecem relevantes e vibrantes para as gerações vindouras.

.

2.1 Identidade

Várias disciplinas científicas investigaram o conceito de "identidade". No entanto, apesar das numerosas perspectivas e estudos, o conceito continua a ser um tema complexo e multifacetado.

Cada lugar tem a sua identidade, quer seja reconhecido por um vasto leque de indivíduos ou não, a sua existência, por si só, impõe identidade. A identidade, intrinsecamente, pode ser utilizada para descrever pessoas, objectos e a vida natural. Além disso, a identidade pode ser foco de uma abordagem sistemática ou filosófica. As abordagens sistemáticas podem ser vistas na identificação de factos e estatísticas de números específicos.

Pelo contrário, a filosofia reflecte-se na forma como uma determinada figura é vista pelos outros ou por si própria. Este tipo de identidade não é tangível e varia conforme a perspectiva. Além disso, a identidade pode dizer respeito ao "auto-conceito" de uma pessoa, ao "eu", que identifica uma pessoa entre as outras, através do que as torna semelhantes e diferentes umas das outras. [fig.22]



Fig.22: Ilustração sobre o "auto-conceito" de uma pessoa.

O processo de auto-compreensão mantem-se contínua enquanto a pessoa vive, "*visto em relação a como as outras pessoas são e como as outras pessoas nos percepcionam*". (Hatch et al., 2002: 98) Os lugares com um elevado sentido de identidade referem-se àqueles que partilham perspectivas algo análogas entre um vasto leque de pessoas que os observam e vivenciam.

A origem de ambas as palavras têm uma origem etimológica clássica. Lugar, vem de "*plateau*" e é uma palavra grega que descreve um lugar, ou uma praça. Identidade, é uma palavra latina que tem origem em "*idem*", que mais tarde mudou para "*identitas*". Quando estas duas palavras se juntam, formam um conceito filosófico discutido por vários autores, a Identidade do Lugar.

Quando analisamos a obra de Kevin Lynch, o urbanista e arquitecto norte-americano dá-nos o seu ponto de vista sobre a identidade urbana através da sua teoria da imagem do ambiente, defendendo que identidade constitui um elemento subjectivo na formação da imagem de um lugar. Ao delinear a imagem do ambiente, o autor identifica três elementos chave da sua constituição: "*identidade, estrutura e significado*". (Lynch, 1960:18) O autor defende que a identidade surge como uma reacção ao reconhecimento e categorização de determinados objectos dentro de um contexto espacial, argumentando que a identidade define-se numa estrutura distinta que engloba as relações espaciais ou estruturais entre esses mesmos objectos.

Quanto ao significado dos objectos, os mesmos têm de ter um valor emocional ou prático para o observador, constitui um determinante crítico adicional, uma vez que o significado desses objectos amplifica intrinsecamente o calibre das relações espaciais e estruturais, pois é-lhes atribuído um valor e significado. A integração destes três elementos culmina a sua ideia de construção da imagem de um lugar.

Com base na exploração da imagem da cidade efectuada por Lynch, o geógrafo Edward Relph, salienta que a "identidade do lugar" surge frequentemente como a "imagem de um lugar". [fig.23] Para compreender a identidade de um lugar, Relph define como uma amálgama de várias componentes essenciais à concepção urbana, tornando-se imprescindível compreender o tecido social que molda essa imagem. (Relph, 1987)



Fig.23: Porto, Identidade da Cidade e Proposta de Branding. Ilustração de Non-Verbal Club, 2014

Enquanto a teoria de Lynch enfatiza o papel crítico da identidade na criação da imagem de um lugar, nós sugerimos que esta imagem, por sua vez, alimenta a identidade do lugar, pois indica uma relação recíproca em que a identidade e a imagem de um lugar se influenciam e moldam continuamente. Limitar o conceito de "imagem" a uma simples descrição da identidade do lugar ou de um sentido de lugar pode ser paradoxalmente limitador. Boulding, analisa a identidade urbana como uma complexa construção mental, formada pelas, "*experiências, atitudes, memórias e sensações imediatas*" (Boulding, 1961: 56) associadas a um lugar.

Consequentemente, não devemos designar a imagem como única definição de identidade. Em vez disso, podemos considerar como uma multiplicidade de reflexões que abrangem as características objectivas e subjectivas de um lugar.

Nos anos 70, assistiu-se a um aumento da importância do "sentido do lugar", pode-se dizer que o conceito ganhou destaque através do trabalho de Edward Relph em "*Place and Placelessness*". Harvey Cox, (1968) refere-se a esta ideia como "identidade do lugar", ao descrever este conceito como uma ligação contínua ao lugar, fundamental para o sentido de realidade das pessoas, onde esta ligação entre as pessoas e o lugar, é vista como a base da experiência humana e da identidade pessoal. Esta conexão é estabelecida através de um espectro de consciência, que pode ir do mero reconhecimento, a uma resposta empática mais profunda às identidades dos diferentes lugares.

Segundo Ashild Hauge, "Identidade" pode ser vista ou descrita como o carácter distintivo ou como a personalidade de um indivíduo, que através do contacto com outras pessoas constrói a sua própria identidade. A esse processo dá-se o nome de "identificação", no qual a identidade surge como uma condição. Se, "*a identidade é criada tanto internamente na mente, como na interacção do corpo com o mundo exterior*", (Hauge, 2007:6) então a amplitude da identidade de alguém, depende da mesma pessoa, da sua vida, todos os dias.

Existem diversos campos onde se pode encontrar identidade, não apenas no homem, ela poderá imergir intercalada com outros meios em que uns influenciam os outros, desde o ambiente natural e o construído, à arquitectura que nos leva ao lugar e por sua vez à "Identidade do Lugar".

Todos estes meios nos quais a identidade se manifesta em conjunto com outros factores, desde genéticos, sociais, culturais, construídos, combinam-se para dar forma a um conjunto de identidades menores ou quando aglomerados, a uma identidade maior.

Existem várias escalas no que toca à identidade: a pessoal, referentes à identidade de uma pessoa; no âmbito do lugar verifica-se a pequena escala, nomeadamente uma casa, quarteirão, local de trabalho, entre outros; e a grande escala, onde se pode identificar uma cidade ou aldeia, uma nação, uma cultura, etc. A identidade é sustentada por pontos particulares e específicos, não vive só do inteiro e de apenas uma identidade singular, mas sim da junção de várias identidades menores, no sentido em que estas se vinculam umas com as outras de um modo mais complexo, ou seja, identidades singulares que por sua vez se estendem para uma identidade "inteira" e mais vasta simbolicamente. (Hauge, 2007)

Destas identidades menores ou singulares, são herdados pontos identitários específicos, que agrupados dão forma a identidades de maior escala. No fundo "Identidade" trata-se de um processo continuo e multifacetado, como uma enorme fórmula de informação que, mediante o modo como a informação é ordenada, obtém-se resultados diferentes, queremos com isto dizer, Identidades inteiras, distintas umas das outras.

Assim, mediante a ordem a que informação identitária vai surgindo, são formados diferentes processos de "identificação", resultando em Identidades distintas. Exemplo disso são as diferentes culturas sociais existentes, que mesmo distintas entre elas, nos é possível encontrar pontos semelhantes de umas culturas para as outras. Os hábitos, as capacidades e os costumes adquiridos pelo homem diferem ou assemelham-se na forma como este processo evolui e ordena a informação à sua volta. Diferentes reacções perante tal informação são o motivo por trás de diferentes culturas e variadas identidades.

Este processo de distinção de identidade, ou manifestação da mesma, alarga-se para as ciências, como é o caso da arquitectura, que pode variar na sua forma e função dependendo daquilo a que serve o propósito. Determinadas características na sua execução, quer estejamos a falar do seu traço ou componentes materiais e construtivas (entre outros), variam de acordo às exigências a que a arquitectura é submetida, seja ao clima, à geografia ou até aos hábitos identitários de uma determinada cultura.

Um exemplo claro deste processo de "identificação" ligado à arquitectura, foi a difusão da Arquitectura renascentista na Europa, entre os séculos XIV e XVI, e como as formas de difusão de uma ordem de informação identitária diferiram de país para país. Ainda que a arquitectura produzida por vários países seja efectivamente de origem renascentista, existe uma vertente arquitectónica diferente em cada região da Europa, pois é possível distinguir o Renascimento francês, de um Renascimento espanhol e de um Renascimento flamengo, por exemplo. [fig.24]

Posto isto, podemos tomar como ponto de partida, de informação identitária, a ordem renascentista, num tempo em que a tratadística clássica está plenamente desenvolvida e em que os arquitectos possuíam um bom domínio das regras compositivas clássicas e da sua canonização, o processo de identificação e apropriação da mesma, consoante o país onde foi aplicada, variou conforme as exigências culturais assim o definiram, permitindo uma certa liberdade criativa naturalmente absorvida pela transmissão e produção renascentista dos países fora do espectro cultural italiano.

Cada caso arquitectónico requer uma intervenção específica, com base no intuito de responder efectivamente aos desafios submetidos, sejam naturais ou humanos. Porém, podem-se encontrar características arquitectónicas semelhantes mesmo que se tratem de exigências diversas. As identidades, mesmo que diferentes, assemelham-se em determinados pontos e têm influência umas nas outras, isto, porque mesmo tratando-se de identidades distintas, partilham dados de informação semelhantes.

As pessoas por sua vez, identificam-se ao dizer o local de onde provêm, se são de um centro urbano ou rural, como também o podem fazer ao descrever o país em que vivem. Por exemplo, podemos atribuir ou distinguir certas características entre uma pessoa nativa do norte de Portugal, de uma do sul ou centro, ou, a uma escala maior, quando se identificam como nativos de uns países para os outros, dentro do mesmo Continente e até de Continente para Continente, como por exemplo da Europa e da Ásia.



Fig.24: Castelo de Chambord, estilo Renascentista francês que combina as formas medievais francesas tradicionais com as estruturas clássicas italianas.

Os sítios onde as pessoas habitam ou de onde são provenientes, dizem muito sobre uma pessoa, e também influenciam as suas preferências no contexto do meio ambiente que desejam viver, este efeito identifica-se como "*Place Attachment*" (afeição ao lugar), (Hauge, 2007:5) definido pelos sentimentos que vamos criando pelos lugares ao longo da vida. Sítios que nos são familiares e em que sentimos fazermos sentir parte deles, no fundo locais nos quais nos identificamos e onde criamos um "Sentido de Lugar".

Termos como "sentido de lugar" ou ligação a um lugar, aludem à complexa relação identitária entre o homem e o seu ambiente. [gráf.1] Este tipo de relação inclui o impacto do ambiente natural e o ambiente construído sobre as pessoas que o habitam, como ainda, o no desenvolvimento das actividades humanas que têm lugar nesse mesmo ambiente.

Diz-se frequentemente que os lugares dizem quem somos, porque um lugar cresce dentro de nós, tendo uma habilidade muito particular de reivindicar as pessoas como se dele fizessem parte. De certa forma, sentido de lugar, pode ser descrito de diversas maneiras, é o sentimento/perceção e a forma como as pessoas experimentam, expressam, imaginam e conhecem o lugar em que vivem. Pode ser um símbolo que torna um lugar exclusivo para alguém, pode ser uma característica particular que alguns lugares geográficos têm e outros não, como ainda, pode definir características identitárias distintivas, tanto tangíveis como intangíveis.

Isto não significa que apenas contenha os elementos de um lugar em particular, mas sim, que também inclui as associações e os sentimentos que temos quando vivenciamos um determinado sítio.

Este sentido, não se trata apenas de uma questão de nos habituarmos a um determinado lugar, mas também de criarmos e desenvolvermos uma relação forte com o mesmo, onde pouco a pouco, esse lugar se torna parte de quem somos, moldando a nossa identidade à sua imagem e vice-versa. Por exemplo, quando viajamos de um país para outro, muitas vezes, temos consciência do nosso próprio sentido de lugar e identidade. Com o decorrer do tempo, começamos a aperceber de que o ambiente onde estamos inscritos é diferente daquele a que estamos habituados, e aonde de certo modo, faz com que não nos sintamos "em casa".



Diagrama 1: Composição dimensional de Sentido de Lugar

Há vários elementos diferentes, como a paisagem, o clima, a arquitectura, a cultura, até particularidades como os sons e os cheiros que não são aqueles ao qual estamos habituados. Poderá haver coisas, que despertam o nosso interesse e que de certa forma absorvemos pontos particulares de informação identitária, seja através de experiências temporárias, como a visita a determinados locais importantes (museus, património histórico, etc.), ou através do contacto com outras pessoas desses mesmos lugares. Por outro lado, se alguém decide mudar-se para um novo país ou lugar de forma definitiva, todas estas particularidades tornar-se-ão gradualmente familiares, com o passar do tempo desenvolver-se-á um novo sentido de lugar que se tornará parte da nossa identidade.

Se assim é, não quererá significar que a própria identidade é determinada perante um lugar? Que o que diferencia as pessoas e as culturas, provém do lugar onde estas existem e habitam? Os lugares não se repetem, podem ter as suas semelhanças, mas mesmo assim diferenciam-se uns dos outros, assim como as inúmeras identidades (Culturas) e pessoas, se diferenciam umas das outras.

Entende-se que não existe uma ordem precisa para o que "determina o quê" mas a verdade é que uns não existem sem os outros. Não são apenas as pessoas e as suas identidades que são influenciadas por lugares, o inverso também acontece. É um processo conjunto onde tanto as pessoas como os lugares, crescem em "uníssono", dando forma a diversas identidades, que estão em constante mutação. (Hauge, 2001)

Embora o "sentido de lugar" seja frequentemente equiparado à "identidade do lugar", Relph enfatiza uma distinção entre os dois, definindo o sentido do lugar como, "*uma autêntica criação de lugares*" (Relph, 1976: 63) e, descreve-o como a capacidade de reconhecer e diferenciar localidades, um aspecto crucial da compreensão do lugar. [gráf.2] Neste contexto, Lionel Trilling, no seu livro "*Sincerity and Authenticity*", sugere que o sentido de lugar vai para além da mera autenticidade. Norberg-Schulz (1979) tal como já referimos anteriormente, conceptualiza-o como o "*genius loci*", ou o espírito de um lugar, que pode ser usado para melhorar, manipular ou mesmo curar o ambiente, sublinhando a ideia central de incutir um lugar de significado.



Diagrama 2: Processo de Afeição ao Lugar

Numa interpretação mais contemporânea, Gillian Rose argumenta que a identidade é moldada através de um lugar "*infuso com sentido e sentimento*" (Rose, 1995: 88), transpondo o conceito numa representação de "sentido de lugar", utilizado para descrever a identidade local, salientando a importância das características espaciais e do bem-estar da sociedade.

Esta perspectiva considera a identidade local como uma expressão de características únicas e das realidades físicas distintas de cada lugar. Consequentemente, o conceito de identidade do lugar, passa a incluir os significados que as pessoas ou grupos atribuem a uma determinada paisagem, à medida que constroem as suas identidades pessoais ou sociais. Assim, a identidade do lugar pode ser entendida como um reflexo alargado da forma como um lugar influencia a identidade individual. (Butina, 2007)

Hauge, (2005) criando um ponto de vista único sobre o lugar, defende que a compreensão de um lugar envolve vários métodos e explorações, centrando-se em elementos como o espaço, a natureza e o tempo. Já mudando de perspectiva Relph, (1976) vê o lugar como um ambiente humano rico em pontos significativos e preocupações sociais, que se convergem para formar significados, actividades e uma paisagem, frisando que o lugar é muito mais do que uma simples localização.

Todavia numa definição, de certo modo, mais abrangente Walmsley, (1988:59) afirma que:

> "*O ambiente construído influência, sem dúvida, a forma como os habitantes se definem dentro da sociedade. A identidade do lugar é, afinal de contas, uma parte da auto-identidade, pois cresce da experiência directa com o ambiente físico. Reflecte, portanto, os aspectos sociais, culturais e étnicos do lugar. Ao mesmo tempo, é central para o bem-estar de uma pessoa, pois ajuda a manter a identidade e facilita a adaptação às circunstâncias em mudança.*"

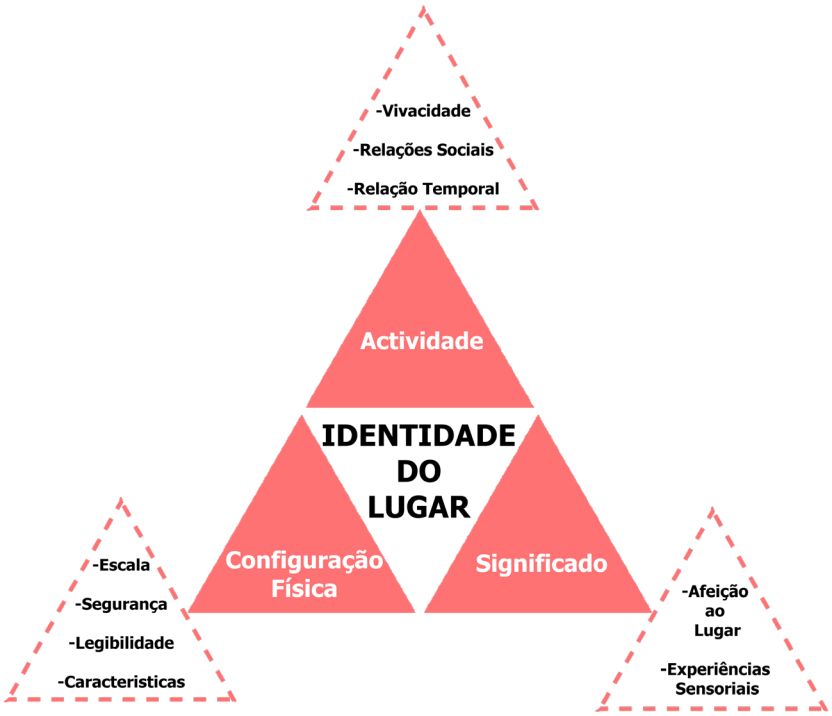


Diagrama 3: Composição da Identidade de um Lugar

Em "*Identity of Cities and City of Identities*" (2020), o investigador Ali Cheshmehzangi, sobreleva a importância do bem-estar social, descrevendo a identidade do lugar como uma "norma descritiva" que intensifica a relação entre o lugar e as pessoas. As tendências contemporâneas na investigação sobre a identidade sublinham consistentemente a relação de interdependência entre o homem e o lugar.

No entanto, a predominância de muitos estudos sociológicos e psicológicos tendem a descrever a identidade do lugar, como um fenómeno construído apenas através de interacções sociais. Relph (1976) argumenta que, embora os significados dos lugares possam estar ancorados a cenários físicos, os objectos e actividades não lhes são intrínsecos, mas que são moldados pelas intenções e experiências humanas. Este facto sublinha a relação interligada entre o espaço e as pessoas, frequentemente referida como o sentido do lugar ou a espírito do lugar.

Em consonância com este ponto de vista, sugere que os indivíduos não estão separados do seu lugar, sendo sim parte integrante do mesmo. De certo modo, propõe-nos a ideia que a identidade nos reivindica onde quer que tenhamos uma ligação com algo. Consequentemente, a relação entre o "eu" e o ambiente é vital para a formação da identidade de um lugar. Contudo, esta relação vai para além das construções sociais e é também influenciada pelo ambiente físico, os seus elementos e as actividades nestes contidos. (Heidegger, 1969)

Numa perspectiva urbanística, são várias as ocasiões em que se limita o conceito de "lugar" a pequenas escalas urbanas, raramente ultrapassando o nível de quarteirão. Assim, é importante clarificar que a escala espacial é um factor crítico na definição da identidade e que é importante a distinção dos observadores, "de fora e de dentro", com base na escala da área estudada. Esta distinção conduzirá a experiências, perspectivas e reconhecimentos diversificados.

A interacção entre as pessoas e os lugares tem um grande peso na forma como o meio ambiente influencia a identidade. O meio ambiente e a forma como é composto, as suas cores, formas e outros, tem efeitos directos nos comportamentos que as pessoas têm no lugar, sejam esses dinâmicos ou interactivos, esse tipo de perspectiva dinâmica inclui os significados sociais, culturais e psicológicos no interior do significado de um lugar. [gráf.4]

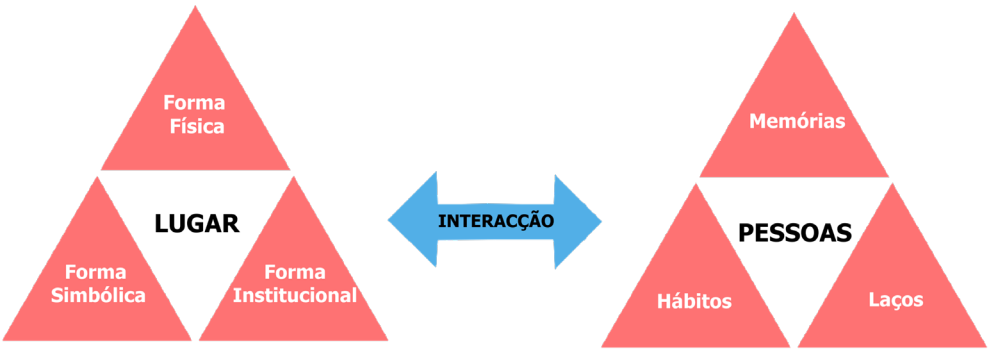


Diagrama 4: Relação "simbiotica" entre o Lugar e o Homem no que toca à Identidade

Neste ponto, admite-se o lugar como um espaço geográfico que adquiriu um significado para as pessoas que nele vivem, um sentido de lugar, assim como certos aspectos de identidade ligados a esse espaço, que podem ser descritos como a Identidade de um Lugar.

Esta é vista como uma substrutura de identidade própria ou uma auto-identidade, é composta por conjuntos de percepções e compreensões sobre o meio ambiente onde está inscrita, num aspecto mais sensorial falamos de memórias, pensamentos, valores, interpretações e sentimentos relacionados com alguns aspectos físicos que compõem e fazem parte desse mesmo lugar.

A especificidade de um lugar não depende totalmente da sua história, ou seja, do seu tempo e durabilidade, mas sim o que se constrói dentro desse determinado tempo, das relações sociais que se encontram e entrelaçam num *locus* específico. Todas as relações sociais, todas as ligações entre pessoas e todas as experiências da compreensão do tempo-espaço, fazem com que a geografia das relações mude, estendendo-se cada vez mais pelo espaço, através de relações económicas, políticas e socioculturais. Desta perspectiva, interpreta-se o lugar com outros olhos ou como uma realidade alternativa. Um lugar não vive apenas do passado, também é contínuo e intemporal. Tem elementos do passado que fazem parte da sua história e da sua estrutura, mas vive do presente e de quem o habita no dia-a-dia.

Entende-se que cada lugar tem os seus pontos específicos e as suas singularidades, e que existe uma procura constante por um sentido adequado ao lugar ou a busca pelo "verdadeiro" significado dos lugares. Interpreta-se esse tipo de questões como um constante desejo de fixidez e segurança da identidade.[fig.25]

Procurar um sentido adequado ao lugar e ao tempo em que vivemos, faz emergir questões e a posteriori respostas face ao movimento e progresso diário. A ideia de que os lugares têm identidades e essências singulares, que essa identidade ou sentido surge a partir de uma história introvertida. Ou seja, uma história singular voltada para dentro a sondar o passado à procura de respostas, portanto um sentido de Lugar Introvertido, que voltado para si próprio, não cresce vivendo de si próprio e fechado para o mundo. (Massey, 2000)



Fig.25: "Avanzi del Tempio del Dio Canopo nella Villa Adriana in Tivoli". Iconografia das ruinas de um templo do Deus Canopus, por Giovanni Battista

É bom manter aquilo que nos distingue e que nos caracteriza, ter uma identidade própria, mas não nos devemos fechar e opor à sua evolução natural. Cada lugar pode ser visto como um local particular, fazendo parte de um conjunto maior, um ponto onde se concentram momentos articuladores entre redes de relações e entendimentos sociais, pontos de encontro, sem imaginar os lugares com fronteiras ao seu redor.

Assim, permite uma perspectiva de um "Lugar Extrovertido", ou seja, subentende-se o lugar com uma consciência mais ampla das suas ligações para com o resto dos lugares vizinhos e o resto do Globo. Ampliando a noção do sentido de lugar e de uma identidade local com destino a uma identidade global. (Massey, 2000)

Podemos encarar o lugar como uma rede social que, conforme se estende e entra em contacto com outras, vai crescendo e absorvendo vivências e experiências que os seus agentes (pessoas) trazem e levam consigo, delineando um conceito progressista para o lugar.

Idealiza-se o lugar como um processo contínuo, isto é, um resultado de interacções sociais que se agrupam e manifestam no espaço ao decorrer do tempo. Essas interacções, que por sua vez também são processos, estão em constante movimento, influenciando o próprio Lugar, que é onde todos estes processos, sejam sociais, políticos, entre outros, se movem e manifestam. (Massey, 2000)

Criar fronteiras ou limites físicos não é necessário para a definirmos um lugar, a não ser, que seja para estudos científicos. A ligação ao "exterior" e a sua definição faz parte do que constitui o lugar, isso não faz com que perca a sua identidade, muito pelo contrário, torna-a mais abrangente e acessível.

A especificidade de um lugar é continuamente produzida e não apenas o resultado de uma história longa e de uma herança de um povo já enraizada. Essa especificidade nasce de vários factores, o facto de cada lugar ser o centro de uma mistura distinta de relações sociais, faz com que se produzam efeitos que poderiam não ocorrer da mesma maneira noutro lugar.

As relações sociais mais amplas, nas quais o lugar se encaixa, são também geograficamente diferentes, a globalização das relações sociais é outro factor que influência a singularidade de um lugar, isto porque a globalização não acarreta somente a homogeneização e o facto de os lugares se tornarem mais semelhantes não quer dizer que perdam as suas identidades, a interacção de relações sociais provenientes de longe com as locais produzindo efeitos diferentes em cada lugar específico.

Todas essas relações e factores interagem com a história já acumulada de um lugar, vão ganhando novos elementos e agregando-os à especificidade da sua história. Imaginamos tudo isto como um produto de camadas sobrepostas no decorrer do tempo, compostas por diferentes conjuntos de ligações, interacções e experiencias, sejam locais ou globais, onde mesmo usando as mesmas camadas noutros *locus* obtemos resultados e efeitos diferentes, ou seja, um sentido e consciência global de um Lugar. (Massey, 2000)

Cada lugar tem a sua história e ordem temporal, todas as gerações de pessoas e tempos culturas são exploradas pelo próprio lugar, dando asas ao surgimento de um carácter próprio que pode ser construído através de um lugar na articulação com outros lugares.

2.2 Processo de Identidade

Ao longo do tempo, foram desenvolvidas diversas teorias no que toca à relação entre lugar e identidade, inclusive teorias sobre "processo de identidade", a "identidade social" e a "identidade do lugar". A teoria da identidade do lugar, enfatiza a influência do ambiente na auto-identidade das pessoas, no entanto, pode ser vista como insuficiente pela falta de estrutura. Em contrapartida, a teoria da identidade social centra-se no sentimento de pertença de um indivíduo, [fig.26] mas de certo modo, ignora quase por completo o papel do ambiente construído. (Hague et al. 2005)

Já a teoria do processo de identidade de Glynis Breakwell (1986), analisa a ligação entre os ambientes construídos e a formação da identidade. De acordo com a sua visão, a ligação do homem a símbolos e elementos específicos da paisagem construída, desempenha um papel crucial na formação da nossa identidade. Assim, o autor descreve quatro elementos fundamentais da identidade: continuidade, auto-estima, auto-eficácia e distinção.



Fig.26: Fachada de um prédio na Rua da Madeira, Porto, Miguel Januário, 2015. Intervenção com a coloboração da população na criação de um painel comunitário sobre a identidade cidade do Porto.

A identidade é entendida como um produto social dinâmico da interacção das capacidades de memória, consciência e interpretação organizada. Por outras palavras, é a identidade de acordo com o meio ambiente, podendo ser vista como uma estrutura e um processo em constante actualização. (Hauge, 2001)

A teoria de Breakwell tem sido útil para a investigação sobre a identidade no que respeita ao ambiente construído, e nesta perspectiva, a identidade é vista como um produto dinâmico e social da interacção das capacidades de memória, consciência e construção organizada. Assim, a identidade pode ser olhada como uma estrutura e um processo em que a estrutura da identidade se manifesta através do pensamento, da acção e do afecto, não fazendo neste modelo qualquer distinção entre identidade pessoal e social, mas permitindo a distinção entre a dimensão de conteúdo e a dimensão de valor. A dimensão de conteúdo contém a identidade pessoal e social, e a dimensão de valor contém o valor positivo ou negativo destas categorias, o que faz com que a organização da dimensão de conteúdo seja hierárquica, mas não estática, e a organização dos elementos mude de acordo com os contributos e as exigências do contexto social.

No que respeita à estrutura da identidade, esta também é regulada por um processo de acomodação-assimilação, absorção de novos componentes e ajustes na estrutura de identidade existente. Os processos de formação da identidade são orientados por princípios diferentes consoante a cultura e, dentro de uma mesma cultura, esses princípios variam ao longo do tempo e em acordo com as situações.

A formação do processo de identidade é guiada por diferentes princípios de acordo com a cultura, no interior da própria cultura, princípios que vão variando ao decorrer do tempo e em sintonia com determinadas situações que vão surgindo entretanto.

Ainda sobre o Lugar, composto por vários elementos de identidade, como símbolos e espaços onde todos estes factores antes descritos tomam posse e acção. Os aspectos de identidade derivam do lugar ao qual pertencemos e de onde surgimos, do mesmo modo, este tem um significado e importância para os que dele fazem parte, tanto do Lugar como da sua Identidade.

Lugares representam memórias pessoais e, visto que estão localizados tanto em contextos sócio-históricos, como na matriz das relações intergrupais, tornam-se representantes de memórias sociais. Logo não tem um significado permanente, o seu significado está em constante movimento, de pessoa para pessoa e nos efeitos que as junções que todas criam na identidade do lugar, portanto, a contribuição para a identidade nunca é a mesma, está sempre em constante actualização. (Hauge, 2001)

"Identidade do Lugar" pode referir-se, de certo modo, à contribuição do lugar para a própria identidade, através de significados e valores simbólicos que fazem parte das características do próprio lugar. Este, é um produto feito de significados sociais e pessoais, não necessariamente um produto de hierarquia geográfica. Cada habitante, de uma maneira ou de outra, contribui para a definição de cada lugar, porque o lugar e a sua identidade são um produto em mutação devido à constante partilha de informação.

Quanto maior o apego a um lugar, menos as pessoas vão pensar nos aspectos particulares do mesmo, embora por vezes quando estamos demasiado perto não vemos determinados pontos negativos, o que pode não ser necessariamente positivo. Como por exemplo, determinados edifícios com significado simbólico que, por estarem num estado devoluto e expectantes no tempo, tornam-se um elemento "poluidor" para a envolvente e em última instancia até para a identidade local.

Pode ver-se a identidade como uma partilha constante ou como uma coesão social que gera e partilha uma identidade social. Esta, por sua vez, ajuda no desenvolvimento e na relação das pessoas com o lugar, tornando-o mais forte. Assim como na adesão e sentimento de pertença de novos membros num lugar, pois faz parte da natureza do homem partilhar costumes e outras riquezas que se desenvolvem no seu meio ambiente. (Hauge, 2001)

Dentro do mesmo lugar podemos ter várias identidades, dependendo dos locais, uma zona onde a actividade dominante é vocacionada para o estudo, em exemplo, o caso de pólos universitários e se a área que ocupam for bastante extensa, a identidade local vai ter um carácter mais "jovem". Em comparação, se for uma zona onde a actividade dominante é o comércio, esta já irá possuir uma maior mistura no que toca aos seus utilizadores.

Por conseguinte, um dos pontos importantes a considerar na Identidade de um Lugar é o tipo de actividade dominante que se pratica ou já se praticou. [fig.27] Ao perceber o tipo de actividade e o ambiente que ela cria à sua volta, é mais fácil para as pessoas de fora imergirem em sintonia com a identidade local. (Hauge, 2001)

Algumas identidades singulares ajudam em certas categorias a definir identidade, pois estas diferenças caracterizam os vários papéis que as pessoas desenvolvem como parte da identidade total na apropriação de um lugar.

Vejamos o espaço como um vector convergente dentro da criação de uma noção de identidade. Os espaços contêm signos, símbolos, géneros e outros papéis sociais, já quando falamos dos lugares, estes contem significados, que por sua vez representam e mantêm identidades plurais em diferentes níveis e dimensões.

Não existe nenhuma identidade social que não esteja relacionada de certa forma com o lugar. Sabe-se que existe identificação consciente e inconscientemente nos mais diversos níveis. A maneira como o homem comunica e lê a informação sobre os outros, e sobre ele próprio, através de pistas ambientais, pequenos e grandes aspectos de como a identidade se expressa e manifesta, seja através de espaços, objectos, edifícios ou então comportamentos do homem no seu quotidiano vivencial.

No domínio da arquitectura, os conceitos de identidade e do lugar são objecto de uma análise exaustiva, possuidora de diversas perspectivas. Um tema recorrente e consistente na abordagem destas definições, é a ideia de que uma combinação única de elementos subjectivos e objectivos distingue um lugar do outro. Na perspectiva de Ali Chehmehzangi (2020) estes elementos distintivos, englobam a estrutura física, a dinâmica social, a cultura, a ressonância emocional, a memória, as características naturais e o clima.

Factores como a localização geográfica, a configuração espacial e a sua interacção com as estruturas criadas pelo homem, desempenham um papel fundamental na formação da identidade. (Norberg-Schulz, 1979) Assim, reconhecemos um lugar pelos seus atributos, como a localização, ligação à forma urbana, características ambientais específicas, espaços com características únicas, cores, estruturas, sons, cheiros, temperatura, padrões de vento e a presença de grupos sociais distintos envolvidos em actividades particulares. (Rapoport, 1990)



Fig.27: Little Italy, Nova York, Estados Unidos da America. Bairro de Manhattan, assim chamado por ter sido ocupado por um grande número de ítalo-americanos durante o início do século XX.

A importância da forma física e da interacção entre o ambiente construído e o seu contexto mais amplo torna-se evidente, uma vez que os ambientes sociais, os estilos de vida e os significados culturais são frequentemente reflectidos nos edifícios e nos espaços urbanos. Assim, a forma física de um lugar surge como uma das expressões culturais mais significativas de uma comunidade. (Lozano, 1990)

Todos os elementos de um lugar contribuem para a sua identidade, [gráf.5] o que torna quase impossível enumerar de forma exaustiva todos os componentes que definem a sua totalidade. Algumas investigações sobre o tema têm-se concentrado nos aspectos que distinguem lugares em contextos específicos, como as paisagens culturais ou o património urbano. Há, todavia investigadores que propõem classificações mais amplas, agrupando estes elementos em três categorias principais: naturais, humanas e criadas pelo homem. Esta classificação abrange uma vasta gama de elementos de identidade urbana presentes nas obras de autores reconhecidos como Kevin Lynch e Edward Relph.

Relph (1976) defende que a identidade é composta por três elementos interligados: (a) atributos físicos, tanto naturais como artificiais, (b) actividades, incluindo eventos e padrões funcionais, e (c) significados e símbolos, que se formam através das experiências e interacções dos utilizadores com um lugar.

Lynch, (1960) por sua vez refere que se podem categorizar os elementos que influenciam a percepção que um utilizador tem de um lugar em três grupos: (a) formas, (b) actividades e (c) imagens. Apesar das variações na terminologia, podemos decompor as classificações anteriores dos componentes da identidade em duas dimensões fundamentais. A primeira, a dimensão material, que inclui elementos directamente perceptíveis como valores tangíveis, visuais, auditivos e olfactivos que correspondem ao ambiente físico. A segunda, a dimensão imaterial, que envolve factores perceptivos não visíveis que estão subjacentes aos visíveis, em grande parte moldados pelas nossas experiências em diferentes espaços.

Estes factores contribuem para a formação da identidade, não se substituindo uns aos outros, reforçando-se sim mutuamente, tornando-se consequentemente como indispensável estabelecer uma ligação entre estes factores, sejam eles directos ou indirectos, tangíveis ou intangíveis. (Norberg-Schulz, 1971)

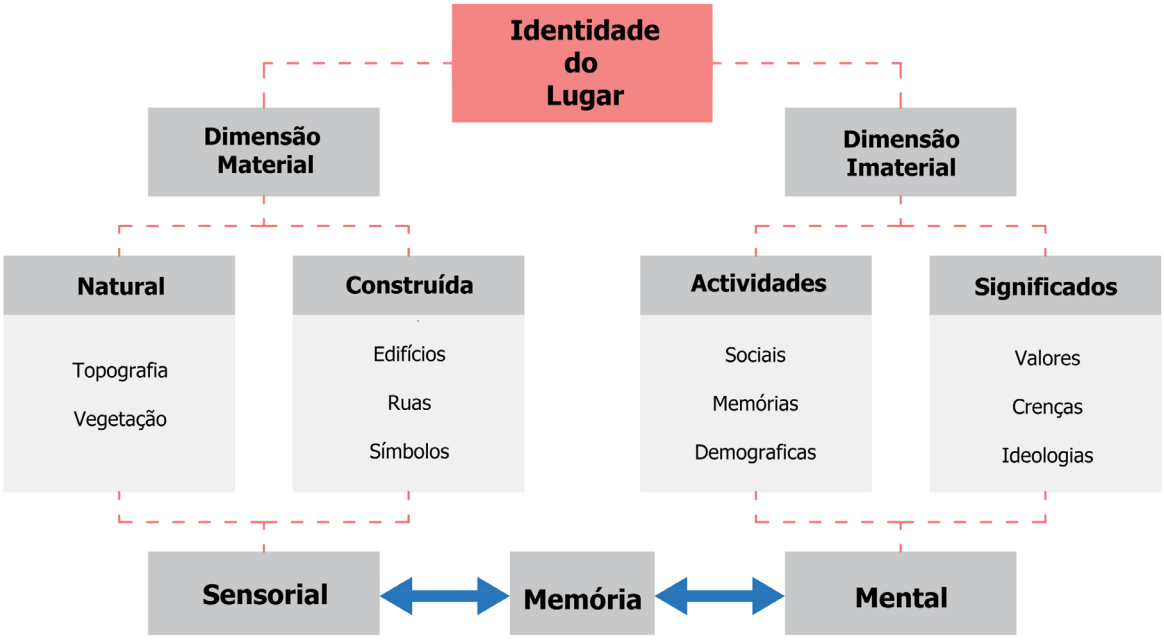


Diagrama 5: Identidade do Lugar e os seus componentes.

As relações intelectuais entre estes factores e as ligações à estrutura física, os aspectos socioculturais, a memória e a natureza, são cruciais na formação da identidade de um lugar. Cada grupo social diferencia a identidade do ambiente que habita das outras partes do lugar, evidenciada pelos seus estilos de vida únicos e pelas suas interacções mantidas com os espaços circundantes. (Relph, 1976)

Embora a relação entre lugar e identidade seja essencial, não é possível compreender plenamente o conceito sem considerar a dimensão do tempo. [gráf.6] É imprescindível acrescentar uma dimensão temporal aos aspectos físicos tridimensionais habitualmente analisados, isto porque, os lugares são entidades vivas em que tanto o ambiente como os seus utilizadores estão em constante estado de fluidez. Ou seja, a imagem mental de um lugar é um processo duplo entre o observador e o objecto, em constante evolução. (Jenkins, 2014)

A arquitectura de certa forma distingue-se disciplinarmente, por alargar o seu foco para além das estruturas sociais de um lugar, de modo a incluir o seu ambiente físico, influenciado por uma vasta gama de factores, incluindo os sociais. Assim, de forma analisar o conceito de identidade do lugar e o seu processo de identidade, referenciamos três princípios fundamentais: a escala espacial, o tempo e o observador.

Um dos principais desafios na interpretação da identidade de um lugar no âmbito das ciências sociais, é o carácter limitado do próprio lugar, muitas vezes confinado à casa, ao local de trabalho ou ao quarteirão. A identidade do lugar é um conceito complexo que engloba os atributos físicos, culturais e sociais que definem uma cidade ou uma vila, uma zona urbana ou uma zona rural. No ambiente construído, a identidade manifesta-se de forma diferente em vários níveis espaciais, levando a diversos reconhecimentos. Este facto realça a importância de contextualizar a identidade de acordo com a escala referenciada. As identidades de lugares funcionam como "normas informativas", procurando a distinção e promovendo relações em todas as escalas espaciais. (Chesmehzangi, 2020)

Contextualizar as identidades em distintos níveis interligados ajuda a clarificar o seu papel em vários contextos no planeamento de território. No seu livro " *Identity of Cities and City of Identities*", Ali Cheshmehzangi sublinha a importância da escala da área em estudo e propõe uma divisão de quatro níveis para contextualizar as identidades: nível global, nível macro, nível médio e nível micro.

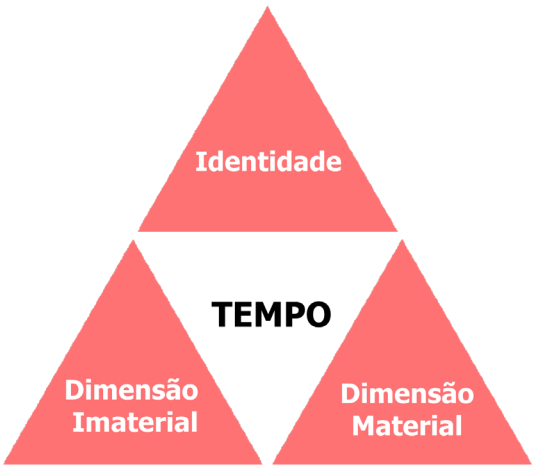


Diagrama 6: O papel do tempo na formação da identidade

A perspectiva global ou "nível global", representa o aspecto mais abrangente das identidades dos lugares. Caracteriza-se pelo reconhecimento e percepção de uma cidade ou ambiente específico a uma escala global. Embora determinados pormenores no planeamento possam não ter tanta ênfase a este nível, é importante notar que as preocupações sociais continuam a moldar a perspectiva global de um lugar e o seu ambiente.

O cenário urbano ou "nível macro", distingue uma área, ou região específica, de outras, através das suas características únicas, que podem ser particulares a uma parte do lugar, mantendo no entanto a sua ligação com outras partes. Este nível ajuda a definir o carácter e a imagem da área urbana, desempenhando um papel fundamental na formação da identidade global de uma cidade ou região.

O Quadro Ambiental ou "Nível Médio", refere-se à "identidade do lugar". Este nível engloba as relações entre pessoas e lugares, situadas num quadro mais vasto, fornecendo um contexto estruturado para ligar os indivíduos aos lugares.

A Perspectiva Pessoal ou "Nível Micro", que o autor refere como "Escala Pessoal", que representa a dimensão mais pormenorizada e específica da identidade local. Centra-se na percepção que um indivíduo tem de um local ou cidade, sendo as identidades a este nível altamente diversificadas e subjectivas. Estas identidades variam consoante as culturas, os locais, as experiências e os indivíduos. O nível micro incorpora a forma mais personalizada de identidade, oferecendo uma visão única das relações entre pessoas e lugares. Este nível desempenha um papel crucial na formação da experiência global de um ambiente, uma vez que reflecte as perspectivas e experiências únicas dos indivíduos no contexto em que estão inseridos.

Concluindo, a consideração da escala espacial é essencial no estudo da identidade dos lugares, pois permite-nos uma compreensão mais matizada dos atributos físicos, culturais e sociais que contribuem para a identidade local, bem como das relações entre quarteirões e regiões distintas. Ao contextualizar as identidades dos lugares a vários níveis, podemos obter uma visão mais profunda dos papéis que estas identidades desempenham na concepção arquitectónica e no planeamento de territórios.

A identidade dos lugares é continuamente moldada e remodelada pela passagem do tempo, influenciada pelas experiências colectivas, memórias e acontecimentos proporcionados pelo papel activo das pessoas que os habitam, que por sua vez, geram mudanças identitárias nos lugares através do tempo. (Távora, 2007)

Para Lynch, (1960) é essencial entender a evolução da identidade dos lugares e compreender os factores que impulsionam determinadas mudanças progressivas e irreversíveis associadas aos vários processos de mudança nos lugares ao longo do tempo. Já para Cheshmehzangi, (2020) esta evolução pode ser tanto positiva como negativa, e o reconhecimento e avaliação destas mudanças é essencial para uma compreensão abrangente da identidade do lugar.

Um elemento matriz na formação e evolução da identidade é a memória, que se pode definir como a memória colectiva de um lugar e dos seus utilizadores. Esta é cultivada e preservada através de experiências e acontecimentos partilhados ao longo do tempo, tornando-se num processo dinâmico, constantemente influenciado por novas experiências e acontecimentos, desempenhando assim, um papel vital na formação da identidade dos lugares. (Cheshmehzangi, 2020)

Compreender a memória do lugar é fundamental para compreender o impacto da historiografia e dos acontecimentos passados no desenvolvimento da sua identidade. Por exemplo, os vestígios arquitectónicos e culturais de uma localidade, tais como os seus edifícios e monumentos, que contribuem significativamente para a formação da sua memória colectiva e, consequentemente, da sua identidade. E ainda, a forma como as pessoas recordam e interpretam as experiências passadas desempenha igualmente um papel fundamental na formação de identidade.

A identidade do lugar é moldada por múltiplos factores inter-relacionados, directos ou indirectos, tangíveis ou intangíveis não havendo um único elemento que tenha precedência sobre o outro. As relações intelectuais entre estes factores e a ligação entre a estrutura física de um lugar, os aspectos socioculturais, a memória e a natureza são cruciais na formação da sua identidade. (Relph, 1976)

Os lugares possuem camadas multidimensionais de memória, que se estendem tanto para o futuro como para o passado, reflectindo a realidade actual de uma forma única e inconfundível. Esta interacção entre memória e tempo confere ao lugar, o seu carácter arquitectónico, social e físico distintivo, tornando a história dos seus acontecimentos simultaneamente palpável e inteligível. De certo modo, a linha do tempo de um lugar revela a sua evolução como resultado de uma série de acontecimentos, estando o processo de estabelecimento da sua identidade, intrinsecamente ligado ao tempo. Posto isto, percebemos que a identidade não é uma entidade estática, mas um processo contínuo, e que a análise periódica da sua evolução, permite à arquitectura uma forma mais eficiente de interagir com a identidade do lugar. (Hague et al., 2005)

No que toca à posição de observador, o homem assimila as transformações que decorrem nos lugares através do tempo, seja de forma directa ou indirecta, variam de acordo com o observador, pois cada um tem uma noção diferente na maneira como vê e vive os lugares.

Numa encruzilhada de olhares no mesmo espaço, observadores diferentes equivalem a percepções e experiências diferentes. Mesmo que se assimilem informações identitárias semelhantes do mesmo lugar, a informação que adquirem não necessita de ser necessariamente igual, criam-se memorias diferentes de indivíduo para indivíduo. Promovem-se igualmente situações novas na relação espaço-observador que, em conjunto com as suas memórias adquiridas ao longo do tempo, influenciam a maneira como o homem actua e vê o espaço à sua volta, tendo em conta as mudanças progressivas e irreversíveis que são importantes para a compreensão da dinâmica na qual o lugar é transformado. [gráf.7]

Cheshmehzangi, (2020) interroga-se quando fala da compreensão da identidade que envolve uma interacção complexa de elementos físicos, sociais, culturais e históricos, em que o papel do observador é essencial. Para ele, o conceito de identidade de um lugar, é como a "essência do lugar", o que lhe permite colocar uma questão pertinente, "A essência para quem?". A resposta poderá ser dada quando Relph, (1976) refere que a identidade é vivida de forma diferente por vários indivíduos e comunidades, incluindo residentes, turistas, sociólogos, arquitectos, etc., dependendo na forma como é observada, envolvendo uma perspectiva interna ou externa.

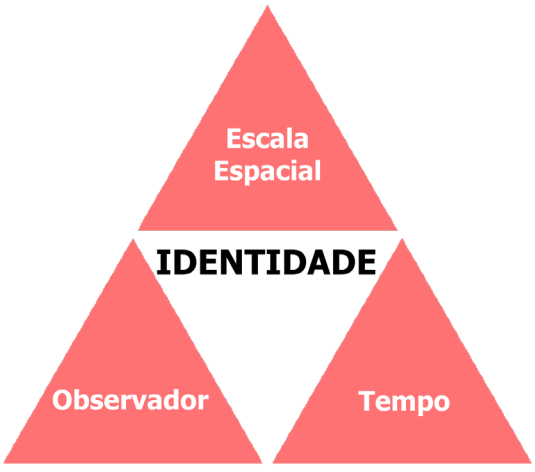


Diagrama 7: Principais factores no estudo da identidade

Relph, (Ibidem) sugere que um lugar pode possuir múltiplas identidades, dependendo de quem a observa, valorizando as perspectivas subjectivas e a noção de que a identidade do lugar deriva de um conjunto de significados retirados da paisagem cultural, que podem variar entre indivíduos ou grupos.

Na mesma linha de pensamento, Kevin Lynch descreve a forma como cada indivíduo cria mapas mentais da cidade com base em cinco características distintas (vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes) e como estes elementos moldam a sua percepção e interacção com o ambiente construído, definindo assim a imagem da cidade. Para este autor norte-americano, a identidade é um elemento subjectivo que faz parte da imagem do lugar, identificando, "*identidade, estrutura e significado*" (Lynch, 1960: 58), como os três principais componentes que a moldam. O autor enfatiza a importância dos ambientes e estruturas espaciais, como factores objectivos na formação da imagem ambiental, reconhecendo a identidade como subjectiva e o seu significado como uma relação particular entre as pessoas e o lugar.

Em síntese, o lugar não se trata apenas de um espaço com determinados atributos físicos que identificamos e onde concebemos as nossas actividades diárias, é bem mais plural do que isso, não podemos ver o lugar como uma categoria social, nem apenas como um contexto ou imagem de fundo, mas sim como uma própria identidade singular gerada a partir da junção das demais identidades, que por mais pequenas que sejam, podem possuir um enorme significado dependendo do ponto de vista. O lugar também faz parte integral de todas essas pequenas "grandes" identidades coexistindo umas com as outras, e que reunidas, geram uma entidade identitaria de maior escala ao qual Hauge, (2001) atribui o nome "Identidade do Lugar".

Pequenas mudanças arquitectónicas afectam a maneira como um lugar facilita diferentes usos e atributos, assim como a interacção social e a própria vivência. Por sua vez, essas alterações em diferentes graus ou escalas podem nutrir ou degredar o sentido e a identidade do lugar. Na nossa perspectiva, depois de conferirmos as visões de vários autores, o grande desafio na arquitectura, está na forma e na estratégia como se pode facilitar a gestão das componentes que o lugar acarreta, de maneira a que este possa "evoluir" e coexistir com as prementes e contínuas necessidades do homem. [fig.28]

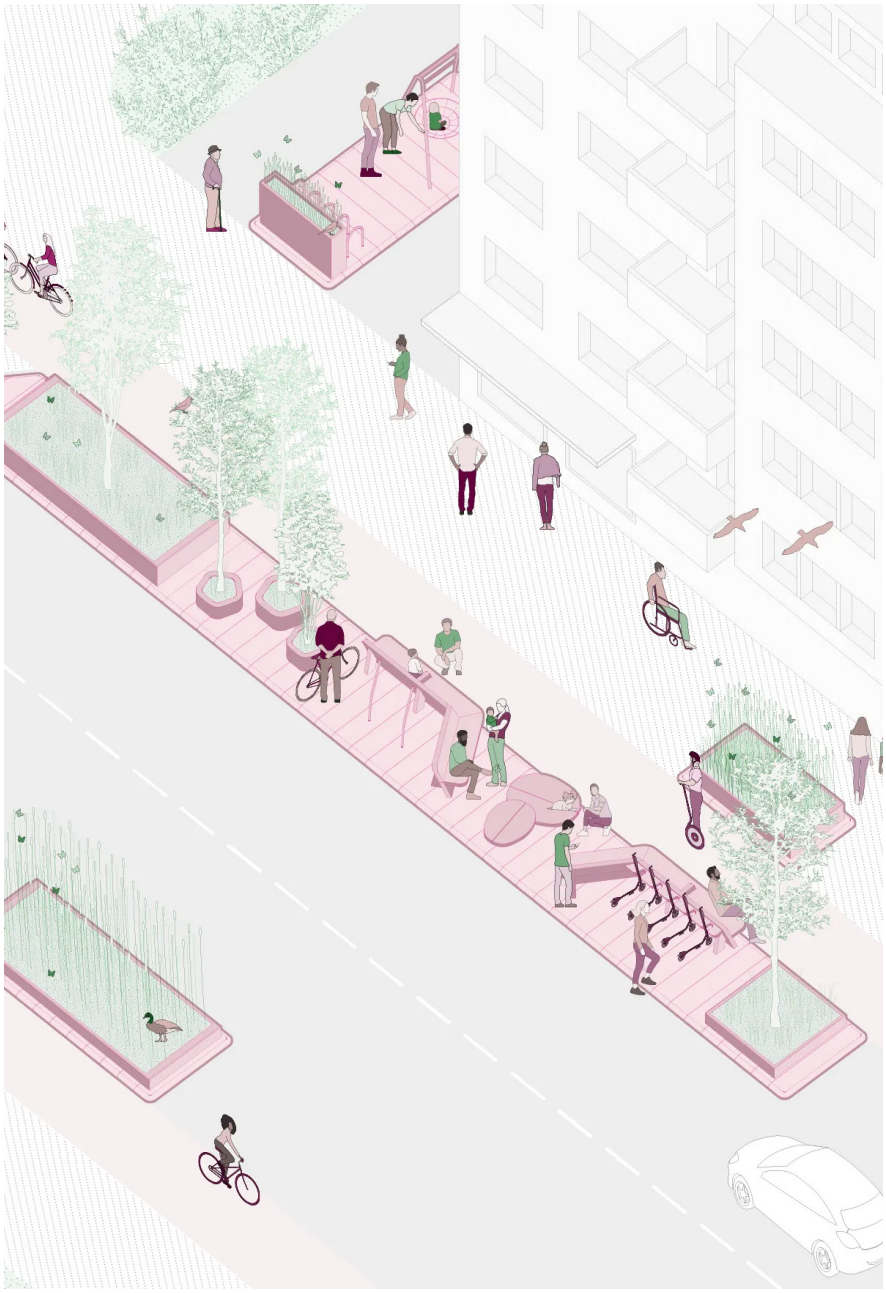


Fig.28: Street Moves, projecto de Lundberg Design. A iniciativa permite que as comunidades locais se tornem co-arquitectos do traçado das suas próprias ruas, através de workshops e consultas.

2.3 Lugares de Memória

Como vimos anteriormente, um ponto determinante na definição de identidade, é a sua análise num momento específico no tempo, tornando-se importante salientar que a identidade de um lugar está em constante evolução e que as análises devem centrar-se no acompanhamento desta evolução e na sua direcção ao longo do tempo. [fig.29]

As relações entre as pessoas e o lugar, entre o lugar e os seus componentes e entre os próprios componentes contribuem para a identidade do lugar. Para compreender plenamente a identidade do mesmo, é essencial considerar não só as construções sociais, mas também a influência do ambiente (natural e construído), a escala espacial, o âmbito e direcção das mudanças ao longo do tempo. Por conseguinte, devemos abordar a identidade do lugar como um fenómeno dinâmico, multifacetado e dependente do contexto, moldado por factores sociais e físicos.



Fig.29: "Etherea". Através de esculturas transparentes, Edoardo Tresoldi cria uma experiência que evoca a memória da arquitectura clássica, amplificano ou reduzindo a "distância entre o homem e o céu"

Lugares que através da arquitectura, interagem com o homem de forma complexa, não apenas no que diz respeito aos seus estímulos sensoriais e à percepção física das formas, mas também, quanto aos estímulos mentais resultantes desta interacção, capazes de provocar diferentes sensações, que por sua vez mexem com as emoções humanas, redireccionando a consciência humana e afectando a sua identidade de forma contínua.

A compreensão do lugar resulta do processo de recolha sensorial que o homem faz em contacto com o espaço em diferentes aspectos, a percepção de um espaço físico, um espaço perceptivo e um espaço cognitivo. Trata-se então, de um processo de experiências resultantes da relação recíproca entre o homem e o meio, um intercâmbio constante na partilha de informação, que através da arquitectura, torna possível a delimitação dos espaços e o contágio sensorial com o homem. Seja através de sensações captadas pelos sentidos, nomeadamente de ordem visual, táctil, auditiva, olfactiva, ou por ordem emocional, a interacção com o meio tem como resultado todo um processo de percepção de informações e estímulos sensoriais, que variam de pessoa para pessoa. Uma vez que, cada indivíduo interpreta o ambiente que o rodeia de forma singular, recolhe e assimila sensações em função da sua experiência pessoal adquirida ao longo do tempo, entendendo-se, portanto, que a percepção dos lugares seja intrinsecamente subjectiva e singular.

Estas experiências sensoriais manifestam-se através da interacção constante com os lugares, através de um intercâmbio constante de partilha entre o lugar e o homem, com identidades que se redefinem constantemente. Os lugares podem de certo modo representar e estruturar a acção e o poder, a ordem cultural e social, a interacção e a separação, a identidade e a memória, que, tal como a arquitectura, envolve-se e desenvolve-se através de questões existenciais fundamentais que lhe dão uma forma, sentido e identidade. [fig.30]

Qualquer experiência implica actos de recordação, memória e comparação. Uma memória incorporada tem um papel fundamental como base da lembrança de um espaço ou um lugar. Identificámo-nos com um determinado espaço, um lugar e momento "*aión* [7]", cujas dimensões tornam-se ingredientes da nossa própria existência.

7 Palavra grega que representa uma ideia de tempo ilimitado, em contraste com a noção de Chronos, que apresenta de modo contrário como tempo empírico e limitado.

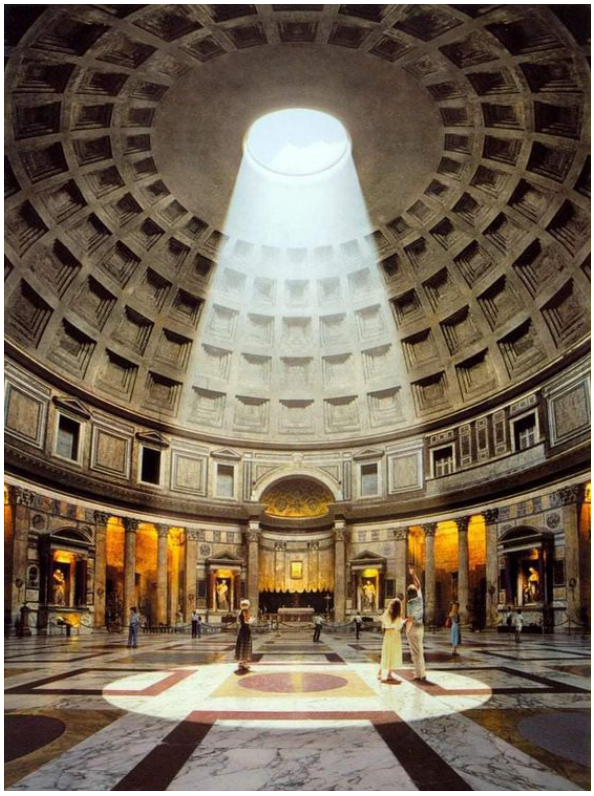


Fig.30: Todos os anos, ao meio-dia de 21 de abril, data tradicional do nascimento de Roma, raios de sol incidem perfeitamente na parte central do Panteão, em Roma.

A experiência vivida é a categoria base da epistemologia, a essencial fonte do conhecimento humano onde, todo o conhecimento começa com a experiência de fenómenos, a interpretação dos mesmos e em que os resultados de determinadas experiências, se traduzem na condição mais fundamental para um entendimento apriorístico.

Os edifícios são expressões materiais, uma "presença" de significados do mundo da vida. Nesta linha de pensamento, o acto de edificar não é apenas produzir soluções eficazes para os problemas, mas sim, principalmente, incorporar a existência de significados da vida real para um edifício, proporcionando espaços para possibilidades futuras de uma existência humana. A construção é uma actividade fundamental do homem, é o homem que constrói, juntando figuras espaciais para dar uma forma espacial. O edifício responde ao espírito do tempo, à nossa época, que é da tecnologia. A actividade de construção ajuda-nos a reunir elementos do nosso espaço existencial, concretizando-os e incorporando-os no nosso ambiente, sendo que, a essência do fenómeno de construir seja o de deixar-habitar. (Heidegger, 1969)

Uma obra de arquitectura não é experienciada como uma série de imagens isoladas na retina, mas sim na sua essência material, corpórea e espiritual totalmente integrada. Ela oferece-nos formas e superfícies agradáveis, configuradas para o estímulo dos olhos e dos demais sentidos, mas, também incorpora e integra-nos as estruturas físicas e mentais, dando uma maior coerência e significado à nossa experiência existencial.

Uma das características mais salientes na maneira como homem organiza o seu espaço é a sua descontinuidade, zonas que crescem ou morrem de um dia para o outro, o aparecimento de vazios no território e de não-lugares, tudo realidades e fenómenos do homem e da sua mobilidade, tem como consequência a quebra de relações coerentes entre lugares de memória com o resto do território.

No entanto, a actualidade é fruto de um processo de transformação corrente, o rápido aperfeiçoamento das tecnologias de comunicação e de informação, assim como a evolução dos transportes e da mobilidade pessoal, representam um constante desafio de adaptação tanto para a sociedade como para a arquitectura.

Esse processo é igualmente um factor que surte efeito na maneira como se desenvolve o espaço e o homem, que vivem num estado de constante actualização. A diversidade e meios de informação, em conjunto com as inúmeras identidades existentes, são de tal modo vastas que se torna cada vez mais complicado para o homem, estar a par de tudo o que o rodeia e consequentemente responder aos problemas a que é submetido. Do mesmo modo, os lugares são constantemente desafiados por estas insurgências de mudança, que por sua vez afectam a sociedade e a arquitectura.

Porem, existe uma diversidade que inunda a vida quotidiana de acontecimentos casuais, tornando a rotina diária do homem mais flexível e que cria um contexto social cada vez mais diversificado dotado de circunstâncias menos previsíveis. As práticas quotidianas tornam-se cada vez menos ligadas às origens sociais, mais próximas, fruto de uma crescente socialização assente numa base social tecnológica.

Através do uso da tecnologia, ultrapassam-se as barreiras físicas impostas pelo espaço, possibilitando de uma forma mais rápida a troca de informação, facilitando o contacto entre indivíduos e diferentes grupos sociais, independentemente da distância a que se encontram. Promove-se assim a diferenciação social, territorial e cultural, tornando a mobilidade social bem mais complexa e imprevisível.

Assim, a diversidade de opções que existem criam perfis de vida e consumo também cada vez mais diferenciados, os laços sociais tornam-se mais abundantes e variados, dando forma a múltiplas redes sociais, pertencendo cada uma a um campo social distinto, que por sua vez afecta o modo como as relações no território se desenrolam. (Augé, 2005)

As crescentes incertezas na maneira como as relações no território se desenrolam e em conjunto o aumento das hipóteses de acção estratégica, surte-se o efeito de risco, isto é, a ocorrência de cenários imprevisíveis que alertam para uma possibilidade de risco na maneira de agir estrategicamente no espaço. O risco do aparecimento de espaços fragmentados sejam de carácter urbanístico, social ou cultural, cujo aparecimento se deve à natural evolução da sociedade, são influenciados pelos diferentes comportamentos sociais e pelas estratégias implementadas no território.

As inúmeras transformações espaciais por vezes tornam os espaços cada vez mais homogeneizados, tendo como consequência a perda do seu sentido de lugar. De igual modo o aumento da mobilidade pessoal, leva as pessoas a interagirem menos com o território e a diminuírem as suas ligações com o lugar, possibilitando o aparecimento de "não-lugares". (Augé, 2005)

A relação que os indivíduos mantêm com os espaços desvanece devido a ínfimas razões, resultando em vazios demográficos, que se traduzem no abandono e degradação de construções e de partes do tecido urbano, incluindo Monumentos e Património Arquitectónico, cujas condições se relacionam com a ausência do seu uso e actividade. Tratam-se de zonas esquecidas que em determinado momento não corresponderam às necessidades da sociedade. Estes "vazios" tem as características e potencialidades de espaços de transição temporal, assim como a oportunidade para poder potenciar e modificar o território, implicando a oportunidade de mudança, a possibilidade de novos usos e a promoção dos lugares.

Muitos edifícios encontram-se vazios e desocupados por várias razões, sendo o elevado custo da renovação um factor significativo. No entanto, estas estruturas não são apenas entidades físicas, são representantes reais de memória, de cultura e do legado arquitectónico do lugar a que pertencem. A renovação adequada destes edifícios pode preservar a identidade e contribuir para a vitalidade económica, social e cultural de um lugar.

Erve Chambers, afirma que, "*estas utilizações gerais do património não são, em si mesmas, necessariamente más ou prejudiciais, e podem ter resultados bastante benéficos em termos de desenvolvimento económico, educação pública e encorajamento das pessoas a preocuparem-se mais responsavelmente com as experiências dos outros e com o seu ambiente*". (Chambers, 2006: 37)

O acto de reutilização adaptativa de qualquer edifício histórico deve ser abordado cuidadosamente com o intuito de o proteger e, ao mesmo tempo, reflectir o seu valor, de modo a criar espaços que tenham um impacto positivo com os seus novos utilizadores. Do mesmo modo, o autor supracitado defende que, "*a reutilização criativa permite-nos salvar e proteger o nosso património enquanto exploramos o seu valor como recurso*", (Chambers, 2006: 12) justificando que esta criação nos permite reconsiderar as nossas necessidades e aspirações culturais numa nova visão e pensamento, transformando-as em vantagens.

Alguns edifícios abandonados, usufruem de uma enorme riqueza arquitectónica, revelando um fundo sólido no que toca à história e identidade do lugar. A preservação de edifícios históricos através da reutilização adaptativa através de novas funções, pode ser o método correcto para garantir a sua sobrevivência e evitar que sejam negligenciados. O reaproveitamento destes edifícios abandonados, pode ser um verdadeiro potenciador de espaços de encontro e cultura, espaços de experiências e de intercâmbios entre as pessoas, transformando-os em edifícios vibrantes que reflectem a identidade do local. Ao integrar estas estruturas históricas no tecido da vida contemporânea, elas tornam-se participantes activas na história contínua do lugar. As características arquitectónicas históricas destes edifícios podem ser preservadas, permitindo-lhes continuar a contar a história das narrativas do seu passado, ao mesmo tempo que servem as necessidades contemporâneas.

Estes edifícios são significativos não só pelo seu valor arquitectónico, mas também, pelo seu papel na definição do sentido de lugar, pois fazem parte da história e memória do mesmo. A sua preservação e reutilização mantêm a continuidade cultural da zona, criando espaços onde o passado e o presente se cruzam. Esta ligação entre o edifício e o seu lugar reforça o sentido de identidade e de pertença tanto dos residentes como apelam às experiencias dos visitantes.

A capacidade que o Homem possui de conciliar as suas exigências com a complexidade do território histórico existente, em conjunto com a concretização de alterações sucessivas no território em coerência com construções de tempos diferentes, constitui um grande e constante desafio para a arquitectura. (Távora, 2007)

Além disso, à medida que se afirmam tendências de embalsamamento de edifícios históricos, simultaneamente com a ausência da população, isto devido à inexistência de razões de fixação pela falta de capacidade de satisfazerem as suas necessidades, tem como resultado o aumento da desertificação dos lugares antropológicos, de maneira que estes lugares se tornam despercebidos no espaço e inertes na sua dimensão temporal.

Para Marc Augé, (2005) o lugar antropológico é definido como um dispositivo social que exprime a identidade de um grupo, que de origens diversas conserva a sua identidade através do próprio lugar, garantindo que as pessoas são indispensáveis para a essência de um lugar.

A organização de um espaço e a constituição de lugares formam-se pelas práticas tanto individuais como colectivas, que vinculadas a esses lugares mantêm uma necessidade de pensar simultaneamente numa identidade e numa relação através de elementos constituintes e simbólicos que envolvem uma identidade partilhada.

Portanto o lugar antropológico é a construção concreta e simbólica de um espaço, o percurso cultural por essência, uma vez que desenha a sua identidade pelos signos mais visíveis e reconhecidos por um grupo social. (Augé, 2005)

Para Augé os lugares têm três pontos em comum, são Identitários, Relacionais e Históricos. Correspondem a um conjunto de possibilidades e particularidades cujo conteúdo é tanto espacial como temporal, no qual determinados elementos vão mantendo relações de coexistência, isto porque, num lugar podem coexistir imensos elementos distintos e singulares, mas que em conjunto ajudam a determinar a identidade do lugar. [fig.31]

São históricos na medida em que as pessoas conforme vivem os lugares, vão criando uma relação forte com os mesmos. Os lugares vão mudando ao longo do tempo e através dessas mudanças as pessoas vão criando sentimentos de nostalgia e memórias das alterações que testemunham no espaço.

Ou seja, as pessoas identificam-se com os lugares mesmo que estes já não sejam exactamente iguais ao que outrora foram historicamente em tempos, mas sempre acompanhadas por elementos distintos e simbólicos que fazem parte dos lugares de memória. (Augé, 2005)

Falamos de monumentos espalhados pelos lugares, artefactos e obras do passado, realizados por uma comunidade humana, mais precisamente, criações arquitectónicas que, seja quais forem as suas dimensões, adquiriram um significado cultural à medida do tempo. (Choay, 2011)

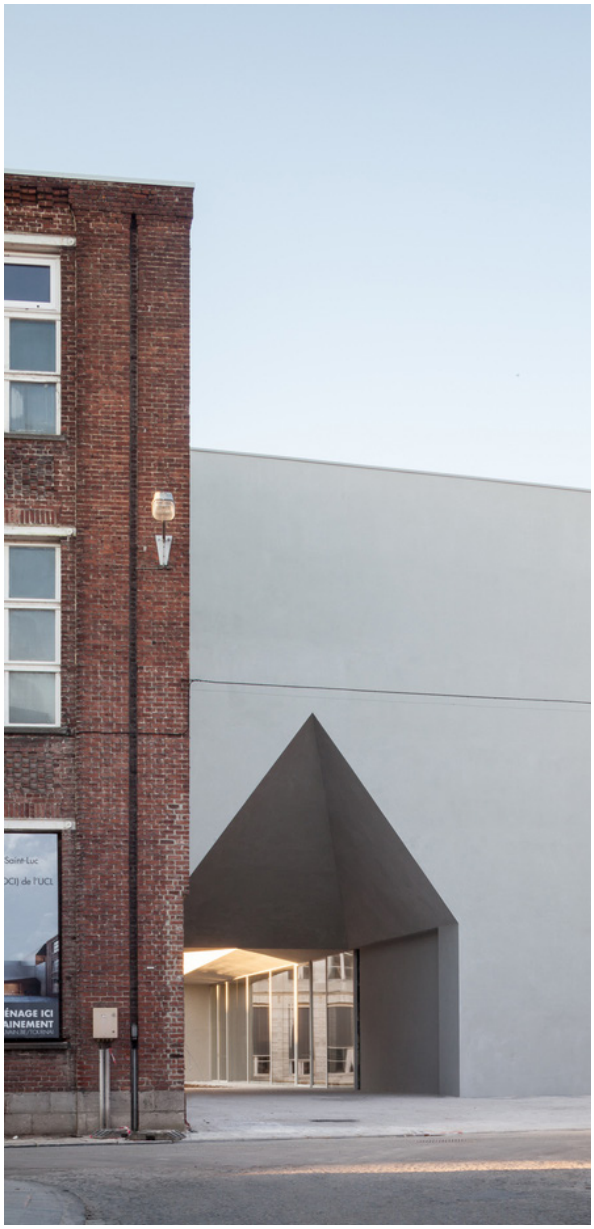


Fig.31: Facultade de Arquitectura, Tournai, Bélgica. Projecto de ampliação de Aires Mateus, ocupa o interior de um quarteirão histórico onde coexistem edifícios de diferentes identidades e épocas.

Ainda que vistos como referências culturais e colectivas, existe uma distinção entre monumentos e monumentos históricos, ambos confundidos sob o nome de património. Querendo com isto dizer, que os monumentos, vistos também como antiguidades, podem ser promovidos a monumentos históricos, ou seja, um artefacto arquitectónico escolhido num *corpus* de edifícios preexistentes, devido ao seu valor e à sua relação na história e/ou valor estético, representa uma construção com um valor intelectual e uma identidade na história de um lugar e de uma cultura. (Choay, 2011)

No entanto, caso o monumento histórico seja considerado um elemento portador de um significado de maior relevância para uma identidade, pode passar para a salvaguarda de uma protecção institucional, a fim de assegurar a sua conservação. Deste modo, passa a ser considerado Património, visto como um elemento de potencial projecção local, regional, nacional e até em alguns casos mundial, tendo em conta os seus valores históricos, urbanísticos, arquitectónicos, artísticos e sociais. [fig.32]

No domínio do urbanismo, o estudo da identidade orienta-se cada vez mais para o ambiente construído e o património, conduzindo uma variedade de perspectivas sobre a identidade do lugar, onde o valor histórico, em particular, manifesta-se como um elemento-chave na formação de identidades dos lugares. Em contracorrentes, autores como Rem Koolhaas (1995), criticam a atenção dada ao valor histórico, argumentando que o que hoje é considerado significativo, pode ser visto como trivial no futuro a longo prazo da cidade.

Em síntese, podemos considerar a identidade do lugar, como um resultado cumulativo e evolutivo de várias mudanças sociais, demográficas, económicas e ambientais no *continum*. Assim, o estudo da memória de um lugar, torna-se cada vez mais relevante, pois ajuda-nos a compreender como a história e os acontecimentos passados moldaram a identidade.

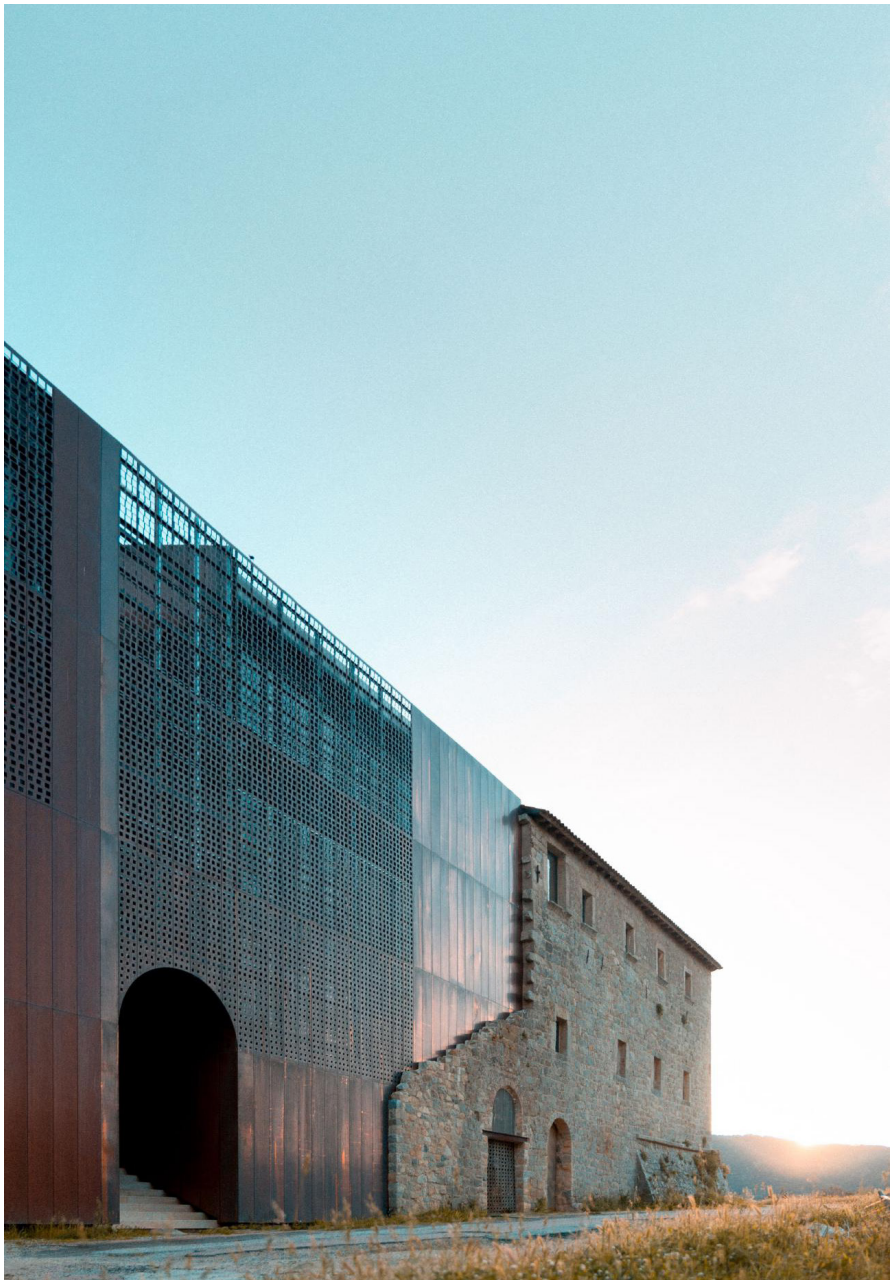


Fig.32: Convento Saint-François, Córsega, França. Classificado como monumento histórico, em ruínas e inativo. Projeto de reabilitação de Amelia Tavella, teve de o reconstruir sem se separar dos vestígios do passado..

2.4 Património nos Lugares de Memória

Existe e quase sempre houve uma certa tendência para considerar o Património como uma área cristalizada comparado, com o resto do território, no qual já são naturalmente aceites mudanças de acordo com certas exigências funcionais, métodos construtivos e diferentes linguagens arquitectónicas. De alguma forma esta tendência protectora tem como consequência, dependendo da ocasião, o isolamento dos monumentos do restante território, como resultado da falta de acompanhamento do desenvolvimento na sua envolvente, tornam se assim, ausentes e insuficientes, e em que na pior das hipóteses, caso não recebam qualquer tipo de intervenção assumem uma categoria de edifícios devolutos, num estado de completas ruínas presentes no território à espera da demolição.

Embora estes casos façam parte de uma realidade, a conservação e actuação nos monumentos históricos e património arquitectónico já é algo que tem uma tradição do passado. O homem teve quase sempre a necessidade de fazer perdurar no tempo testemunhos do seu passado, tanto pelo seu valor histórico ou cultural como também pelo significado identitário que estes transmitem de si próprio. [fig.33]



Fig.33: "Rovine del Sisto; o sia della gran sala delle Terme Antoniniane" Iconografia das ruinas de Sixtus e das termas de Antonine, por Giovanni Battista Piranesi, 1765.

Os monumentos e o património, na sua condição física sofrem alterações ao longo do tempo, seja devido ás condições atmosféricas a que estão expostos ou pelas gerações que os atravessam distintas ao longo da sua história. Assim, o homem ao longo do tempo procurou a preservação destes bens históricos sob diferentes interpretações, recorrendo a vários métodos de intervenção, seja no campo da reintegração, nos casos em que se mostre necessárias transformações na área envolvente por desvirtuarem o seu significado; no campo da manutenção e restauro, quando as relações e condições do património arquitectónico traduzem resultados positivos na sua conservação; ou noutra direcção, no campo da reinterpretação, adoptando novos usos e transformações necessárias de maneira a que o património em causa corresponda às exigências do homem. (Lopes, 2013)

As primeiras intenções da preservação dos monumentos antigos, começam a surgir com o período renascentista, motivadas pela grande transformação das mentalidades, originando a emergência de um novo olhar sobre o homem assim como o surgimento pioneiro de campos que estudam a sua actividade tanto no presente ou no passado.

No período quatrocentista italiana (Quattocento), os proto-modernos arquitectos e antiquários começaram a estudar e reabilitar monumentos antigos, que no momento eram denominados como antiguidades, motivados pela presença em elevado número de vestígios herdados da Antiguidade Romana. (Choay 2011)

Todavia, é no século XIX por influência de uma transformação das mentalidades associadas à ucronia da Revolução Industrial, que as tradições são postas em causa pelo ímpeto da Modernidade, surgindo assim, novamente uma sensibilidade sobre as obras e vestígios do passado. Um gosto que evoluiu particularmente nas intervenções com fins memoriais em monumentos que faziam parte da Idade Média, mais precisamente edifícios românicos e góticos, agora estilisticamente envolvidos pelos mantos do Romantismo. (Choay, 2011)

É uma época marcada pelo confronto entre intervencionistas e não intervencionistas. Um período em que o restauro e a conservação começam a afirmar-se como uma ciência onde surgem disciplinarmente os primeiros fundamentos teóricos e práticos no que toca à implementação de metodologias de intervenção no património arquitectónico. No caso do arquitecto francês Viollet-Le-Duc, esta prática alicerça-se no Restauro Estilístico. [fig.34]

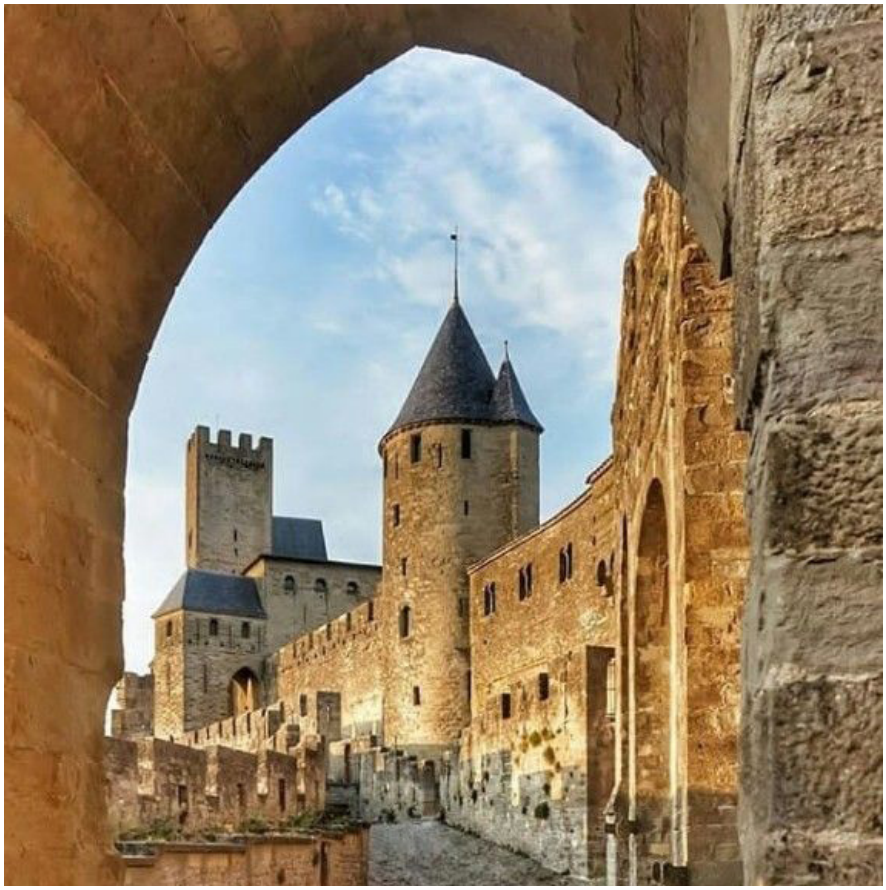


Fig.34: Entrada principal da cidade medieval de Carcassonne, França, cuja data de construção data entre os séculos IX e X.

Viollet-Le-Duc não negava a história do edifício nem o tempo entre a sua fundação e o restauro, mas hipervalorizava a imagem do monumento. Ele defendia que era necessário conduzir o monumento ao seu estado mais puro, mesmo que tal estado nunca tenha existido, reinterpretando e executando as alterações necessárias, ou seja, colocar-se na cabeça do criador do projecto arquitectónico e perceber quais as suas ideias para a conclusão da obra. Viollet-Le-Duc, reconstruía o monumento a partir do estado em que este se encontrava, "defeituoso" de acordo com o seu ponto de vista, o que em alguns casos resultava em alterações e acrescentos realmente criativos e fantasiosos que estavam em desacordo com a cultura estilística original do monumento. (Choay, 2011)

Apoiado num nacionalismo ideológico de sobrevalorização simbólica, Viollet-Le-Duc descurou a necessidade de proteger a zona exterior ao monumento. Ele eliminou ou esqueceu os espaços envolventes, provocando o isolamento físico do monumento à custa de demolições dos edifícios mais próximos, independentemente do seu valor, o que por sua vez resultou numa alteração completa do carácter do mesmo.

Desse modo a envolvente foi entendida como um espaço integrado na área de intervenção do monumento, onde era necessário uma profunda alteração com o intuito de melhorar as condições de apreciação do monumento. (Lopes, 2013)

Viollet-Le-Duc afirmava que o melhor meio de conservar um monumento era dar-lhe um uso, não deixando que este se afundasse no tempo e que se tornasse devoluto, para esse efeito, ele encontrou a justificação plena para a aplicação das novas técnicas modernas como parte integrante do processo de projecto.

Estas ideias e intervenções suscitaram dúvidas e opiniões divergentes quanto à maneira de agir, levantando questões como, se este modo de intervenção estaria em condições susceptíveis de respeitar a sua circunstância de monumento histórico, se restituir as partes em falta traria uma imagem fiável, visto que os materiais à disposição já não eram os mesmos e sobretudo por serem diferentes "mãos" e experiências envolvidas na obra de intervenção, pondo em causa a dúvida de como seria possível reencontrar as marcas impressas pelo tempo, marcas essas que se tornaram uma parte integrante do monumento. (Choay 2011)

O britânico John Ruskin foi o primeiro a falar sobre o valor da promoção e conservação de uma herança, das arquitecturas domésticas e vernaculares que constituam o tecido das cidades antigas. Ele defendia a posição de que restaurar era equiparável à destruição de um monumento, condenando assim o "restauro estilístico" como o responsável da maior destruição que um edifício podia sofrer, considerando-o como uma reinterpretação enganosa devido a se tratar de uma manipulação de informações e adulteração da história segundo a vontade subjectiva de quem restaura o monumento. (Choay 2011)

Ruskin faz ainda referência à valorização da história através da autenticidade da obra, defendendo que a prevenção e a conservação preventiva são as maneiras mais efectivas de evitar o restauro, de modo a que as gerações vindouras não percam o contacto com o verdadeiro passado histórico. (Lopes, 2013)

O também britânico William Morris, não só continuou esta visão de Ruskin, como também a desenvolveu ao fundar a *Society for the Protection of Ancient Buildings*[8], um manifesto que defendia a conservação preventiva em oposição ao restauro. Esta visão evolutiva introduziu ainda dois novos conceitos, um primeiro de que o restauro deixava de se centrar na preservação de determinados estilos, para passar a fundamentar-se na avaliação crítica do movimento, e um segundo, que os movimentos apenas poderiam constituir um testemunho na história, caso a sua materialidade fosse preservada, in situ, já que a tentativa de restauro ou criação de cópias tinham como consequência a perda da sua autenticidade, passando a ser vistas apenas como imitações. (Lopes, 2013)

8 Também conhecida como SPAB, trata-se do mais antigo organismo de conservação de edifícios do Reino Unido, fundado em 1877 por William Morris, Philip Webb e outros, como forma de oposição ao "restauro " destrutivo de edifícios antigos que ocorria na Inglaterra vitoriana. Esta sociedade de utilidade pública é criada publicando um manifesto sobre a importância da protecção do património histórico, tendo perdurado no tempo e mantendo-se activa ainda hoje, de acordo com o manifesto original de Morris.

Igualmente, em oposição a visões e intervenções focadas em transformações urbanísticas de carácter histórico, cujos princípios não se realizam respeitando a totalidade histórica e que, recorrem à sua demolição, focando-se maioritariamente na reafirmação do monumento no espaço por vias da remoção das construções que o envolviam. Este foi o paradigma utilizado por George Haussman, na reforma liberal da cidade de Paris[9], que levou à destruição do tecido medieval da cidade, impondo grandes vias com o intuito de facilitar controlo dos levantamentos civis e militares, reforçar as novas mobilidades urbanas e permitir o destaque de alguns dos monumentos religiosos, nomeadamente as catedrais.

Opondo-se aos modelos anteriores, no final do século XIX, o arquitecto e urbanista austríaco Camillo Sitte, defende que as acções no que toca ao restauro do património devem ultrapassar o espaço delimitado pelo edifício, visto que são raros os casos em que os monumentos se encontram isolados, focando-se não apenas no valor singular do monumento, mas também no valor cultural definido pela respectiva envolvente.

Não pondo em causa a força visual dos monumentos, Sitte entende todo o espaço como um objecto artístico, visto que estes espaços estabelecem uma relação com os outros edifícios e espaços livres da envolvente, essenciais para o equilíbrio urbanístico. (Lopes, 2013)

No entanto é o italiano arquitecto e engenheiro Gustavo Giovannoni, na primeira metade do século XX, quem mais explora esta linha de pensamento, tornando-se uma figura de grande importância no que diz respeito à protecção do património arquitectónico e urbanístico.

Giovannoni estabelece sólidas justificações quanto ao carácter social e cultural para a selecção de construções exteriores ao monumento que devem ser protegidas, emprega os seus princípios baseando-se em critérios culturais, mas fundamentados em bases científicas e técnicas, assim dividiu a intervenção no património em cinco categorias ordenadas hierarquicamente e sequencialmente, dependendo do monumento em causa e de factores como o estado de conservação e peso simbólico. [fig.35]

9 Posteriormente à revolução burguesa, ocorreu o que a história nomeou de "haussmannização", o projeto de modernização e embelezamento estratégico da cidade de Paris entre 1852 e 1870.



Fig.35: Il Restauro dei Monumenti, escrito por Gustavo Giovannoni, 1936.

Em primeiro lugar, o Restauro de Consolidamento que se refere a um tipo de intervenção feita de maneira a manter os monumentos num estado de preservação e segurança adequados. Desenvolve-se com o objectivo de garantir a continuidade material e física dos edifícios no presente, aceitando-se a consolidação e utilização de novos materiais e tecnologias no monumento, desde que fosse provada a sua imprescindibilidade para tal e que estas soluções ficassem ocultas.

Em segundo lugar, o Restauro de Recomposição, que corresponde à conservação das partes fragmentadas existentes num monumento e na recomposição hipotética das partes em falta, ou seja, a recolha dos fragmentos do monumento dispersos e a remontagem nas suas posições originais, reparando assim a sua imagem parcial ou total.

Em terceiro lugar, o Restauro de Libertação, que consiste na reunião de acrescentos considerados de pouco valor histórico ou artístico e assim a supressão dos mesmos, de maneira a se poder atingir uma forma mais genuína, livre de elementos desnecessários, quer no monumento em questão, quer nas construções que o envolvem.

Em quarto lugar, o Restauro de Adição que se resume, tal como o nome indica, à adição de novas partes acessórias e relacionadas segundo um critério de reconhecimento, devidamente identificadas e datadas. Uma acção tomada pela frequente falta de partes substanciais dos materiais originais e fundamentadas em sólidas bases documentais, desde que o número de peças não fosse determinante para por em causa a autenticidade do monumento.

Por ultimo, em quinto lugar, o Restauro de Inovação, que trata do acrescento de novas partes necessárias para a reutilização do monumento, através da utilização de materiais de construção diferentes dos originais, de maneira a que se distinga o antigo do novo, procurando a preservação do monumento integrando-o na vida contemporânea, através de meios e intervenções devidamente apropriadas e codificadas. (Lopes, 2013)

O respeito pelas alterações e ampliações ao longo da história foi algo que Giovannoni procurou ao longo do tempo, a não ser que se tratassem de elementos de importância artística e histórica manifestamente inferiores, ou de carácter secundário.



Fig.36: Planta de um quarteirão renascentista, por Gustavo Giovannoni

Também deixou clara a procura de soluções urbanísticas, nomeadamente a importância da salvaguarda dos elementos edificados na envolvente, que faziam parte do contexto onde os monumentos se erguiam e no "ambiente" em que se encontravam, conceito que utilizou para caracterizar os efeitos que o tecido urbano em harmonia com o monumento e a sua materialidade, produzem.

Assim, "ambiente" é a relação e efeito que se cria através da envolvente imediata de um monumento, seja natural ou constituída pelos espaços livres e edificados em conjunto com o resto do território histórico, a sua ordenação topográfica, arquitectónica, social e estética. [fig.36]

Giovannoni defende que a destruição do contexto equivale à quase total destruição de um monumento, visto que a essência não está num objecto singular no espaço, mas sim na sua integração com o tecido urbano, na relação histórica e artística de um todo, pois tudo é uma relação harmoniosa estabelecida com o monumento.

Segundo Françoise Choay, (2011) podemos ver o contexto como um monumento histórico em si, cujos edifícios individuais são componentes divididos em duas categorias, obras prestigiadas e obras modestas, constituídas por arquitectura do quotidiano, popular ou vernacular. Assim a expressão "ambiente", como património, é vista como o conjunto do tecido global de identidade e não como adição de monumentos independentes. Este tecido articulado entre edifícios modestos constitui o contexto ambiente dos edifícios prestigiados, coexistindo uns com os outros de tal forma que o sentido histórico e valor artístico de uns, só existem em relação com os outros.

Na segunda metade do séc. XX surge um crescimento acelerado da Mundialização, um processo histórico, económico, politico e cultural, criando uma obra de relações entre civilizações e culturas até então inexistentes.

Podemos dizer que a Mundialização provém desde os primórdios da humanidade, com avanços e recuos mas agora com uma tendência acelerada. É obra da aproximação entre homens quotidianamente inseridos em espaços geográficos diferentes, uma aproximação que pode assumir múltiplas formas, desde o contacto pessoal, comunicação escrita, troca de mercadorias e informação, entre tantas outras, manifestando-se de forma desigual em diversas regiões do mundo, mas tendo como objectivo o progresso comum.

É evidente que sempre surgiram picos de crescimento da Mundialização acompanhados por uma revolução tecnológica e movimento cultural. São exemplos destes picos, a época dos Descobrimentos, iniciados pelos portugueses, as revoluções industriais, nomeadamente a terceira, que tem como base a alta tecnologia (High-Tech) e mais recentemente a tecnologia digital, que tem vindo até à data alargar horizontes e quebrar barreiras tanto a nível físico, como social, com influência na arquitectura contemporânea.

Como efeito desse crescimento acelerado, surge um envolvimento progressivo das sociedades humanas no mundo virtual e em todas as suas infra-estruturas adjacentes, consequentemente acompanhado por um enfraquecimento da relação do homem com o mundo e a memória viva. Consequentemente, romperam se barreiras e constrangimentos espacio-temporais ou dependências contextuais do território, possibilitadas através da oferta e acesso livre às redes e infra-estruturas, sejam elas técnicas, matérias, imateriais e até sem escala. (Choay, 2011)

Embora o fácil acesso e fluxo de informação tenha os seus benefícios, tem também como efeito a normalização de culturas em detrimento das suas diferenças, isto porque "*vivemos um processo de normalização, sinónimo de perda e cujo horizonte é uma sociedade mundial*", (Choay, 2011: 40) conferindo uma identidade cada vez mais homogénea, pois perderam-se determinadas ramificações e "limites", existindo um leque maior e diverso nas possibilidades arquitectónicas, alargando as possibilidades tanto ornamentais como urbanísticas, com o paradoxo de as tornar também mais semelhantes.

De facto, desde a origem da civilização humana os fenómenos da aculturação estão presentes, resultando dos contactos directos constantes entre culturas, que por sua vez transmitiam certos elementos de uma cultura para a outra. No entanto, este processo de transmissão de elementos e informação foi ,e é, acompanhado por um processo que implica a aceitação de alguns e a rejeição de outros elementos culturais. Na verdade, é bastante comum através da selecção da informação recolhida, a mudança de elementos adquiridos e tornando-os parte da sua identidade, ou seja, a recolha e reinterpretação do conhecimento adquirido tornando-o distinto do original.

São exemplos destes processos os vários movimentos arquitectónicos no passado, que embora partilhassem os mesmo ideais, obtiveram os resultados finais variáveis conforme as culturas e contextos em que estas se apresentaram, pois estavam submetidos a elementos únicos e pessoais que os tornaram distintivos uns dos outros.

Assim este impacto exercido pela normalização global e pela mundialização cultural, tem como efeito a tecnicização do nosso ambiente, tornando-o quase indiferente, ou seja, quando é praticado um tipo de arquitectura sem ramificação identitária, fora de escala e sem o "cuidado" para com o contexto em que está inserida.

Uma tendência actual que rompeu com as "amarras" da arquitectura, inserida num contexto e ambiente da sua função simbólica e da sua diferença como identidade, e que *à posteriori* converte o Património numa área cristalizada, submetido a uma dualidade de respostas para o mesmo problema. Esta dualidade promove reacções passadistas e/ou reacções progressistas.

A reacção passadista e nostálgica, portadora de valor memorial e identitário, apela à continuação do seu contributo no processo histórico, mesmo que para tal seja necessário a procura de uma alternativa de intervenção por via de demolições e/ou inovações necessárias, mas que garantam a manutenção do funcionamento do elemento patrimonial. [fig.37]

A reacção progressista, recorre à preservação completa do Património em causa, também conhecida como a "Museficação" ou criação de museus vivos. Todavia, hoje deparamos com a impossibilidade de estabelecer princípios rígidos de suporte no que toca às formas de intervenção no Património através da actuação disciplinar arquitectura, assim como se deve interpretar a sua envolvente, mesmo que subordinadas às normas, regulamentos, e de forma geral às exigências impostas pela legislação.

A relação dos conjuntos históricos com o crescimento do contexto onde se inserem e consequentemente a introdução de necessidades do quotidiano actual, num organismo antigo concebido para usos diferentes, levantam desafios contínuos na arquitectura, assim como na procura de um equilíbrio entre a conservação e a mudança para a adequação às novas funções e necessidade da vida contemporânea.



Fig.37: Igreja do séc. XIV submersa no Lago di Resia , Itália, após a construção de uma barragem

2.5 Casos de Estudo

El Pintado Tidal Mill

Autor: Manuel Fonseca Gallego, Javier López , Ramón Pico Huelva

Localização: Ayamonte, Espanha

Ano: 2007

Implantado entre o campo e a água, a sua posição isolada obrigou à construção de um caminho pedonal de acesso exclusivo, que nos faculta a única perspectiva alargada da obra, visto que esta se encontra maioritariamente rodeada de água. [fig.38] Dispõe de um caminho interior de 60 metros que percorre e atravessa o interior do edifício por cima da planta hidráulica, situada sob a sala de moagem e que dá serventia aos outros volumes do conjunto, cavalariças, casa do moliceiro, sala de moagem e armazéns traseiros. [fig.39] Trata se de um dos maiores moinhos do litoral ibérico, que transmite a sua história de 250 anos, assim como o balanço entre uma intervenção entre o património cultural e o património natural, que antes da intervenção arquitectónica contemporânea, apresentava-se num estado de semi-ruína e continua deterioração.

A escolha deste projecto como referência, dá-se ao equilíbrio bem sucedido entre a identidade histórica e a intervenção contemporânea, que se alinha com os objectivos do ensaio projectual. Assim, a intervenção no moinho teve o objectivo da procura da integração do novo com o já existente, de forma discreta e não mimética, respeitando a estrutura e traços gerais do conjunto edificado no que toca a cotas e ampliações. Demoliu-se o volume da zona Este e ergueu-se um novo respeitando o traçado original do edifício, enquanto no restante espaço a Oeste, promoveu-se a reabilitação e aproveitamento do existente. Procurou-se o reforçar a legibilidade do espaço interior, eliminando algumas paredes interiores e reforçando a luminosidade na abertura de novos vãos orientados num eixo Norte/Sul em paralelo com os pontos de entrada e saída de água do moinho. [fig.40]

Com o propósito de reforçar a ideia de que o tempo que corre, através do emprego de novos materiais e dos revestimentos das fachadas, assim como na reutilização de materiais extraídos das demolições, fez-se uma codigação estética consentânea com a realidade da nossa contemporaneidade superficial e sustentável hipermoderna, já que se faz o reaproveitamento da água que percorre no seu interior, produzindo energia limpa e inesgotável.



Fig.38: Vista exterior do moinho, perspéctiva da interacção dos volumes novos com o existente

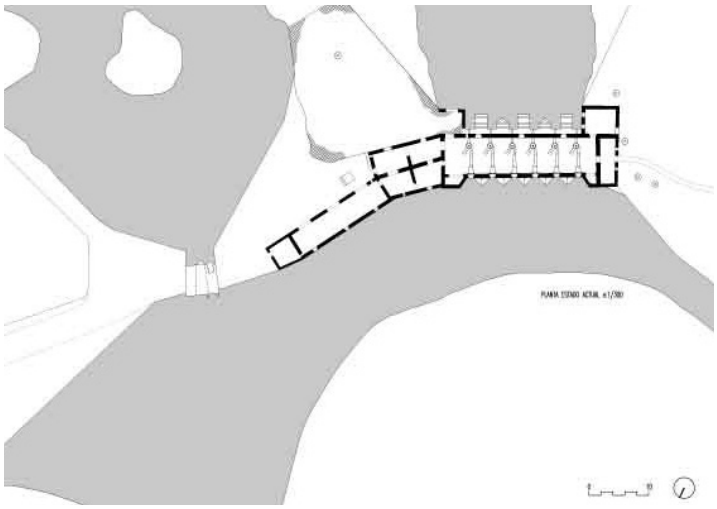


Fig.39: Planta do conjunto



Fig.40: Vista interior da sala de moagem

Exposição Toll Free, arquitectos europeus em trânsito

Autor: Ainda Arquitectura, Paula Rosa e Luis Pereira

Localização: Faro, Portugal

Ano: 2007

Junto ao antigo Castelo Medieval e adjacente à muralha da cidade de Faro, nas instalações da antiga Fábrica de Cerveja, surge uma instalação temporária das exposições de arte e arquitectura contemporânea. Primeiro quartel militar, depois fábrica e agora Museu, o conjunto arquitectónico até à data de intervenção, encontrava se devoluto há mais de 20 anos. Tal como o ensaio projectual presente na dissertação, trata-se de um conjunto de arquitectura, constituído por dois núcleos independentes organizados em função de um pátio exterior. Os núcleos foram construídos sob paredes de alvenaria espessa, lajes em betão, mas pobre em cantarias.

Posto isto, a intervenção focou-se na afirmação de duas exposições distintas, criando um sistema de circulação autónomo, que permitiu o cruzamento entre ambos os volumes através de pontos de contacto comuns e acresceu a garantia da eficácia no controlo das entradas compatíveis com a dimensão pública do evento. [fig.41]

O novo volume interventivo e temporário, construído em madeira entrelaçada e revestido pontualmente em tecido translúcido, molda-se segundo os obstáculos do espaço, criando novos pontos de articulação espacial, através de circulações horizontais e verticais, tornando possível a apreciação dos vários espaços segundo diferentes perspectivas. [fig.42] De igual modo, a valorização do uso do espaço, tirando partido das suas características e qualidades procurou a adequação ao programa expositivo, respeitando na essência idiossincráticas das particularidades patrimoniais do existente, interpretando e explorando os espaços, assim como a abertura e encerramento de vãos através da estrutura temporária de forma a criar novos espaços e novas experiências. [fig.43]

Trata se de uma intervenção moldada segundo o pré-existente e que toma partido das vulnerabilidades do mesmo, negociando e potenciando novas aproximações sensoriais com o público, através da incorporação de experiências no que toca às vivências dos utilizadores neste espaço de carácter “fenomenológico”.



Fig.41: Corpo de entrada do novo volume em conjunto com a antiga Fábrica de Cerveja



Fig.42: Estrutura adaptável respeitando o existente



Fig.43: Planta da exposição

Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro numa pousada

Autor: Eduardo Souto de Moura e Humberto Vieira

Localização: Amares, Portugal

Ano: 1997

Entre a Vila de Amares, e a Serra de São Mamede, encontramos o Convento de Santa Maria do Bouro, um edifício histórico cuja construção remete à data de 1148.

Confrontado com as intervenções a que o edifício foi sujeito ao longo de várias épocas, com a introdução de diferentes interpretações estilísticas, à data de 1989, o arquitecto Souto de Moura, perante a ruína parcial do monumento religioso, vai propor a construção de um novo edifício de cariz contemporâneo, em alternativa à difícil restauração do imóvel no seu formato original. [fig.44] Nesta perspectiva, o projecto promove a construção de uma nova estrutura que utiliza alguns (os possíveis) elementos recuperados nos levantamentos das ruínas, considerados pelo autor, fundamentais para respeitar os antigos parâmetros físicos da memória e identidade, adaptando-os às novas necessidades funcionais e actuais do programa.

Em linha com as intenções do ensaio projectual, pretende-se normalizar o passado e a história do antigo convento trazendo-o para a actualidade da continuidade temporal, promovendo uma intervenção de carácter actual e minimalista, que procurou o equilíbrio entre o novo e o antigo, através da mistura de novos materiais, formas e funções em paralelo com a existência "arqueológica" das ruínas, usufruindo do seu valor estético do passado e preservando o seu carácter e valores historico-arquitectonicos.

Assim sendo, Souto de Moura optou pela reorganização das plantas do convento de maneira a darem melhor serventia ao programa. [fig.45] Construiu-se uma nova estrutura em betão armado revestida por blocos de pedra provenientes da ruína. As portas e janelas do antigo convento foram utilizadas como elementos decorativos, ou então, acabaram localizadas em zonas onde eram realmente necessárias, deixando alguns vãos em aberto e outros com caixilharias ocultas, atrás das molduras dando a ideia de vazio. [fig.46]

Apesar da intervenção promover evidentes alterações no monumento histórico, o carácter minimalista de intervenção e a discrição com que se adequou o projecto às exigências programáticas, tornaram quase imperceptíveis as reconversões espaciais do projecto, garantindo que as adições, excertos e reposições de alguns dos elementos, fossem feitas a pensar no diálogo entre o passado e a continuidade da história do convento.



Fig.44: Vista exterior do pátio da Pousada

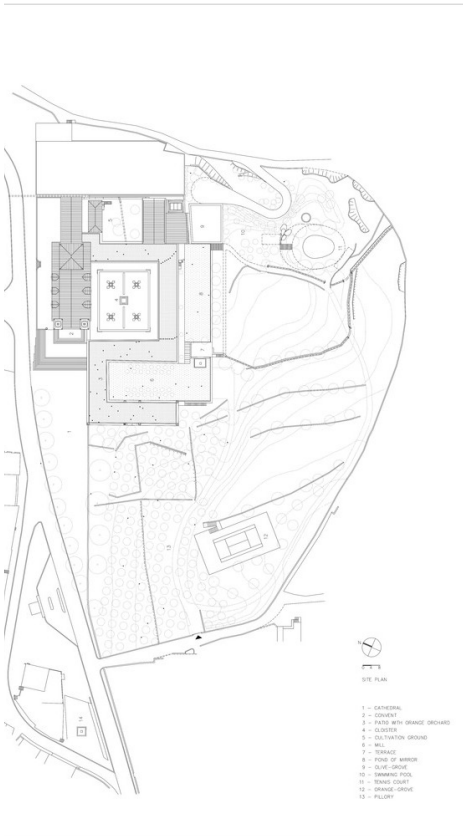


Fig.45: Planta do Convento



Fig.46: Detalhe dos vãos e da caixilharia oculta.

Centro de Visitantes do Castelo de Pombal

Autor: Eduardo Souto de Moura e Humberto Vieira

Localização: Amares, Portugal

Ano: 1997

O Castelo de Pombal pode ser considerado um verdadeiro erudito do tempo e história. Construído sobre um maciço rochoso confrontando o rio Arunca, este monumento transcreve alguns dos monumentos mais importantes da história portuguesa.

O castelo é portador de uma verdadeira marca identitária de elevado valor histórico local, integrando-se na rede de monumentos nacionais. Devido a esta importância foi lançado o projecto de requalificação e valorização do castelo, alargando a intervenção à encosta envolvente, através de um Centro de Visitantes dentro das muralhas interiores do castelo promovendo a fruição do local, tanto pelos residentes, como pelos turistas, para que este voltasse a desempenhar um papel activo na sociedade. [fig.47]

Devido ao objecto de intervenção em causa e às diversas camadas de história a que estava adjacente, artefactos do passado maioritariamente em ruínas mas que fazem parte de uma memória colectiva a preservar, procurou-se implementar uma estratégia de intervenção que tinha como objectivo que esta não fosse totalmente intrusiva, mas que pudesse coexistir com a com a preexistência, impulsionando novos meios de usufruição do espaço, presente de igual modo no ensaio projectual. [fig.48] Numa primeira fase da proposta, a intervenção localizou-se nos arranjos exteriores, consolidando e pondo a descoberto os pavimentos em calçada existentes e preenchendo o restante espaço a gravilha. Na Torre de Menagem foi construído um acesso e um volume no topo em aço Corten, usufruindo do espaço interior como área expositiva.

A última fase de intervenção consistiu no Centro de Visitantes, para tal foi implantado um novo volume que incluía um espaço de recepção, uma sala de projecções e zona de arrumos. [fig.49] Tento em conta os elementos existentes, o novo volume procurou fundir-se com a envolvente existente, assumindo uma posição distinta de actualidade, que constituísse fundamentalmente um sinónimo de mudança, trazendo e produzindo novas experiências para o Centro.



Fig.47: Vista do Centro de Visitantes em conformidade com o já existente



Fig.48: Volume do Centro de Visitantes em primeiro plano à direita e o ponto de acesso à Torre de Menagem ao fundo

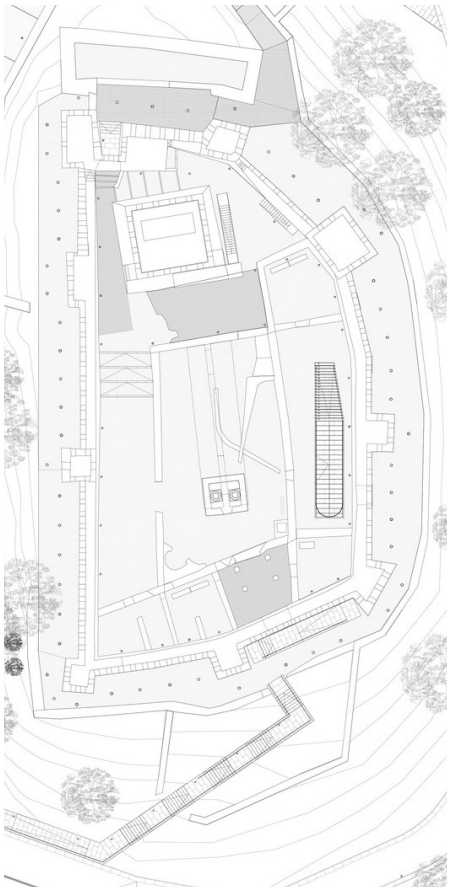


Fig.49: Planta da Intervenção

Capítulo III

3. O ensaio Projectual

A prática arquitectónica em zonas de carácter rural apresenta desafios e oportunidades únicas, particularmente em aldeias ricas de património, identidade e simbolismo. Estes lugares, frequentemente afectados pela desertificação e esquecimento, são portadores de um potencial adormecido e oportunidades arquitectónicas.

A referência temática de "Construir no construído" do ensaio projectual oferece uma abordagem auspiciosa na revitalização de lugares esquecidos no tempo, ao integrar práticas da contemporaneidade em conciliação com as estruturas existentes. Esta estratégia não só preserva a essência histórica e cultural do lugar, como também reforça a sua identidade e valor simbólico. Ao respeitar e desenvolver o parque arquitectónico existente, novos desenvolvimentos podem contribuir para uma renovação sustentável que lide com os impactos da desertificação, celebrando simultaneamente o carácter intrínseco único do lugar.

Neste contexto, a arquitectura e a expressão disciplinar do projecto deve "navegar" no delicado equilíbrio entre a preservação do património e a introdução de soluções contemporâneas, assegurando esforços de revitalização identitária que honrem o passado, ao mesmo tempo que promovem o crescimento e a resiliência de gerações futuras.

3.1 Enquadramento e Identidade Regional

A evidente e desigual repartição da topografia a Norte e Sul de Portugal, obriga a uma distinta distribuição e ocupação humana pelo território, resultando em modos de vida e actividades distintas, assim como diferentes tipos de arquitectura.

O acidentado terreno no nordeste do país na região de Trás-os-Montes em conjunto com a influência do Oceano Atlântico, dão origem a um desigual revestimento vegetal, que com as acções e intervenções de diferentes civilizações ao longo da história, ajudaram a moldar diferentes tipos de actividade humana e formas de povoamento pela região, mais concretamente na Aldeia de Bemposta, distrito de Bragança.

Bemposta é dotada de um vasto território natural, coincidente com o planalto mirandês, fazendo parte do Parque Natural do Douro Internacional, habitat de várias espécies mantidas pelas óptimas condições alimentares e hídricas. [fig.50]



Fig.50: Parque Natural do Douro Internacional. Vista do Alto Douro Vinhateiro, no lugar de Bemposta.

O seu território é delimitado pela Ribeira de Lamoso e de Culmeães e faz fronteira com as províncias espanholas de Salamanca e Zamora separadas pelo Rio Douro, [fig.51] uma fonte de enorme riqueza para a região, tanto pela pesca como também pela irrigação dos campos, fontes tradicionais do rendimento e da fixação das populações ao longo dos tempos, no que toca à produção de Vinhas, Oliveiras e Amendoeiras.

Desde o período da ocupação neolítica que é notório uma certa preferência pelas terras altas do nordeste transmontano, desenvolvendo uma civilização castreja que procurava defesas nos pontos altos das montanhas. Sob influência romana, surge o crescimento e deslocação de actividades para lugares mais baixos e menos defensíveis, traduzindo-se modos de vida distintos, promovendo o maior esforço na agricultura e arquitectura. A ocupação árabe e a posterior reconquista, fez por necessidades defensivas com que as pessoas procurassem novamente fixação em pontos mais defensáveis e de controlo territorial e estratégicos da região.

Embora a principal actividade na aldeia de Bemposta tenha sido e seja hoje a agricultura, devido à sua localização fronteiriça e topográfica, durante séculos foi um ponto de elevada importância militar, sendo ainda visíveis vestígios da muralha castrense, assim como a sua saída de emergência subterrânea, intitulada de "Inferno", que como estrutura consiste num túnel escavado com mais de 80 metros em direcção aos campos, uma construção que está datada do séc. XIV.

De forma idêntica a outras localidades no nordeste transmontano, Bemposta sofreu uma perda considerável de população com a emigração nas décadas de 60/70 do séc. XX. A insatisfação e a falta de perspectivas de futuro, provocadas pelas condições económicas, educativas e de saúde precárias, levaram a que um grande contingente da população partisse para a diáspora à procura de emprego e melhor qualidade de vida em centros urbanos nacionais ou para o estrangeiro.

Porém, com o passar do tempo e o actual regresso de alguns habitantes outrora fora, o território construído de Bemposta tem crescido com a construção de novas habitações. Posto isto, determinadas intervenções ao longo da história traduzem influências ainda hoje visíveis na aldeia de Bemposta, que em conjunto com a variedade e abundância de recursos naturais, condições climáticas extremas e ainda o tipo de actividade agrícola da região (vinho, azeite e amêndoa), ajudaram a moldar o crescimento do edificado no território da aldeia.

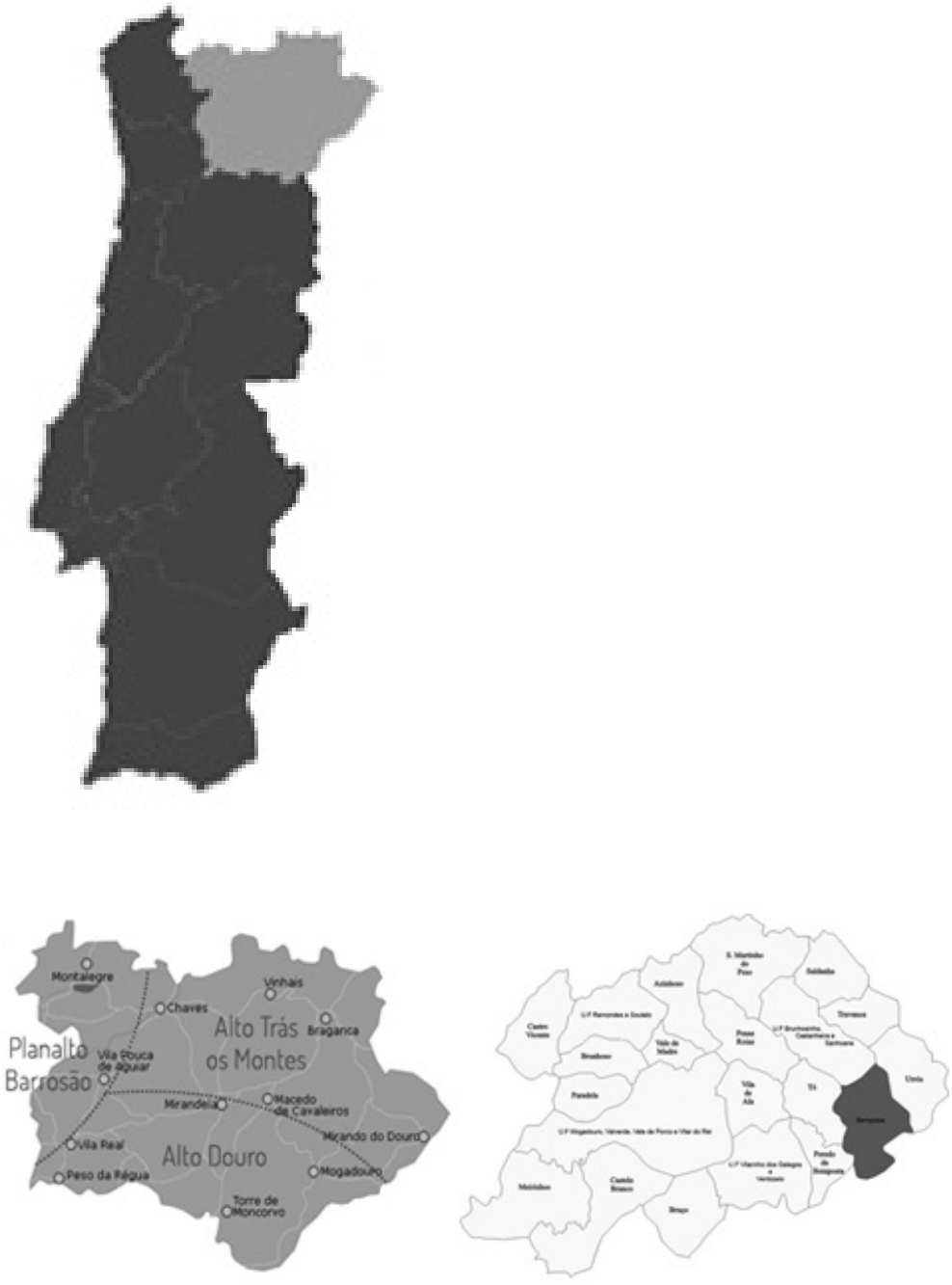


Fig.51: Portugal Continental, Região de Trás-os-Montes e o Distrito de Bragança.

No que toca ao zonamento territorial da aldeia podemos subdividir a mesma em três "tipos" de povoamento que reflectem, como já referimos anteriormente, as ocupações distintas no território ao longo dos tempos.

Numa zona inicial, observamos um tipo de povoado compacto, composto pelas primeiras construções concentradas num dos pontos mais elevados do território, com um claro desenvolvimento circular a acompanhar a igreja matriz até à antiga muralha medieval. Observamos também, uma consequente expansão pelo território, através da adição de novas construções ao longo de ruas estreitas talhadas directamente das rochas, que no passado garantiram a serventia às habitações e currais. Morfo-estruturas que se especula remontarem ao tempo dos castros romanos, organizados tipologicamente devido a razões económicas, histórico-culturais e como meios de defesa, utilizando materiais locais para a sua construção.

Numa segunda zona, encontramos um tipo de povoamento mais disperso, composto por um conjunto de construções que servem de base à agricultura, disseminado pelo território e orientadas para a execução de tarefas de produção. São assim exemplo as eiras, moinhos, pombais, azenhas e abrigos de pastores, geralmente construídos em granito com telhados de duas águas. (Moutinho, 1995)

Por último, uma terceira zona, o povoamento de Cardal do Douro, composto pela presença antigo bairro da EDP (Energias de Portugal), construído na década de 60 do séc. XX, para albergar os operários da construção da barragem, [fig.52] e que após a sua conclusão originou a expansão do território urbano ao longo da estrada, unindo a primeira e segunda zona de povoamento à urbanização mais recente, composto por construções de carácter moderno, construídas pelos antigos emigrantes da aldeia ou imigrantes contemporâneos da construção da barragem.

Contudo, é no zonamento mais antigo da aldeia onde podemos encontrar a maior presença patrimonial, monumentos diversos como a ponte romana, a Calçada da Ribeira, o Pelourinho construído em 1512, ou, a capela de Santo Cristo. Podemos também incluir nestas construções históricas de valor patrimonial algumas das habitações tradicionais, casas brasonadas e Adegas, que disseminadas pela localidade, são o reflexo da identidade da comunidade na sua forma mais natural e inalterada, visto serem pontos de convívio, de reunião e de partilha do quotidiano das pessoas locais.



Fig.52: Barragem de Bemposta em primeiro plano e o povoamento de Cardal do Douro no canto superiror direito, composto pelo Bairro da EDP.

3.2 Contexto e Memória do Lugar

O termo "lugar" ocorre em vários campos disciplinares, onde cada um tem o seu significado singular, sem no entanto deixar de fazer parte de um todo. De forma geral pode ser um espaço entendido pelo ser humano através dos seus sentidos, onde vivemos e interagimos com a noção ou com a presença real com o espaço. Porem, o conceito de lugar recebe várias definições com base no pensamento considerado, isto por fazer referência à variabilidade das combinações de elementos que interagem com o mundo físico do homem e com a consciência do mesmo, é num ponto de vista mais pessoal, um verdadeiro ecossistema de definições e significados.

Posto isto, a aldeia de Bemposta, é um exemplo profundo de como a localização geográfica, as raízes históricas e o património arquitectónico são importantíssimas na formação de uma identidade idiossincrática distinta. Situada perto da fronteira espanhola, com a província de Salamanca e o rio Douro como limite natural, esta realidade administrativa é portadora de um território rico em património ambiental, histórico e cultural, e é ao mesmo tempo, um reflexo de como é possível estabelecer-se diferentes relações entre estes elementos, tornando possível torna-los potenciadores da identidade única da aldeia. [fig.53]



Fig.53: A máscara do chocalheiro de Bemposta, Vestido de linho grosseiro tingido de preto, o chocalheiro de aparece como uma figura tauromórfica.

A construção de lugares nasce devido à aglomeração das sociedades, ou seja, ao se verificar uma menor distância social entre os indivíduos, reforçam-se consequentemente as normas, que, ao serem generalizadas a toda a sociedade ajudam na formação e na coesão dos grupos. É desta dependência grupal, de origem no individual e orientada para o colectivo, [fig.54] que se trespassa o conceito de moral em todo o tecido construído, isto é, as relações sociais são multiplicadas e sustentam a necessidade que o homem tem de se relacionar e de se inserir num determinado habitat físico e também social. (Durkheim, 2004)

A paisagem de Bemposta é um elemento fundamental da sua identidade, tendo as suas características geográficas um papel fulcral no desenvolvimento do tecido social e cultural da aldeia. Ao contrário dos aglomerados rurais típicos da região, que se situam normalmente em terrenos mais baixos e férteis, a aldeia ocupa uma posição estratégica num terreno elevado. Esta localização única, equilibrando terras agrícolas férteis em baixo da sua base e um ponto alto defensável em cima, reflecte a necessidade histórica de segurança da aldeia. Esta dualidade é um testemunho do papel inicial de Bemposta, como povoação limítrofe durante a formação e estabilização das fronteiras de Portugal, em que a sua localização serviu hibridamente para fins agrícolas e defensivos. É de notar que historicamente fez parte da guarda avançada das fronteiras de Portugal, nos inícios da nação, tendo uma importante influência no desenvolvimento territorial de Miranda do Douro e de Mogadouro, todavia, na actualidade assume uma posição neutra de comunidade rural vocacionada para a actividade a agrícola.

A topografia de Bemposta, influenciada pela sua posição no planalto mirandês, contribui para um clima extremo caracterizado por variações térmicas significativas, isolado das influências marítimas pelas cadeias montanhosas circundantes. Um velho adágio popular, “Nove meses de inverno e três de inferno”, resume a dureza do clima, que moldou o carácter resiliente dos habitantes da aldeia. A paisagem, com os seus recursos naturais como o rio Douro e a Faia d’Água, proporciona não só uma vasta gama de recursos naturais, mas também uma profunda ligação ao ambiente, que se reflecte profundamente nas práticas culturais e história arquitectónica da aldeia.

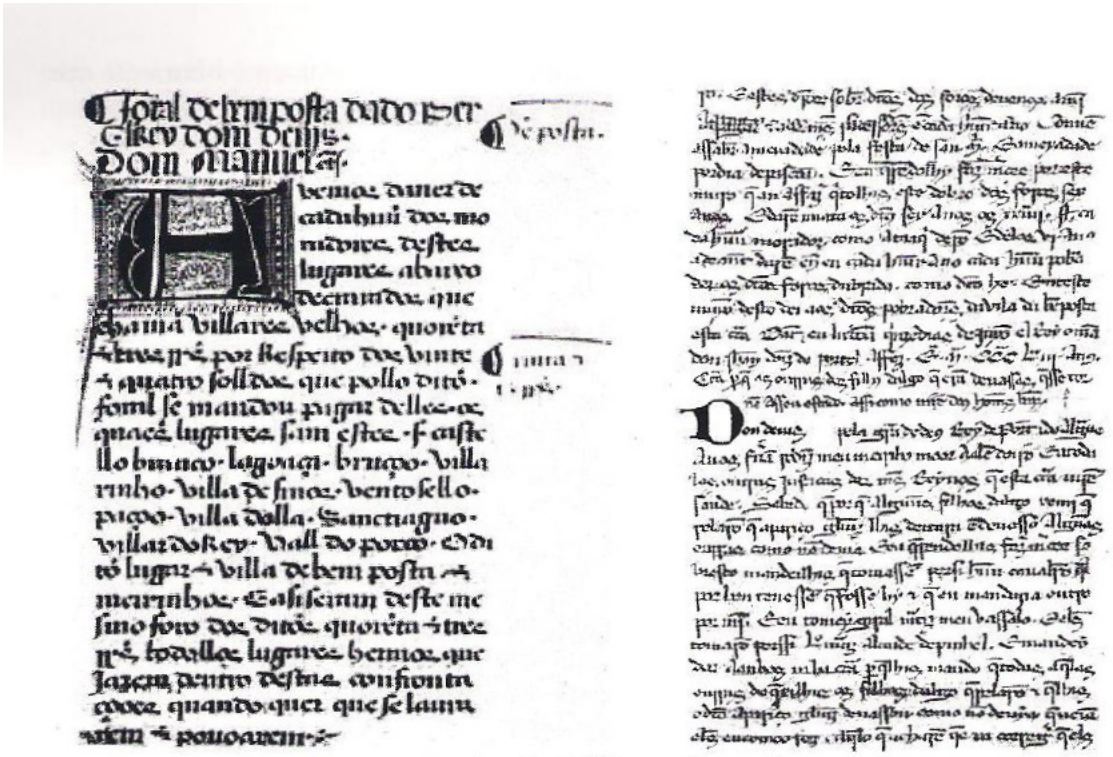


Fig.54: Foral de Bemposta, por D. Dinís, concessao de Lisboa, 27 de Junho de 1315.

Em determinadas povoações e lugares revelam-se como dominantes um certo "tipo" de edifício, normalmente pontos icónicos no interior de lugares específicos que reflectem a imagem dos mesmos e da memória colectiva da comunidade com que se identificam. Trata-se de elementos definitivos que contribuem para o espírito do lugar, e em que cada um tem a sua própria identidade e a sua própria alma, onde uma alma que é a personalidade do lugar portadora de um carácter próprio. Numa transposição para a arquitectura, o espírito do lugar é uma expressão para definir uma abordagem de interacção entre o lugar e a identidade, dizendo respeito ao conjunto de características socioculturais, arquitectónicas, linguísticas e tradicionais que caracterizam um lugar. (Rossi, 1966)

A discussão sobre o significado do lugar no desenvolvimento de um sentimento de pertença sublinha a importância da interacção entre as pessoas e o ambiente. Assim, a ligação entre os indivíduos e os espaços que estes habitam não é meramente física, está profundamente ligada às suas experiências, emoções e memórias.

Do mesmo modo, o património arquitectónico de Bemposta constitui uma ligação tangível às suas origens, que remontam ao período Neolítico. A presença das ruínas do Castelo de Oleiros e de vários artefactos descobertos na área, sugerem que os povos pré-Celtas, Celtas e Vetões habitaram a região, vivendo em castros, povoados fortificados estrategicamente colocados em terrenos elevados para defesa. Esta antiga tradição arquitectónica de construção em terrenos elevados continua a influenciar o traçado da aldeia, com estruturas significativas como o Castelo de Bemposta e outros edifícios históricos a ocuparem posições de destaque na paisagem.

O património edificado da aldeia é um testemunho da sua longa e variada história, as ruínas do Castelo de Oleiros, o pelourinho medieval e as numerosas casas tradicionais e brasonadas, não só ilustram os estilos arquitectónicos de diferentes épocas, como também reflectem a importância sociopolítica de Bemposta no passado. Estas estruturas, juntamente com edifícios religiosos como a Igreja Matriz e as Capelas de Santo Cristo, São Sebastião e Santa Bárbara, ancoram a vida espiritual e comunitária da aldeia, reforçando a memória colectiva e a identidade das suas gentes.

A combinação do património vernacular edificado, ambiental e cultural de Bemposta cria uma narrativa histórica estratificada. Caminhos rurais, moinhos, pombais e casas tradicionais contribuem para uma paisagem que é tanto um produto da interacção humana como acção da natureza. As zonas de Lamoso e Cardal do Douro, juntamente com o Parque Natural do Douro Internacional, exemplificam esta interacção, em que o património natural e construído combinados definem uma paisagem cultural coesa.

A nossa ligação com um lugar não se resume a estar nele fisicamente, mas sim, a envolvermo-nos activamente com o mesmo, de forma a desenvolver uma relação essencial entre a sensação de pertença no lugar. (Heidegger, 1969) Do mesmo modo, lugares são o resultado de relações entre acções, concepções e atributos físicos, visto que os lugares são moldados tanto pelas suas propriedades físicas, como pelos comportamentos daqueles que os ocupam. (Canter, 1977)

Consequentemente, as ligações emocionais do homem ao lugar, formadas através de experiências espaciais, aumentam a complexidade do conceito, as experiências sensoriais num espaço podem evocar memórias e aprofundar a nossa ligação ao mesmo. Este envolvimento emocional torna-se crucial, particularmente no contexto da arquitectura, em que a transformação dos espaços existentes representa tanto um desafio como uma oportunidade para os arquitectos. (Lee, 2022)

Relativamente ao sentido de identidade do lugar de Bemposta, está profundamente ligada às tradições e actividades comunitárias que continuam a definir a aldeia. A agricultura continua a ser a principal ocupação dos seus cerca de 500 habitantes, mas os eventos culturais e religiosos que pontuam o calendário da comunidade rural são centrais para a sua vida social. Estes eventos, incluindo as festas de São Pedro, Nossa Senhora dos Prazeres, Santa Bárbara e a festa pagã do Chocalheiro, não são meras festividades religiosas, mas sim expressões da identidade colectiva da aldeia e do espírito do lugar.

Práticas tradicionais como a dança dos Pauliteiros, [fig.55] a Festa da Formatura e a Festa do Vinho do Noivo, ilustram a continuidade das tradições culturais que foram preservadas e adaptadas ao longo dos séculos. Estes rituais estão indissociavelmente ligados aos espaços arquitectónicos onde se realizam, cimentando ainda mais a ligação entre lugar e identidade na Bemposta. O leilão do traje do Chocalheiro, uma tradição local única, é emblemática da capacidade da aldeia combinar costumes históricos com práticas sociais contemporâneas.

De certo modo, o sentido de lugar é um conjunto de histórias e narrativas individuais e colectivas que se desenrolam dentro do mesmo, Bemposta é um exemplo notável de como o lugar, a identidade e a arquitectura se entrelaçam criando uma paisagem material e imaterial única.



Fig.55: Grupo de Pauliteiros que dançam conforme o tipo de esmolas

3.3 Construir no Construído - Metelodogia de Intervenção

Tendo em conta a investigação realizada, tornou-se evidente que os componentes definidores da identidade de Bemposta são multifacetados, dividindo-se principalmente em duas dimensões fundamentais: a material e a imaterial. Estas dimensões englobam uma vasta gama de elementos naturais e construídos, símbolos e tradições que compõem a identidade de Bemposta. [fig.56]

Como já destacamos anteriormente, à medida que a escala da análise se expande, o impacto dos factores sociais na identidade local diminuem, permitindo que os factores físicos e naturais desempenhem um papel mais proeminente na formação da identidade. Dada a importância fundamental da escala na definição da nossa metodologia de avaliação da identidade de Bemposta, é essencial categorizar espacialmente estas componentes de acordo com a devida escala, integrando as suas dimensões materiais e imateriais.



Fig.56: Porta tradicional de Bemposta.

A identidade de um lugar, tal como o temos apresentado, é um conceito complexo, ao mesmo tempo convergente e dialéctico, que inclui elementos físicos e simbólicos, sendo que a dimensão material da identidade consiste em elementos visuais que estruturam organizando o espaço, como a localização geográfica, as características naturais, os limites territoriais, as características regionais, o ecossistema local e as condições climáticas. Estes factores contribuem para formar uma imagem mental quotidiana do lugar para os seus habitantes e imaginabilidades parciais nos visitantes. Os principais componentes do ambiente físico incluem a morfologia construída presente na formação das povoações, a historicidade arquitectónica, o traçado das ruas, os conjuntos edificados, os espaços colectivos (públicos), os terreiros (praças) e os jardins. [fig.57]

Vários investigadores analisaram a dimensão material da identidade, destacando as propriedades físicas relacionadas com os elementos de identidade e a estrutura dos lugares através de imagens mentais, reconhecendo componentes como estradas, monumentos, sectores, e características distintivas. No caso de Aldo Rossi (1966), o teórico e arquitecto italiano, encara a morfologia urbana como uma forma de arte, ilustrando formas criadas pelo homem e defendendo a utilização de disciplinas como a geografia, a topografia e a arquitectura na análise.

Os conjuntos rurais como o caso de Bemposta, com características históricas e arqueológicas bem definidas, possuem frequentemente uma forte identidade enraizada nas suas tradições e história. A preservação destes valores históricos é crucial para a manutenção do reconhecimento de Bemposta, tal como é manifestado na Carta de Veneza (1964), que enfatiza a importância do património na preservação da memória, da identidade e da comunidade.

Em suma, uma série de elementos físicos, incluindo a localização geográfica, a morfologia ruro-urbana e a relação entre o conjunto arquitectónico e a paisagem, influenciam a dimensão material da identidade local. Ao considerar a escala da intervenção e o contexto de identidade, nível global, nível macro, nível médio e nível micro, podemos obter uma categorização mais abrangente destes factores, tornando a nossa metodologia dinâmica e adaptável a vários estilos de intervenção.



Fig.57: Ponte de granito construída no século XVII, que permite a travessia da Ribeira de Bemposta.

Edward Relph (1976), defende que o significado dos lugares tem raiz na localização física e nos elementos que a compõem, bem como nas actividades e experiências humanas que se desenvolvem neles. Como tal, o significado de uma aldeia pode variar em função dos valores sociais, culturais e históricos dos seus residentes, que têm um impacto significativo tanto nas pessoas como no espaço rural. O tecido construído é uma organização do espaço, do tempo, do significado e da ligação, categorizando os significados no contexto arquitectónico em níveis elevado, médio e baixo.

A a preservação e a promoção do património cultural são vitais para manter a identidade única de um lugar. As actividades culturais e tradicionais numa aldeia reflectem os significados e valores da comunidade, com relações sociais, rituais específicos e festivais em espaços públicos que poderão servir como indicadores vitais da identidade de Bemposta.

As decisões relativas à arquitectura têm um impacto significativo na identidade, um carácter distinto e inclusivo permite uma identidade forte que não se enquadra apenas no passado, mas também incorpora o papel da identidade na formação do futuro dos ambientes construídos. A avaliação da identidade arquitectónica deve centrar-se na sua transformação, desafios e potencialidades, dado que se tratam de factores sociais, qualquer tipo de intervenção deve salvaguardar o interesse dos habitantes e aprofundar o sentido de lugar dos mesmos.

Assim, o objectivo principal na metodologia de intervenção é avaliar qualitativamente as mudanças na identidade de Bemposta no cronos histórico, determinando se essas mudanças são positivas ou negativas. O objectivo final é propor intervenções estratégicas para o futuro planeamento arquitectónico que reforcem os pontos fortes e atenuem os pontos fracos presentes na realidade em estudo.

Tendo em conta os autores evidenciados nesta investigação, a identidade do lugar pode ser categorizada em três estados, estável, fragmentada e extinta. No que toca à identidade estável, e às suas características, podemos assumir que este estado reflecte um sentido de identidade forte e duradouro. O lugar em causa, distingue-se facilmente pelas suas características definidoras, que ressoam na comunidade local e reflectem os desafios naturais, culturais, ambientais e sociais da zona. Consequentemente, os residentes têm fortes laços com o local, com uma compreensão partilhada da sua história, cultura e valores.

Relativamente à identidade fragmentada, denota-se que a identidade é pouco clara ou inconsistente devido a mudanças rápidas e perturbadoras que não se alinham com o a cultura da comunidade. Esta indefinição da identidade leva ao "destoamento" do território, criando dificuldade em distinguir o que define a identidade local, quer construída ou natural. Por sua vez, os habitantes podem ter dificuldade em ligar-se ao meio envolvente, o que resulta num empobrecer do sentido de lugar.

Por último, quanto à extinção da identidade, presume-se que a identidade local se alterou drasticamente, desligando-se do contexto social, cultural e ambiental actual. Esta perda de distinção pode ser causada por factores como o desenvolvimento agressivo, a migração significativa ou acontecimentos catastróficos. Por conseguinte, os residentes podem sentir-se absortos, a história e a cultura local encontram-se frágeis, correndo o risco de desvanecer definitivamente, de modo que a reconstrução ou redefinição da identidade local exige um esforço significativo.

A metodologia proposta envolve uma avaliação contínua dos componentes fundamentais da identidade dos lugares, tanto nas dimensões materiais como imateriais, ao longo de diferentes períodos de tempo. Ao acompanhar estas mudanças, podemos determinar se ocorreu uma mudança de uma identidade estável para uma identidade fragmentada ou extinta, e tomar medidas correctivas para orientar positivamente os desenvolvimentos futuros.

Posto isto, propõe-se uma metodologia abrangente e multidimensional, desenhada para captar a natureza intrínseca, evolutiva e diversificada que compõe a identidade de Bemposta, tendo em conta determinados elementos-chave.

Em primeiro plano, no que toca à dimensão espacial, onde são consideradas diferentes escalas, global, macro, médio e micro, para compreender como a identidade local é influenciada a vários níveis.

Em segundo plano, na perspectiva do observador, englobando os diversos utilizadores, residentes nativos, residentes não nativos, turistas, etc., que proporcionam uma visão holística de reconhecendo das várias interpretações da identidade de Bemposta.

Por último, em terceiro plano, o período de tempo, pois a dimensão temporal é crucial para compreender o desenvolvimento e as mudanças na identidade ao longo do tempo. Do mesmo modo, são importantes as dimensões materiais e imateriais, possibilitando a sua categorização em aspectos tangíveis, (localização geográfica, morfologia), e intangíveis (património cultural, valores sociais e memórias), prevendo que a conjugação destes diferentes aspectos, tangíveis e inatingíveis em conjunto, possam proporcionar uma perspectiva abrangente dos elementos que contribuem para a identidade de Bemposta. [fig.58]

Esta metodologia sistémica oferece um quadro estruturado, mas flexível, para caracterizar a realidade identitária de Bemposta em diferentes contextos e escalas. Ao incorporar a escala espacial, a perspectiva do observador, a dimensão temporal e as respectivas dimensões materiais e imateriais, estamos a proporcionar uma compreensão mais abrangente da forma como a identidade local evoluiu e como a podemos gerir estrategicamente, propondo a orientação de intervenções específicas para amplificar as mudanças positivas e mitigar as negativas, capazes de orientar o futuro do desenvolvimento ruro-urbano de Bemposta.



Fig.58: Ponte pedonal que dá acesso à Cascata da Faia da Água Alta

3.3.1 Cenário Estratégico

Apoiados na nossa investigação, podemos afirmar que Bemposta, tal como outros muitos lugares espalhados pela geografia portuguesa, é portadora de uma história e de uma identidade física e cultural. Tem os seus rituais, as suas tradições e é uma comunidade constituída por um forte carácter religioso e simbólico, assim como um forte património cultural, reflectido nas morfo-tipologias arquitectónicas que oferece. [fig.59]

Na segunda metade do século XX, o interior do território português assistiu a um um êxodo demográfico de grande escala. Principalmente em territórios rurais, sofreram enormes fluxos de migração e emigração com destino aos grandes centros urbanos no litoral português e para o estrangeiro, principalmente na Europa ocidental. Como consequência os territórios rurais, incluindo Bemposta, foram alvo de importantes alterações socioeconómicas que perduram até à data, justificadas pela quebra populacional que alterou o equilíbrio económico e social local devido ao acentuar da escassez de recursos humanos.



Fig.59: Vista Aerea de Bemposta

Como consequência, tornou-se constante o sucessivo desaparecimento de serviços públicos essenciais, caso de escolas, hospitais, transportes públicos, assim como o desaparecimento de serviços administrativos, com a união de diferentes freguesias que assumiam um papel de serviço proximidade com as comunidades. Consequentemente, promove-se o sentimento de isolamento, que se torna ainda mais evidente, face à escassa manutenção do património local, ausência de iniciativas de requalificação e desenvolvimento das aldeias e lugares.

Neste contexto, o desafio de uma intervenção arquitectónica em Bemposta é particularmente exigente, não pelos obstáculos que condicionam a requalificação e desenvolvimento local, mas sim, pela diversidade na escolha de acções plausíveis que podem ser o ponto de partida para um cenário estratégico de requalificação. [fig.60]

De forma a promovermos uma estratégia sólida e auto-suficiente, tivemos como objectivos principais a promoção e representação dos interesses e aspirações locais. A prática colaborativa entre as várias entidades que interagem com o lugar, tornou-se o ponto decisivo da estratégia, de forma a que estas promovam a mudança, pois são as pessoas os principais actores e potenciadores do lugar. Propomos uma intervenção que impulse a interacção das pessoas com o lugar, através da sua participação com o espaço para que este vá de encontro ao quotidiano das populações.

Optamos por uma estratégia de intervenção local de pequena escala, que oriente um desenvolvimento de dentro para fora, utilizando as "ferramentas" do lugar. Maioritariamente actuamos sobre edifícios devolutos e em ruína e, ainda em monumentos locais que de acordo com o nosso diagnóstico, desempenharam um papel importante no passado, mas que devido ao seu estado degrado de conservação são muitas vezes encarados como obstáculos estruturais à requalificação local. Não pretendemos com isto uma recriação romantizada do passado, mas sim a reconfiguração para o presente.

A aldeia de Bemposta foi entendida por nós como um monumento histórico em si, composto por edifícios individuais, ou monumentos singulares, divididos em duas categorias: obras prestigiadas e obras modestas, que fazem parte da arquitectura quotidiana popular ou vernacular. O tecido articulado entre obras modestas constituem o ambiente das obras prestigiadas, funcionando como um todo e uma entidade, pois existem inter-relacionadas.

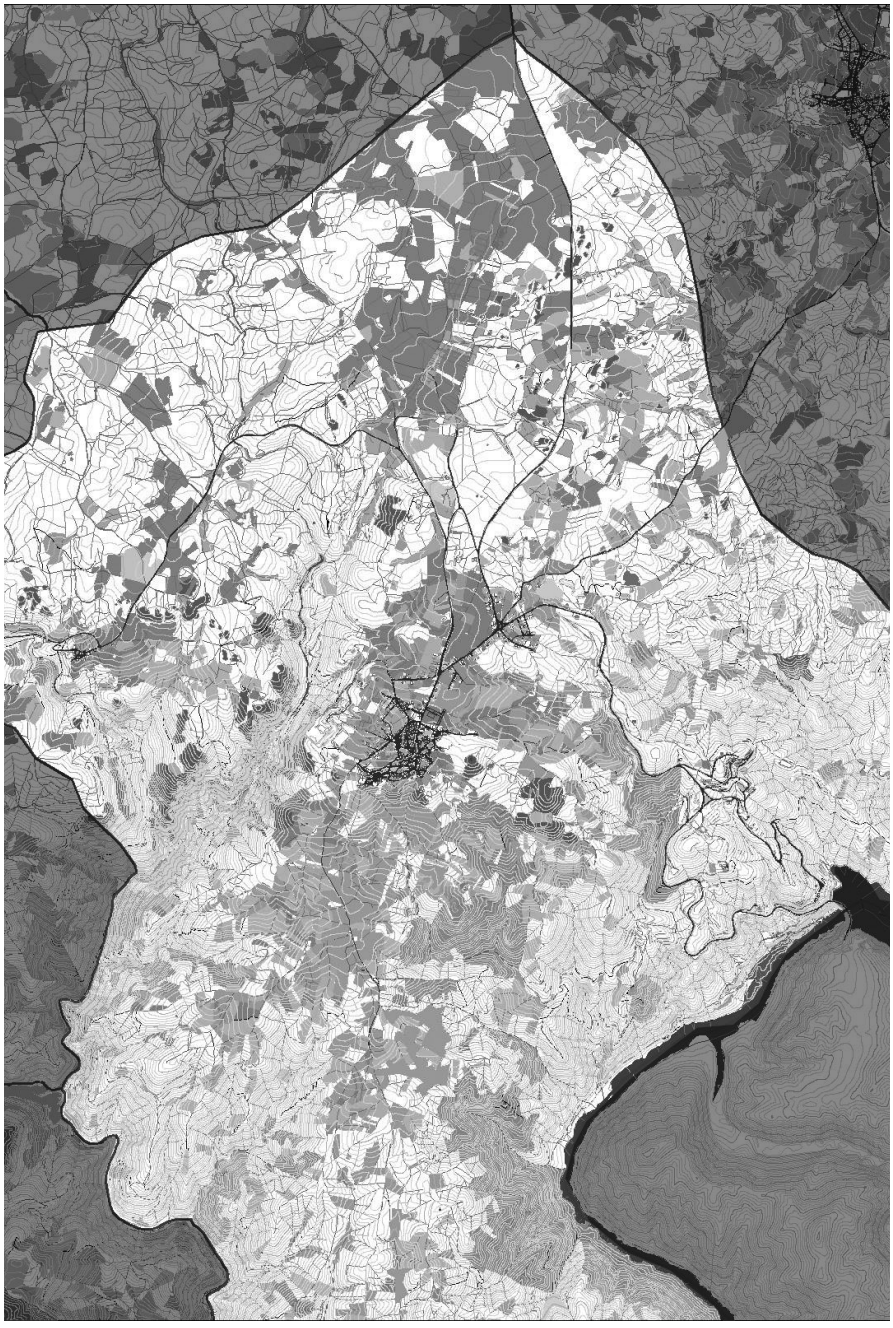


Fig.60: Planta de Bemposta

Porém, é necessário promover-mos uma distinção entre estes monumentos singulares no que toca ao seu estado de conservação e à sua capacidade de uso. Ou seja, podemos dividir estes em Monumentos vivos, construções cujo estado de conservação permite a permanência do uso actual e a introdução de um novo uso compatível; ou em Monumentos Mortos, construções consideradas testemunhos do passado cujo estado de conservação impede o seu uso ou no extremo a introdução de um novo.

O plano de acção começa pela avaliação de cada edifício singular, que garanta uma intervenção mais convincente e adequada, capaz de estabelecer relações e que elimine o seu isolamento, de maneira a que estas singularidades prévias possam funcionar e exercer funções em grupo, ou seja, um conjunto arquitectónico que se adapte ao interesses e vida das pessoas.

A intervenção nos conjuntos arquitectónicos não pode ser vista de forma idêntica aos de monumentos singulares, pois devemos ter em consideração que estes conjuntos assimilam relações entre corpos construídos e os vazios. Interviemos singularmente tendo em conta a harmonia e os papéis que estas peças únicas desempenham no conjunto arquitectónico e no lugar. A questão da inserção de arquitectura contemporânea nos conjuntos históricos, é para nós possível e em determinados casos necessária, de forma a garantir o conjunto que estes espaços representam ao serviço do interesse colectivo das populações residentes.

Com o intuito de encontrar um ponto no tecido construído de Bemposta que reflicta o valor da sua identidade, não apenas pelo somatório de valores individuais dos edifícios com especial interesse histórico, mas também pelo seu valor como organismo, a nossa proposta de intervenção orienta-se por dois rumos que partilham os mesmos ideais a escalas diferentes.

Num primeiro ponto propomos a revitalização do roteiro de Bemposta, composto por monumentos de elevado valor local, reconhecidos do ponto de vista histórico, arqueológico, arquitectónico, estético e sociocultural. Roteiro que persiste no tempo e às transformações envolventes, composto por monumentos individuais classificados, como é o caso de várias capelas, o Pelourinho, as ruínas da antiga Muralha, casas brasonadas, o Inferno, a Igreja Matriz, etc.. [fig.61]

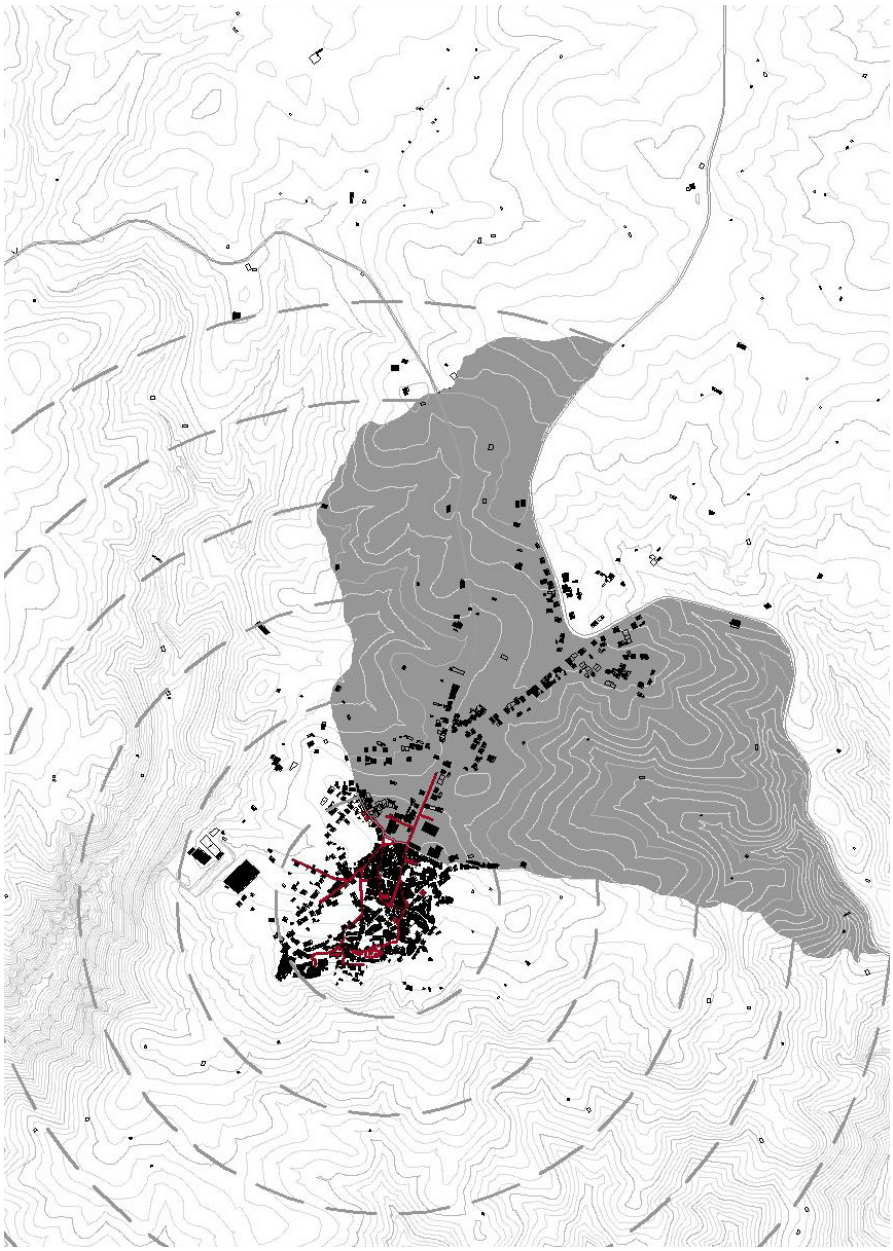


Fig.61: Planta de cheios e vazios, analise da área de crescimento da aldeia nas ultimas decadas, assim como o roteiro de Bemposta.

Perante os perigos que ameaçam o património local seja através do envelhecimento, degradação, abandono e mau uso tectonico de materiais pouco adaptados ao ambiente local, procuramos encontrar um equilíbrio entre a conservação e a mudança para a permanente adequação às novas funções da vida contemporânea, de forma a que estes monumentos, que fazem parte do roteiro, funcionem de acordo com as necessidades da sociedade usufruidora do lugar de Bemposta.

No meio rural as necessidades que o homem tem de preservar o enquadramento histórico e os conjuntos arquitectónicos, estão muitas vezes associadas ao proposito da não alteração as paisagens circundantes, assim como as construções nelas inseridas, nomeadamente a arquitectura de carácter popular (vernacular) e a arquitectura monumental (classificada), que em paralelo reflectem as relações morfológicas tradicionais no espaço. [fig.62]

Contudo, o processo e dinâmica da vida do Homem tende mais para a evolução do que para a conservação, levando em determinados casos à ruptura na reabilitação e remodelação de alguns monumentos ou edifícios de carácter popular. Postos de parte por receio de mudança, estes edifícios perdem o seu propósito na relação do homem com o lugar, resultando em edifícios isolados. Todavia, a função de um edifício não é o elemento dominante no que toca à sua continuidade e uso, visto que a sua função só se justifica num determinado tempo (*aion*) e numa determinada sociedade. Com o decorrer do tempo as necessidades vão mudando, independentemente da função de um edifício ou monumento, pois todos estes possuem relações significativas com o meio físico, visual e cultural em que estão inseridos.

Assim, no segundo ponto da estrategia de intervenção, propomos uma intervenção focada no conjunto arquitectónico que envolve o "Inferno" de Bemposta, não apenas pela importância histórica que este teve para a memória do lugar, mas principalmente pelo isolamento e desuso presente nesse conjunto edificado actualmente.

Procuramos uma arquitectura atenta e interpretativa, de maneira a dar continuidade às características formais e identitárias do lugar. Sobretudo à prática de uma arquitectura adaptável à vida quotidiana de Bemposta, de forma a evitar roturas desnecessárias e isolamentos futuros.



Fig.62: Roteiro de Bemposta composto pelos seguites elementos: 1-Estrada para a Barragem 2-Estrada para Lamoso e Ribeira 3-Antiga Casa do Povo 4-Caminho para Lamoso 5-Capela de Santo Cristo 6-Casa Brasonada, Solar e Capela 7-Pelourinho 8-Casa da Junta 9-Caminho para a Ribeira e Moinhos 10-Capela de D. Sebastião 11-Caminho para Vinhas e Oliveiras 12-Casa Brasonada e Capela de S. Rita 13-Inferno e Saida Subterrânea 14- Igreja Matriz 15-Capela de S.Barbara e Vista para as vinhas 16-Ruínas da Muralha do Castelo

3.3.2 Centro de Convívio e Cultural de Bemposta

De maneira a desenvolver uma proposta de intervenção viável, é fundamental identificar o tipo de relações significativas que o conjunto arquitectónico estabelece com o seu contexto, seja em termos físicos, visuais e culturais, relações que por sua vez dão forma à atmosfera e carácter que definem o lugar. [fig.63]

Um lugar é a apreensão que o homem faz da realidade através dos seus sentidos, assim potenciar e manter a identidade de Bemposta depende de quatro factores distintos: a capacidade de delimitar o lugar, as leituras diversas consoante o observador e o tempo, a valorização das relações de afectividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao meio envolvente e por último a preservação das perspectivas estéticas do conjunto.

Para a delimitação do conjunto arquitectónico escolhido para a proposta de intervenção, tivemos em conta a identificação de uma unidade morfotipo lógica, constituída por um ou mais edifícios de elevado valor histórico, cujo valor, seja reconhecido pela comunidade como parte da sua identidade. [fig.64]



Fig.63: Planta do Conjunto Arquitectónico da Intervenção.



Fig.64: Vista do Centro de Convívio e Cultural de Bemposta.



Um conjunto composto por elementos envolventes aos monumentos, quer construídos ou naturais, que fossem adequados ao uso público (eventos de carácter social, religioso, feiras, intervenções culturais, etc.), capazes de favorecer a relação afectiva entre a comunidade e o seu património. Além disso, o conjunto está vocacionado também, para a promoção da qualidade de vida local, o fortalecimento do carácter simbólico dos monumentos e a preservação da sua identidade.

Todos os imóveis culturais possuem relações significativas com o meio físico, visual e simbólico onde se inserem. A compreensão destas relações, o conhecimento da sua história e o seu significado cultural, foram essenciais para a execução de uma proposta de intervenção sólida neste conjunto arquitectónico. Revela-se igualmente importante entender as condições que fundamentaram a sua origem e a análise da sua evolução no tempo, de forma a vislumbrar alguns dos acontecimentos históricos e valores significativos que na nossa perspectiva, justificam o seu valor monumental e a sua conservação. [fig.65]

Procuramos encontrar os pontos fortes da interacção do conjunto com a vida quotidiana local, de maneira a garantir a sua sobrevivência funcional dependente da relação que estabelece com a comunidade, visto que, um dos problemas mais complexos na preservação de um ou mais edifícios (conjuntos), são as interpretações diversas às quais os conjuntos estão sujeitos, dependendo do contexto sociocultural de cada comunidade e o tempo em que estas interpretações são determinadas.

Assim, no desenvolver da intervenção tivemos em conta o lugar em três fases temporais: a leitura do passado, quanto ao valor e autenticidade do conjunto, a interpretação do presente de acordo com a sua identidade, incluindo as relações significativas no meio em que se insere e, por último, uma projecção de futuro desejosa de potenciar o seu significado, seja por vias de conservação, ampliação ou alteração formal.

Concluindo, a área onde a proposta de intervenção se implanta é composto pelo conjunto arquitectónico em que o monumento “Inferno” se integra. Este situa-se num dos pontos geográficos tipologicamente mais elevados de Bemposta, uma localização privilegiada tanto pelas perspectivas visuais como pelos traçados de mobilidade directos à aldeia e aos caminhos que se difundem pelo restante território. [fig.66]



Fig.65: Purgatório subjugado pelo tempo e pela Natureza, habitação que alberga o "Inferno", porta subterranêa que dá acesso a um tunel para os campos de Bemposta.



Fig.66: Intervenção no Puragtório, como um elemento de contemplação, mantendo a sua estrutura e memória



Este conjunto é delimitado pela Rua do Castelo e pela Rua da Muralhada do Castelo, tratando-se de um dos pontos finais do Roteiro de Bemposta, tendo como monumentos de referência a Igreja Matriz, Miradouro e da Muralha medieval. O conjunto arquitectónico é na nossa perspectiva de elevado valor histórico para afirmação colectiva da comunidade local, comprometido com a própria matriz de ocupação humana da aldeia de Bemposta.

O conjunto é composto por um total de vinte seis edifícios, em que dezoito correspondem a construções típicas da Região Norte Interior, em continuidade com a típica casa Serrana, organizada por um a dois pisos de planta quadrada ou rectangular, tectonicamente construída em granito.

Alguns dos edifícios do conjunto, estão comprometidos como armazéns dos utensílios agrícolas, tornando-se igualmente evidente, que alguns destes, entretanto em desuso, apresentam sinais de degradação e estado de ruína, permitindo que a natureza os ocupe.

Os restantes edifícios, de datação mais recente, destinam-se à habitação, mantendo espaços de produção e armazenamento. Porém, na maioria dos casos estes edifícios não foram concluídos, pelo que apresentam um estado de degradação e aparente abandono acelerado. [fig.67]

As relações significativas que estas construções tradicionais estabelecem com os monumentos da aldeia, em paralelo com o restante território, são um dos pontos a salientar da nossa proposta de intervenção. Visto que, estas são o reflexo de uma construção de relações contínuas ao longo do tempo. São um sinónimo da autenticidade do lugar, transbordam história e os valores da identidade local e ainda que que se encontrem num estado de "dormência", são verdadeiros potenciadores do lugar. [fig.68]

Assente em três desafios e um conceito formal, com o primeiro desafio de carácter urbanístico pretendemos promover o conjunto arquitectónico como um elemento ordenador do espaço. [fig.69] Ou seja, mesmo fazendo parte do Roteiro de Bemposta, a nossa intervenção tem como objectivo na sua capacidade de organizar território, criar uma unificação do espaço capaz de suportar diversos usos, funções e fundamentalmente criar lugares.



Fig.67: Exempelar da Casa Serrana Este da Rua da Muralha do Castelo, onde se observa uma clara diferenciação de estilos, épocas de construção e conservação dos edifícios.



Fig.68: Intervenção na demolição de edifícios em alvenaria de tijolo abandonados e construir novos edifícios, mantendo a cota e volumes.



No segundo desafio, de carácter político, dividido em duas dimensões, a nossa intervenção pretende promover as relações sociais em domínio público, criando a necessidade de criar espaços de transição que contribuam para a hierarquização e organização espaço colectivo. Pretendemos garantir o direito universal dos utilizadores ao acesso de espaços.

No terceiro e último desafio, de matriz cultural, o carácter da nossa intervenção assenta na promoção do património local, inserindo o conjunto como um dos principais indicadores dos valores da ruralidade espacial, sejam estes históricos, políticos ou simbólicos. Esta estratégia, pretende valorizar o papel activo da comunidade na preservação da continuidade das tradições locais. [fig.69]

Tendo em conta os desafios propostos, a nossa intervenção revela conceptualmente a construção de um espaço colectivo de carácter comunitário, que pode ser encarado como um fórum de partilhas sociais e culturais, promovendo ao mesmo tempo interacção entre pessoas, favorecer a comunicação e apoiar o desenvolvimento pessoal.

Perante a diversidade tipo-morfologica evidenciada e as materialidades diversas, propomos que cada elemento arquitectónico, pertencente a um tipo ou época, resulte num desfecho e abordagem diferenciadas, e que estas se incorporem no conjunto como a criação de um mosaico de novas realidades arquitectónicas e espaciais, só possíveis pelos critérios de estratégia preestabelecidos que impõem a demolição de alguns elementos e a alteração de outros.

Tectonicamente, a intervenção põe em evidência o paralelismo entre os métodos tradicionais e os contemporâneos no que toca à intervenção arquitectónica. [fig.70] Pressupõe-se uma intervenção com capacidade de transformar e de hibridizar funções, onde usos diferenciados podem adaptar-se ao "envelope" arquitectónico, atribuindo aos edifícios que compõem o conjunto arquitectónico, um carácter volátil no seu interior.



Fig.69: Edifício em ruínas que compõe um dos extremos do conjunto



Fig.70: Intervenção que consistiu na reabilitação e aproveitamento do existente valorizando a identidade local.



O Centro de Convívio e Cultural de Bemposta enquanto modelo proposto, funcionará como uma vínculo entre o passado e o futuro, revestindo-se como elemento de integração da nova identidade do lugar. [fig.71]

De forma a potenciar uma integração coesa com o tecido arquitectónico existente, opta-se pela demolição dos edifícios em alvenaria de tijolo e em mau estado de conservação. Em vez de uma demolição pura e simples, opta-se pela construção de edifícios novos em betão, respeitando a estrutura e traços gerais dos antigos no que toca a cotas e volume, de forma a não criar conflitos visuais e de memória nos habitantes. Os novos edifícios foram pensados com uma estética minimalista, apresentando linhas limpas e formas simples que contrastam, mas se harmonizam com a envolvente histórica. Em alguns casos, restauram-se apenas as fachadas dos edifícios originais, mantendo a sua presença histórica e introduzindo interiores modernos que respondem às necessidades contemporâneas.

A escolha do betão como material principal foi deliberada, simbolizando tanto a permanência como a adaptabilidade. As superfícies de betão, na sua simplicidade, permitem que o jogo de luz e sombra dos edifícios ao longo do dia, criem uma experiência visual dinâmica, de forma a reforçar o conceito temporal do projecto. A opção pelo uso de aço oxidado (Cortem) como material para os vãos das janelas, reforça a afirmação do carácter contemporâneo através da sua materialidade.

Ao reutilizar materiais recuperados das estruturas demolidas, o nosso projecto adopta uma abordagem sustentável, reduzindo os resíduos e mantendo uma ligação física ao passado. Neste processo de continuidade temporal, a reutilização dos materiais, está comprometida com critérios que entroncam na promoção dos objectivos de um desenvolvimento sustentável. [fig.72]

Nos edifícios de carácter vernaculares e em bom estado de conservação, optamos pela requalificação das suas fachadas e demolição das paredes interiores. A intervenção consistiu na reabilitação e aproveitamento do existente valorizando o seu carácter arquitectónico, adaptando-os às novas funções. Propomos que os materiais originais, como a pedra e a madeira, sejam meticulosamente restaurados, assegurando uma continuidade material.

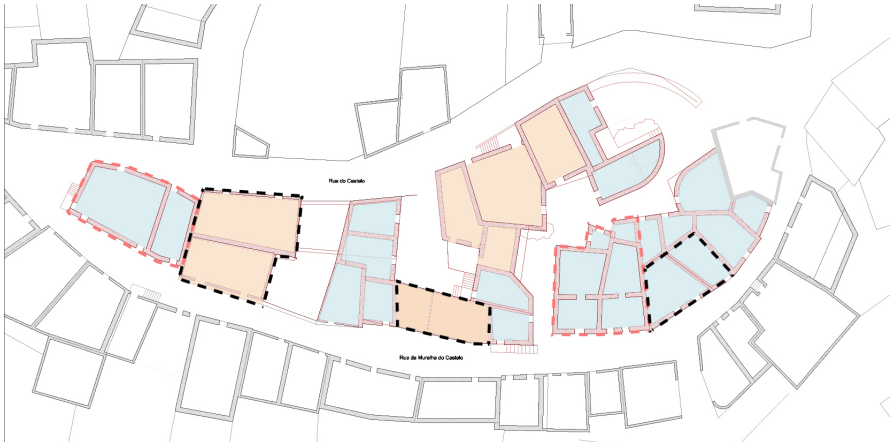


Fig.71: Planta de tipos construtivos e estados de conservação: Edifícios em alvenaria de tijolo Edifícios vernaculares Edifícios em mau estado de conservação Edificios em ruínas

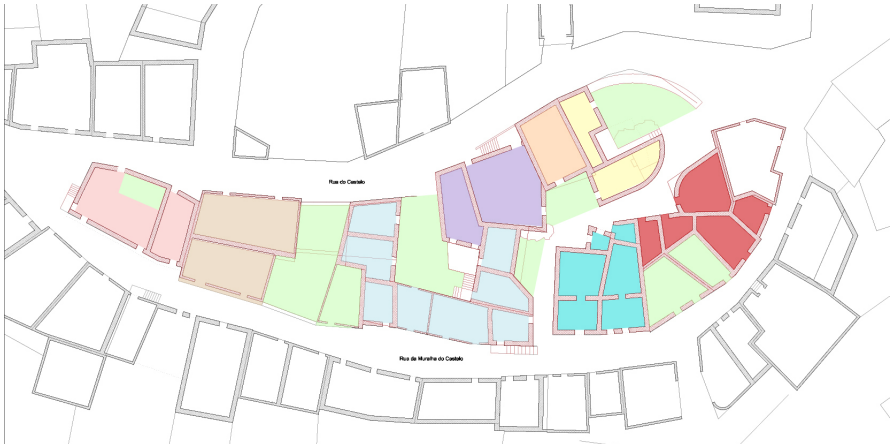


Fig.72: Planta usos e funções: Comissão de Festas e Eventos Centro de dia Área Interactiva Casa do Povo Biblioteca e Arquivo Cafetaria e Esplanada Coberta Museu Etnográfico Purgatório e Inferno Espaços Verdes

Os espaços interiores são reconfigurados através da remoção de paredes não estruturais, abrindo e flexibilizando os espaços, procurando e libertando a luz natural proveniente das aberturas existentes. Isto não só revitaliza os edifícios, como também dá nova vivência aos seus interiores, tornando-os mais propícios à utilização contemporânea, não deixando de respeitar a sua essência histórica. [fig.73]

Nos casos dos edifícios vernaculares em ruínas, a abordagem foi mais matizada, a opção foi preservar e reabilitar as fachadas, mantendo a identidade continente do edifício no conjunto do tecido rural.

Quando não é possível a salvaguarda da fachada, devido ao seu estado de degradação, opta-se pela construção de uma nova fachada leve com recurso a ripado de madeira, respeitando os vãos e forma do antigo edifício, criando jardins no seu interior de apropriação e permanência diversa.

Visto que conjunto arquitectónico, na sua função original era um grupo de edifícios de uso independente, propomos a construção de um sistema de circulações externas e autónomos, permitindo o cruzamento entre os vários volumes através de pontos de contacto partilhado e que garantem o eficaz controlo de entradas compatíveis com a dimensão do espaço colectivo. Este sistema não é apenas uma rede de percursos ou acessos, mas integra-se também numa nova experiência espacial autónoma construída em madeira, com novos elementos de circulação horizontal, pontuados por secções revestidos com tecido translúcido, que permitem a passagem de luz difusa, tornando possível a ligação e percepção dos vários volumes em múltiplas perspectivas.

As circulações foram concebidas para criar um sistema articulado entre os edifícios e as novas experiências urbanas criadas na envolvente. À medida que os utilizadores se deslocam, deparam-se com diferentes perspectivas, quer naturais ou construídas, capazes de oferecerem uma visão singular do lugar. Estas novas estruturas adaptam-se aos obstáculos existentes, respeitando os “acidentes” históricos e introduzindo novas ligações horizontais e verticais que melhorem a acessibilidade universal aos espaços. [fig.74]



Fig.73: Planta da Proposta de Intervenção: 1. Comissão de Festas e Eventos; 2. Centro de dia; 3. Área Interactiva; 4. Casa do Povo; 5.Biblioteca e Arquivo; 6. Cafetaria e Esplanada Coberta; 7. Museu Etnográfico; 8.Purgatório e Inferno; 9. Sistema de circulação externo.



Fig.74: Proposta de intervenção que procurou o equilíbrio entre o novo e o antigo, perspectiva da Rua do Castelo.

No caso do Purgatório, a habitação que alberga o "Inferno", é proposto que se crie uma estrutura de contemplação em madeira, alçada e afastada das paredes. De igual modo, reforça-se a sua estrutura através de elementos em aço oxidável, mantendo o seu acesso livre, de maneira a que se integre no quotidiano da aldeia e nos momentos das visitas turísticas. [fig.75]

Como objectivo global desta intervenção, encontra-se a intenção de melhorar a qualidade de vida local, reforçando tal como já evidenciamos anteriormente, para reforçar o carácter simbólico do lugar e preservar a sua identidade. Ao considerar cuidadosamente a história local e as potenciais utilizações futuras, o projecto foi concebido como um factor de evolução e mudança dos paradigmas, mantendo-se num plano de relevância quanto às medidas impostas pela urgência da satisfação das necessidades contemporâneas de mudança na comunidade.

O sucesso deste ensaio projectual e o seu enquadramento nos objectivos gerais desta dissertação, reside na sua capacidade de estabelecer contactos com os objectivos particulares do tema escolhido, a experiência de construir no construído. [fig.76]



Fig.75: Vista da intervenção no interior do Purgatório, ligação ao primeiro piso.



Fig.76: Vista da intervenção no Purgatório, estrutura de madeira realçada e afastada da ruína, realçando o uso contemplativo do espaço de memória.

Conclusão

A investigação focou-se na intrínseca relação entre lugar, memória e identidade, cuja compreensão, desempenha um papel fundamental na forma como a arquitectura pode conciliar a preservação do património com as exigências evolutivas do desenvolvimento arquitectónico contemporâneo. O estudo teve como objectivo explorar as formas como os lugares de memória e identidade estão interligados com o ambiente construído, propondo abordagens que permitam à arquitectura construir sobre estruturas existentes, honrando a continuidade histórica e, ao mesmo tempo, responder às necessidades actuais. O desafio fundamental reside no equilíbrio entre a conservação da essência histórica de um lugar e a necessidade de intervenções arquitectónicas significativas, adaptativas e orientadas para as exigências do futuro.

No primeiro capítulo, a exploração do significado de lugar revela a natureza multifacetada da conformação deste espaço especifico enquanto realidade ocupada, estruturada, simbólica e globalizada. Estas distinções sublinham que o lugar não se trata apenas de uma localização física, mas sim de uma construção complexa imbuída de significado social, cultural e simbólico.

O conceito de identidade, de acordo com a apressiação mais terorica no segundo capítulo, demonstrou ser um processo dinâmico profundamente enraizado na memória, no património e nas experiências colectivas de uma comunidade. A análise dos lugares de memória e do património ilustrou a forma como as narrativas históricas e culturais estão incorporadas no ambiente construído, como um recipiente para a memória colectiva, ancorando a identidade de um lugar e dos seus habitantes através da arquitectura. O património, neste sentido, não é estático, mas um elemento vivo, com personalidade, que evolui a par das comunidades que representa, moldando e sendo moldado pela interacção contínua entre o passado e o presente.

No terceiro capítulo, o ensaio projectual acrescenta um *módus operandi*[10] para compreender de acordo com a caracterização da realidade a identidade regional e a memória de um lugar podem ser preservadas e integradas em intervenções arquitectónicas contemporâneas. A metodologia proposta explora os meios para construir sobre o ambiente construído, sublinha a importância do contexto, da continuidade e da participação activa da comunidade no processo de projecto. Esta abordagem enfatiza a continuidade patrimonial em novos projectos, assegurando que as intervenções arquitectónicas respeitam a narrativa histórica incorporada nos lugares.

A criação desta perspectiva da identidade dos lugares, permitiu à investigação identificar três elementos fundamentais para o desenvolvimento arquitectónico: a escala espacial, o período de tempo e a perspectiva do observador. A escala espacial de cada lugar revelou que a identidade varia significativamente consoante o nível de análise, seja uma área metropolitana, o centro de uma aldeia, um quarteirão ou uma rua individual. A compreensão desta variabilidade permite uma avaliação mais matizada dos componentes que influenciam a identidade dos lugares em cada escala. O tempo, enquanto factor dinâmico, foi salientado como crucial para a compreensão da identidade. Os lugares não são estáticos, nas suas dinamicas evoluem e, com eles, assiste-se também à evolução da sua identidade. Esta evolução, moldada num palimpesesto de camadas históricas, sociais e culturais, deve ser entendida não só em termos dos seus resultados, mas também como um processo contínuo que reflecte a interacção dinamica entre o passado, o presente e o futuro.

10 A introdução de referência do latim procura o seu entendimento daquilo que é o modo de actuar sobre a coisa lidada, e não tanto a técnica da realização.

A perspectiva do observador enriquece ainda mais o estudo dessa mesma identidade, pois a percepção identitária varia em função de quem a observa, sejam residentes nativos, residentes não nativos, visitantes ou a intervenção dos profissionais, com o destaque dos arquitectos quando necessário. Cada grupo traz uma perspectiva única, influenciada pela sua relação com o local, contribuindo assim para uma compreensão mais abrangente da identidade dos lugares.

Ao examinar o conceito de carácter do lugar, ou *genius loci*, a investigação sublinhou a sua importância na orientação do projecto arquitectónico, especialmente em áreas de intervenção patrimonial. A preservação deste "espírito do lugar" não se limita à conservação das estruturas físicas, mas sim à manutenção do carácter intrínseco que torna um lugar único e significativo para os seus habitantes. Este carácter está profundamente vinculado a uma imagem associada a uma memória e a uma identidade, uma vez que os lugares são reflexos distintos das sociedades que os criam e habitam, em que as intervenções arquitectónicas devem ser simbioticas e sincréticas[11] equilibrando cuidadosamente as exigências de preservação com a necessidade de inovação, promotoras dos fenomenos do habitar.

O processo de identidade dos lugares, como esta investigação demonstrou, é um fenómeno complexo e em constante revisão, moldado por elementos tangíveis e intangíveis. O ambiente natural e construído, a sua dinâmica sociocultural e as memórias colectivas interagem para formar uma identidade única que é continuamente redefinida na perspectiva do tempo. Esta evolução, marcada por camadas de memória e acontecimentos históricos, cria uma narrativa rica e multifacetada que é crucial para os fenomenos de identidade. Os conhecimentos adquiridos ao longo desta dissertação contribuem assim, para uma maior ambição na continuidade da dissertação sobre a relação entre lugar, memória e identidade na arquitectura, que procure integrar a continuidade histórica com as exigencias do desenvolvimento da contemporaneidade.

11 Na perspectiva da criação de uma fusão entre elementos culturais diferentes

Em conclusão, a preservação da identidade exige um equilíbrio delicado entre o respeito pelo passado e a satisfação das necessidades actuais. O envolvimento de arquitectos e das comunidades locais é essencial neste processo, assegurando que o património não seja apenas preservado, mas também reinterpretado para responder às exigências entre tanto suscitadas. Ao adoptar uma abordagem metodológica que reconhece a relação dinâmica entre o património e o ambiente, podemos criar lugares que honram a sua história, mantendo-se vibrantes e vivenciadas para os seus habitantes. Esta abordagem garante que o tecido construído continue a evoluir de forma a respeitar o caracter funcional do espaço e nas respostas quotidianas dos seus utilizadores.

Bibliografia

ALVES COSTA, A. (2007). Portugal, Cidade e Arquitectura. Revista de História da Arte, 4, pp. 6–23

ASCHER, François (2010). Os novos princípios do urbanismo. São Paulo: Romano Guerra

AUGÉ, Marc (1994). Não - lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Venda Nova: Bertrand Editora

BACHELARD, Gaston (1957). La Poétique de l'Espace, Quadrige. Paris: P.U.F.
BOGÉA, Marta (2009). Cidade errante: arquitetura em movimento. São Paulo: Editora SENAC

BOLLNOW, O. F. (2019). O Homem e o Espaço. Curitiba: Editora UFPR

BOULDING, Kenneth. (1961) The Image. Michigan: University of Michigan Press

BREAKWELL, Glynis (1986). Coping with Threatened Identities. Londres: Methuen

BUTINA, Watson (2007). Identity by Design. Oxford: Architectural Press CANNATIA, Michele e FERNANDES, Fátima (1999). Construir no Tempo. Lisboa: Estar Editora

CANTER, David (1977). The Psychology of Place. Londres: The Architectural Press Ltd

CARDOSO, Isabel Lopes (2013). Paisagem Património. Porto: Dafne

CARRUS, G.; BONAIUTO, M.; BILOTTA, E.; CECCARELLI, M. & BONNES, M. (2006). Place-identity process and environmental sustainability: Relations between local identification, support for biodiversity conservation, and use of fresh-water resources. Alexandria: Conference, Environment, Health and Sustainable Development

CASTELLS, Manuel (1999). A Sociedade em Rede. Volume I. Rio de Janeiro: Paz e Terra

CATTANEO, Salvatore (1997). La questione dei centri storici. Milão: Giuffrè

CHAMBERS, Erve (2006). Heritage Matters: Heritage, Culture, History and Chesapeake, Bay. Maryland: The Maryland Sea Grant College

CHESHMEHZANGI, Ali (2020). Identity of Cities and City of Identities. Singapore: Springer

CHING, Francis D. K. (2005). Arquitectura, Forma, Espaço e Ordem. São Paulo: Martins Fontes

CHOAY, Francoise (2011). As Questões o Património, Antologia para um combate. Lisboa: Edições 70

COELHO, António B. & CABRITA, António R. (2009). Habitação evolutiva e adaptável. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil

COX, Harvey Gallagher (1968). The Restoration of a Sense of Place: A Theological Reflection on the Visual Environment. Ekistics

DIXON, J. & DURRHEIM, K. (2000). Displacing place-identity: A discursive approach to locating self and other. British Journal of Social Psychology, 39, pp. 27-44

DUARTE, R. B. (2002). Os Valores do Lugar, Arquitectura e Vida

DURKHEIM, Émile (1999). Da Divisão do Trabalho Social. São Paulo: Martins Fontes, Coleção Tópicos

DURKHEIM, Émile (2004). As Regras do Método Sociológico. Lisboa: Editorial Presença

FARIA, Célia Joaquina Fernandes (2009). A construção do lugar arquitectónico. A significação da forma arquitectónica na perspectiva da experiência do sujeito. Lisboa: FAUTL

FERNADES, Manuel (2005). Bemposta, um tempo e um ser- Raizes de uma Identidade. Mogadouro: Publix

GOFF, Jacques le (1996). History and Memory. Nova York: Columbia University Press

GONZÁLEZ REY, Fernando (2005). Sujeito e subjetividade: uma aproximação – Histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thonson Learning

HAGUE, Cliff.; JENKINS, Paul. (2005). Place Identity, Participation and Planning. Londres: Routledge

HALL, Edward T. (1990). The Hidden Dimension. Londres: Anchor

HEIDEGGER, Martin (1969). Identity and Difference. Nova York: Harper and Row

HENRIQUES, Fernando M. A. (1991). A Conservação do Património Histórico Edificado. Lisboa: LNEC, Memória 775

HIGINO, Nuno (2010). Álvaro Siza: Desenhar a Hospitalidade. Porto: Casa da Arquitectura

JENKINS, Jenkins (2014). Social Identity, Key Ideas. Londres: Routledge

JORGE, J. D. G. (2007). Lugares em Teoria. Lisboa: Caleidoscópio

KELLERT, S. R. (2015). Biophilic Design: The Theory, Science, and Practice of Bringing Buildings to Life. Nova Jersey: John Wiley & Sons

KOOLHAAS, Rem (1995). The Generic City. Nova York: The Monacelli Press

LEE, Keunhye (2022). The Interior Experience of Architecture: An Emotional Connection between Space and the Body, Buildings

LIPOVETSKY, Gilles (2004). Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla

LOZANO, Eduardo (1990). Community Design and the Culture of Cities: The Crossroad and the Wall. Cambridge: Cambridge University Press

LOPES, Flávio (2013). Zonas de protecção ao Património Arquitectónico- Para que servem?. Casal e Cambra: Caleidoscópio

LYNCH, Kevin (1960). What time is this place. Massachusetts: MIT Press

LYNCH, Kevin (1960). The Image of the City. Massachusetts: MIT Press

LYNCH, Kevin (2018). A boa forma da cidade. Arquitetura e urbanismo. Lisboa: Edições 70

MACEDO, Artur Emanuel Ribeiro (2020). Habitar o Lugar – Habitação unifamiliar em Silvares. Covilhã: Universidade da Beira Interior

MADEIRA DA SILVA, T. (2009). O Lugar Arquitetónico: um Modelo Teórico de Interpretação, Lisboa: ISCTE-IUL

MANZO, L. C. (2003). Beyond house and haven: Toward a revisioning of emotional relationships with places. Journal of Environmental Psychology, 23, pp. 47-61

MARQUES, Olivier Cardoso (2018). Do lugar ao espaço – Metamorfose das Termas St. António, Celorico da Beira. Covilhã: Universidade da Beira Interior

MASSEY, Doreen (2000). O espaço da diferença. Campinas: Papirus

MASSEY, Doreen (2005). Pelo espaço. Rio de Janeiro: Bertrand

MERLEAU-PONTY, Maurice (2010). Phenomenology of Percepton. Londres: Routledge

MOORE, J. (2002). Placing identity theory: A commentary on Speller, Lyons & Twigger-Ross (2002), A community in transition. Social Psychological Review, 4(2): 25-28

MOUTINHO, Mário (1995). A Arquitectura Popular Portuguesa. Lisboa: Editorial Estampa

NORBERG-SCHULZ, Christian (1971). Existence Space and Architecture, New Concepts of Architecture. Worthing West Sussex: Littlehampton Book Services Ltd

NORBERG-SCHULZ, Christian (1979). Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Nova York: Rizzoli

NORBERG-SCHULZ, Christian (1999). A Arquitectura Ocidental. São Paulo: Edições Gustavo Gili S.A.

PALLASMAA, Juhani (2007). The eyes of the skin – Architecture and the senses. London: John Wiley & Sons

PALLASMAA, Juhani (2011). Os olhos da pele. A arquitetura dos sentidos. Porto Alegre: Bookman

PALLASMAA, Juhani (2013). A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura. Porto Alegre: Bookman

PALLASMAA, Juhani (2018). Habitar. São Paulo: Editora G. Gili, Ltda

PARIS, Sabine Ritter de (2022). Lições de arquitetura através da transformação do espaço residencial: flexibilidade, adaptabilidade e tecnologia no desenho da habitação. Porto: Universidade do Porto

RAPOPORT, Amos (1990). The Meaning of the Built Environment: A Nonverbal Communication Approach. Arizona: University of Arizona Press

RELPH, Edward (1976). Place and Placelessness. Londres: Academic Press

RELPH, Edward (1987). The Modern Urban Landscape. Beckenham: Croom Helm Ltd

RICOEUR, P. (2000). Teoria da Interpretação: O Discurso e o Excesso de Significação, Lisboa: Edições 70

ROSAS, Julia Barbosa (2023). Entre-espaço: arquitetura, imagem e experiência. Porto: Universidade do Porto

ROSE, Gillian (1995). Place and identity: A sense of place. Oxford: Oxford University Press

ROSSI, Aldo (1966). A Arquitetura da Cidade. Lisboa: Edições 70

SIEGEL, D. D. (2012). O Poder da Visão Mental: O caminho para o bem-estar. Rio de Janeiro: BestSeller

SILVA, Teresa Madeira da (2023). O conceito de lugar arquitetónico: contributos da arquitetura e da filosofia hermenêutica. Cidades, Comunidades e Territórios

SMITH, Laurajane (2006). Uses of Heritage. Londres: Routledge

SOLÀ-MORALES, Manuel de (1992). Espacios públicos y espacios colectivos: un nuevo reto, urbanizar lo privado, Barcelona: La Vanguardia

SOLOMON, Nancy B. (2008). Architecture: Celebrating the Past, Designing the Future: Commemorating the 150th Anniversary of the American Institute of Architects. Nova York: Harper Collins

SOUSA, Tiago Emanuel Ribeiro Teixeira de (2020). A estrutura como geradora do espaço e expressão arquitetónica: centro comunitário e interpretativo de Marvila. Covilhã: Universidade da Beira Interior

STEDMAN, R. C. (2002). Toward a psychology of place. Predicting behavior from place-based cognitions, attitude, and identity. Environment and Behavior, 34(5): 561-581

TAVORA, Fernando (1963). Da Organização do Espaço. Porto: Edições do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P.

TRILLING, Lionel (2000). Sincerity and Authenticity. Cambridge: Harvard University Press

TUAN, Yi-Fu (1977). Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL

URRY, John (2000). Sociology beyond Societies. Mobilities for the Twenty-First Century. Londres: Routledge

UZZELL, D.; POL, E. & BADENAS, D. (2002). Place identification, social cohesion, and environmental sustainability. Environment & Behavior, 34(1): 26-53

VALERA, Sergi (1997). Public Space and Social Identity: Psycho-Socio Environmental Monographies. Barcelona: University of Barcelona

VIEIRA, Ana Carolina Ribas (2018). O espaço habitado – para além do espaço geométrico. Lisboa: Universidade Europeia

WALMSLEY, Dennis James (1988). Urban Living: The Individual in the City. Essex: Longman Group UK Limited

ZUMTHOR, P. (2005). Pensar a Arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili

ZUMTHOR, P. (2009). Atmosferas. Barcelona: Gustavo Gili

Artigos

CHESHMEHZANGI, Ali (2015). Urban Identity as a Global Phenomenon: Hybridity and Contextualization of Urban Identities in the Social Environment. Journal of Human Behavior in the Social Environment

Fonte: *https://www.researchgate.net/publication/276455742_Urban_Identity_as_a_Global_Phenomenon_Hybridity_and_Contextualization_of_Urban_Identities_in_the_Social_Environment*

HAUGE, Åshil (2007) Identity and Place: A Critical Comparison of Three Identity Theories. Architectural Science Review

Fonte: *https://www.researchgate.net/publication/233630419_Identity_and_Place_A_Critical_Comparison_of_Three_Identity_Theories1*

HATCH, M. J. e SHULTZ, M. Shultz (2002). The dynamics of organizational identity. Human Relations, Vol. 55

Fonte: *https://www.researchgate.net/publication/247717474_The_Dynamics_of_Organizational_Identity*

PROSHANSKY, Harold- Place-identity: Physical world socialization of the self. J. Environ. Psychol

Fonte: *https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494483800218*

TWIGGER-ROS, Claire e UZZELL, David (1996). Place and Identity Processes, Journal of Environmental Psychology Fonte: *https://www.researchgate.net/publication/254852498_Place_and_Identity_Processes*

Anexos

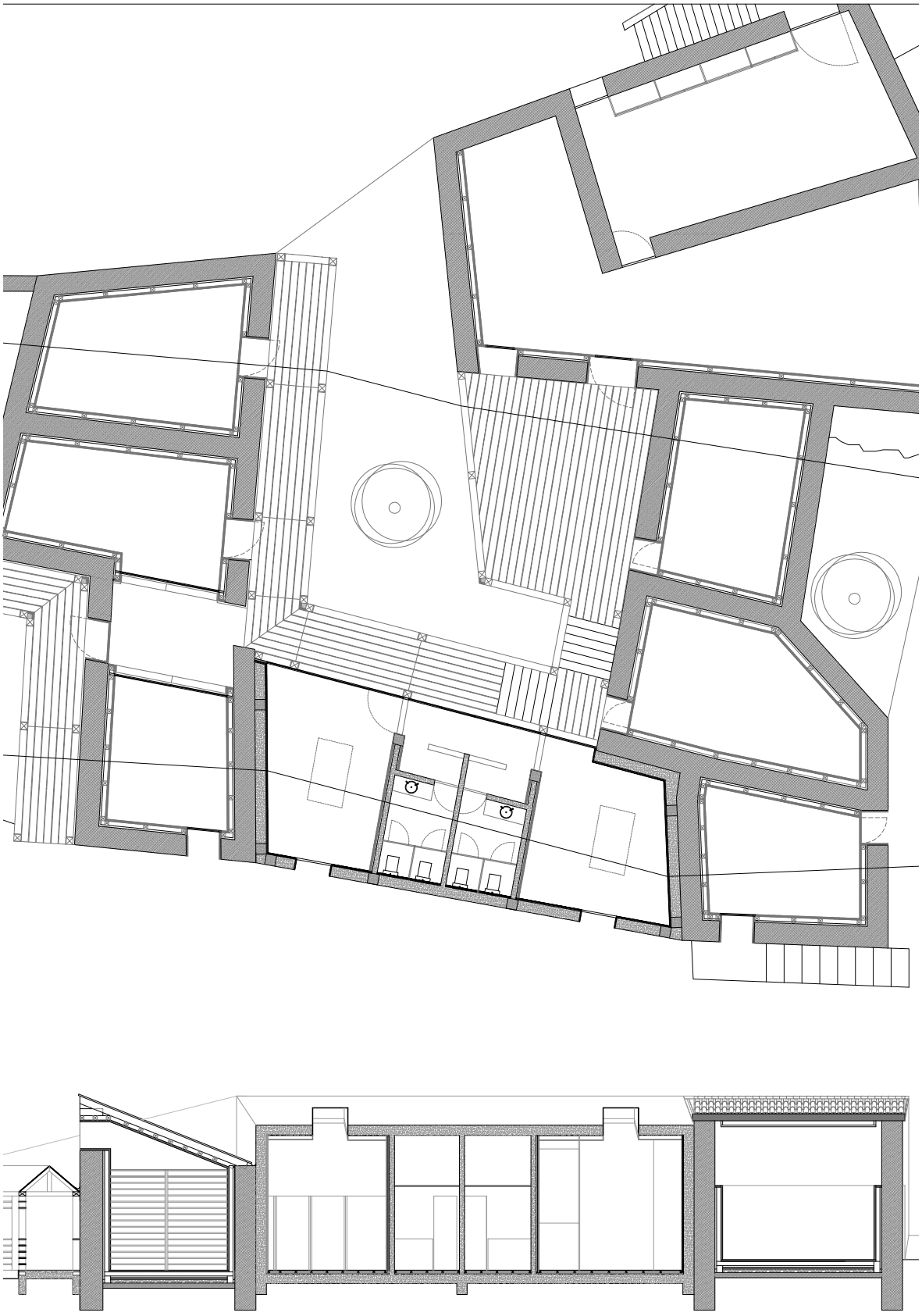


Fig.77: Planta e Corte de detalhes construtivos

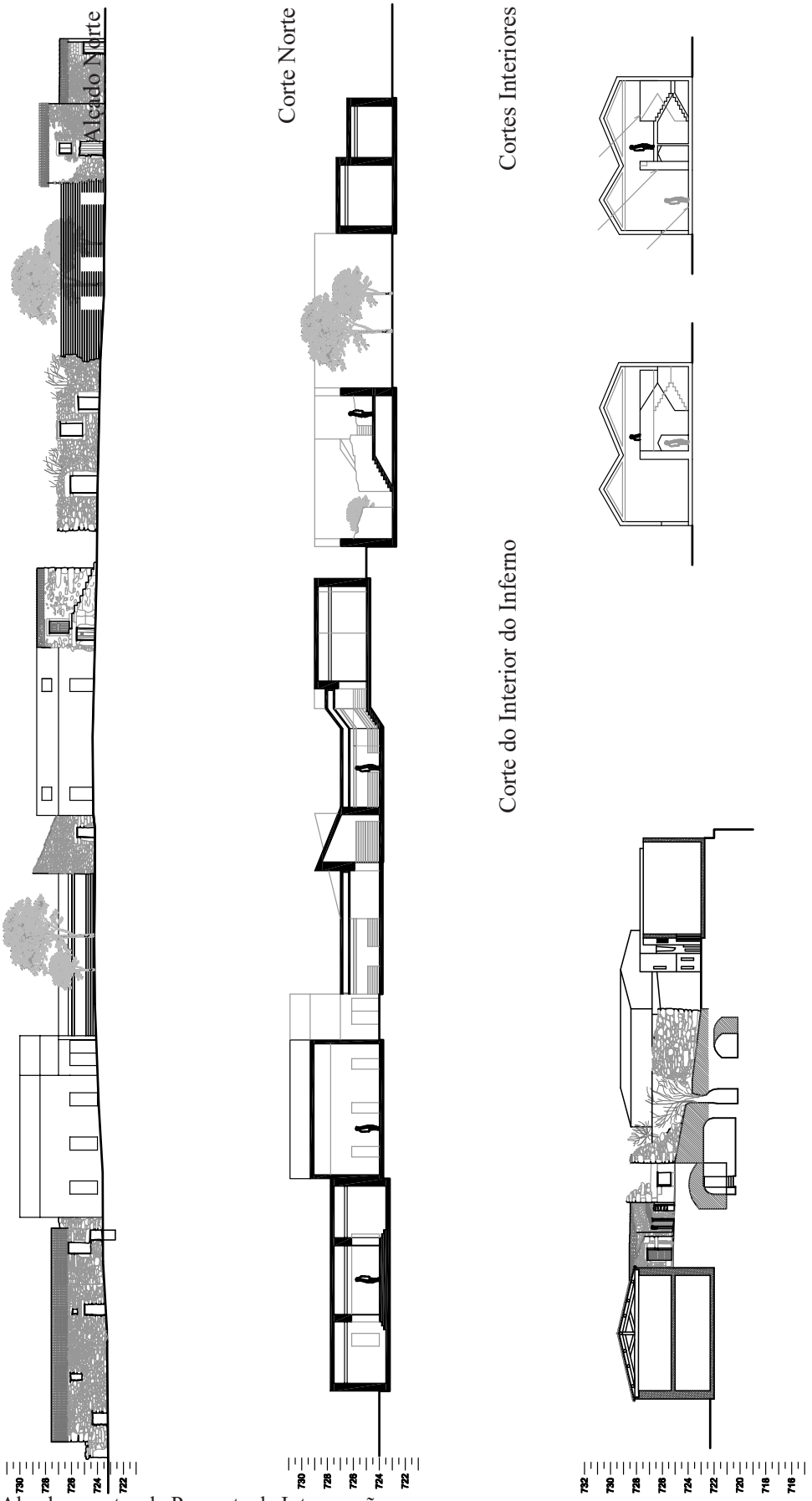


Fig.78: Alçado e cortes da Proposta de Intervenção



Fig.79: Demolição dos edifícios em alvenaria de tijolo abandonados, reconstrução da fachada de forma a não criar conflitos visuais e de memória nos habitantes.



Fig.80: Outra face da proposta de intervenção.



Fig.81: Reabilitação das estruturas vernaculares e a introdução de novos espaços verdes.



Fig.82: Demolição de edifícios em alvenaria e tijolo e a introdução de novos espaços verdes.



Fig.83: Vista interior do Centro de Dia, onde antigas estruturas das ruínas são usadas na construção do novo edifício no primeiro piso



Fig.84: Vista interior do Centro de Dia, onde antigas estruturas das ruínas são usadas na construção do novo edifício no rés-do-chão.